

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Michel Yakini-Iman
(Michel da Silva Ceriaco)

**LETRAS, LADEIRAS E O CUIDAR DE SI:
AUTOETNOGRAFIA DE UM ARTISTA PERIFÉRICO**

Sorocaba
2022

Michel Yakini-Iman
(Michel da Silva Ceriaco)

**LETRAS, LADEIRAS E O CUIDAR DE SI:
AUTOETNOGRAFIA DE UM ARTISTA PERIFÉRICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Carla Corrochano.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Sorocaba
2023

Yakini-Iman, Michel (Michel da Silva Ceriaco)

Letras e Ladeiras e o cuidar de si: Autoetnografia de um artista periférico / Michel (Michel da Silva Ceriaco)
Yakini-Iman -- 2023.
158f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Maria Carla Corrochano
Banca Examinadora: Érica Peçanha do Nascimento,
Felipe de Souza Tarábola
Bibliografia

1. autoetnografia; . 2. periferias; . 3. cuidado de si; . I. Yakini-Iman, Michel (Michel da Silva Ceriaco). II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

MICHEL YAKINI-IMAN

LETRAS, LADEIRAS E O CUIDAR DE SI: AUTOETNOGRAFIA DE UM
ARTISTA PERIFÉRICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Educação para obtenção do título
de Mestre em Educação. Sorocaba, 14 de
fevereiro de 2023.

Orientadora

Dra. Maria Carla Corrochano
UFSCAR

Examinador(a)

Dr. Felipe de Souza Tarábola
UFSCAR

Examinador(a)

Dra Érica Peçanha do Nascimento
INSPER

*Dedico este trabalho ao senhor Omulú e
às falanges de Baianos e Ciganos,
que me ofertaram saúde,
leveza, prosperidade e caminhos floridos
para continuar esse percurso.
Saravá!*

SALVE!

Laroyê, Exu!

Aos meus ancestrais, que abriram caminhos nessa trilha desafiadora que é a vida, eu honro e reconheço a grandiosidade de vocês, com o entendimento de que não preciso mais perpetuar a dor e o sofrimento de vocês para isso.

A todos os meus familiares, em especial à minha mãe, Dona Maria, e ao meu pai, Milton, agradeço por fazerem o melhor possível na minha criação.

Ao Templo Ogum Vence Demanda, em nome da Tia Valda e do Tio Raimundo, que me acolheram espiritualmente e me fortaleceram para dias melhores.

À Casa de Caridade Mamãe Oxum, em nome da Tia Fran, por abrir os caminhos de continuidade.

A Amanda, por me ensinar, com sua sabedoria e serenidade, que o amor é uma construção diária de escambos, parcerias e afetos, na busca pela nossa melhor versão.

Às minhas queridas filhas Yakini e Inaiê Iman, peço licença para levar o nome de vocês comigo, como ato de proteção e lembrança diária da nossa constelação.

Ao futebol, que mesmo imerso em tantas contradições, me ensinou, desde miúdo, os princípios de coletividade, respeito e responsabilidade.

À Rádio Comunitária Urbanos FM, onde exercitei minhas primeiras locuções, pesquisas e caminhos artísticos.

Às quebradas de Pirituba, Jaraguá, Perus, Morro Doce, Taipas e Brasilândia, por todas as andanças e serenos, mirantes do amanhecer.

Aos escritores Ferréz, Alessandro Buzo, Sergio Vaz, Dinha, Elizandra Souza, Claudia Canto, Allan da Rosa, Sacolinha, Carolina de Jesus e Paulo Lins, por darem sentido pioneiro às artimanhas da escrita arquitetada em meio aos becos.

A Felipe Tarábola, pelas contribuições e incentivo na fase de qualificação e à amiga Érica Peçanha do Nascimento, pelos mesmos motivos, e por me ajudar a tirar a venda dos olhos.

Ao Rap nacional, livros sonoros da periferia, minha escola de poesia e ação.

Aos saraus da Cooperifa, Binho, Brasa, Elo da Corrente e Mesquiteiros.

À Comunidade Cultural Quilombaque, Samba do Congo, União Akasha, Capulanas Cia de

Arte Negra, Quilombhoje Literatura, Ciclo Contínuo Editorial, Edições Toró, Livraria Suburbano Convicto.

À Maria Carla Corrochano, pela orientação de mil graus desse trabalho, sua sensibilidade, generosidade, sabedoria e parceria fizeram a diferença.

Às professoras Dani Auad, Vivi Melo de Mendonça, Fernanda Keila Marinho da Silva e aos professores Marcos Garcia e Felipe Tarábola, por fazerem do percurso acadêmico uma troca que vai muito além de bibliografias, normas e regimentos.

À Van Soares, Daia Moura, Jenny Justino, Marri Cantalejo e Caíque de Oliveira, pelas ideias trocadas, mesmo à distância, que trouxeram fundamentos e abraços necessários para essa chegada.

À Celinha Reis por nossa amizade, por seu incentivo e referência.

À turma de Pedagogia da UniCEU Parque Anhanguera, e ao tutor Marcelo Santos, por me incentivarem quando eu pensei em desistir.

Aos docentes, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar (Sorocaba) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento desta pesquisa.

*Periferia tem um poder a mais
Eu quero mais, render-se jamais.*
(RZO, Um poder a mais)

*Não escrevo do centro, escrevo da periferia.
Este é também o lugar da minha teoria,
pois situo o meu discurso na minha própria realidade.*
(Grada Kilomba)

RESUMO

YAKINI-IMAN, Michel. **Letras, ladeiras e o cuidar de si: Autoetnografia de um artista periférico**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

Esta dissertação apresenta a biografia de um escritor negro e produtor cultural da periferia de São Paulo, a partir da década de 1990. Por meio de uma pesquisa qualitativa de caráter autoetnográfico, parte de seu encontro com o Hip Hop e o Rap, em diálogo com outros trabalhos de artistas e coletividades, para descrever e analisar, no contexto recente, a ampliação do enfoque e das ações dos movimentos culturais das periferias em torno de temas como saúde, autocuidado, cuidado de si e bem viver. Toma como ponto de partida os estudos de Daniela Versiani e Fabiene Gama sobre autoetnografia; as análises sobre movimentos culturais nas periferias, de Érica Peçanha e Renato Almeida; Rap e Hip Hop, de Ricardo Plácido, Marília Sposito e Guilherme Botelho; as teorias de Grada Kilomba e de Sueli Carneiro sobre o silenciamento, desqualificação e anulação do discurso das pessoas negras em espaços hegemônicos, bem como reflexões sobre os espaços potenciais de vida e do bem viver, segundo Kota Mulangi e Alberto Acosta. Considerando a importância dos processos educativos que ocorrem para além dos muros escolares, evidencia como as coletividades artísticas promovem novas perspectivas teóricas e práticas para reinventar o protagonismo e a forma de ser e estar nas periferias, bem como a reelaboração do pensamento e da prática dos sujeitos/as e coletivos das periferias sobre temas como saúde, autocuidado, cuidado de si e bem viver.

Palavras-chave: autoetnografia; periferias; arte; produção cultural; violência; relações étnico-raciais; saúde; cuidado de si.

ABSTRACT

YAKINI-IMAN, Michel. **Letters, slopes and self-care: Autoethnography of a peripheral artist.** 2023. Dissertation (Master in Education) – Federal University of São Carlos, Sorocaba, 2023.

This dissertation presents the biography of a black writer and cultural producer from the outskirts of São Paulo, starting in the 1990s. Through a qualitative autoethnographic research, it starts from his encounter with Hip Hop and Rap, in dialogue with other works by artists and collectivities, to describe and analyze, in the recent context, the expansion of the focus and actions of cultural movements from the periphery around themes such as health, self-care, take care of yourself, and good living. It takes as a starting point the studies of Daniela Versiani and Fabiene Gama on autoethnography; analyzes of cultural movements in the periphery, by Érica Peçanha and Renato Almeida; Rap and Hip Hop, by Ricardo Plácido, Marília Sposito and Guilherme Botelho; the theories of Grada Kilomba and Sueli Carneiro on the silencing, disqualification and annulment of the discourse of black people in hegemonic spaces, as well as reflections on the potential spaces of life and good living, according to Kota Mulangi and Alberto Acosta. Considering the importance of the educational processes that occur beyond the school walls, it shows how artistic collectivities promote new theoretical and practical perspectives to reinvent the protagonism and the way of being and being in the peripheries, as well as the re-elaboration of the subjects' thinking and practice /as and collectives from the outskirts on topics such as health, self-care, take care of yourself and good living.

Keywords: autoethnography; peripheries; art; cultural production; violence; ethnic-racial relations; health; take care of yourself.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1– Mapa Geográfico - Região Pirituba/São Domingos/Jaraguá
- Figura 2 – Mapa IDH - Região Pirituba/São Domingos/Jaraguá.
- Figura 3 – Capa do disco “Raio - X Brasil” (RACIONAIS MC'S, 1993)
- Figura 4 – Martin Luther King e Malcolm X
- Figura 5 – Rapper GOG, Jéssica Balbino, Michel Yakini-Iman (2008)
- Figura 6 – Capa do disco “Todos são manos” (RZO, 1999)
- Figura 7– Sandrão (RZO), Alessandro Buzo, Helião (RZO) e Michel Yakini-Iman (2008)
- Figura 8 – Grupo Comunidade Carcerária (Sarau Elo da Corrente, 2007).
- Figura 9 – Semana de Arte Moderna da Periferia (2007)
- Figura 10 - Michel Yakini-Iman e Elizandra Souza (2014)
- Figura 11 – Michel Yakini-Iman e Raquel Almeida (Cooperifa, 2008)
- Figura 12 – Sarau Elo da Corrente (Bar do Santista, 2019)
- Figura 13 – Lucía Tennina, Érica Peçanha e Ingrid Hapke - Biblioteca Brito Broca - Pirituba (2011)
- Figura 14 – Divulgação Mostra Negra Consciência (2014)
- Figura 15 – Mostra Negra Consciência com Mário Medeiros (2014)
- Figura 16 – João do Nascimento, Michel Yakini-Iman, Raquel Almeida, Douglas Alves, Zé Correia (EMEF Henrique Geisel, 2008)
- Figura 17 – Sarau Elo em Brasa com Família Nascimento na Comunidade Rebolão (Chorrochó- BA, 2012 - Crédito: Sonia Bischain)
- Figura 18 – Capa da Antologia Saraus - Movimento/Literatura/Periferia/São Paulo (2014)
- Figura 19 – Divulgação do Sarau no Centro Cultural Brasil- Chile (2016)
- Figura 20 – Dicas de Segurança - Polícia Militar de SP (2013)
- Figura 21 – Nego Jo e Daniel Alves (Ballet afro Koteban, 2011 - Crédito: Guma)
- Figura 22– Daniel Marques (2014 - Crédito: Angélica Muller)
- Figura 23 – Michel Yakini-Iman, Lids Sikeleli, Marco Pezão e Raquel Almeida (2014)
- Figura 24– Oficina de Suco Verde na EMEF João Domingues Sampaio (2018 - Crédito Clayton João)
- Figura 25– Capulanas encenando o espetáculo Sangoma - Saúde às mulheres 1 (Crédito: Chaia Dechen)
- Figura 26 – Capulanas no quintal do Elo da Corrente (2010)

Figura 27-- Sacolinha e Michel Yakini-Iman (2008)

Figura 28 – Sacolinha no Sarau Elo da Corrente (2010)

Figura 29 – Michel Yakini-Iman no lançamento do livro Dente de Leão (2019)

Figura 30 – Sacolinha palestrando na EMEF Tereza Hatori (2022)

Figura 31 – Adinkra (símbolo africano do povo Akan) - “Nea onnim no sua a, ohu”, ou, “quem não sabe pode saber aprendendo”

Figura 32 - Divulgação 3ª Feira Afetiva (2020)

Figura 33 - Divulgação da IV Feira Afetiva (2021)

Figura 34 - Divulgação da IV Feira Afetiva (2021)

LISTA DE ABREVIATURAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CEU – Centro Educacional Unificado
CTTro – Comunidades Tradicionais de Terreiro
Diap – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar
ECA –Estatuto da Criança e do Adolescente
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
FMUSP – Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Fundação CASA – Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente
IDH– Índice de Desenvolvimento Humano
IML –Instituto Médico Legal
ITESP – Fundação Instituto de Terras de São Paulo
IURD – Igreja Universal do Reino de Deus
LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexos, Assexuais.
MTC – Medicina Tradicional Chinesa
PANC – Plantas Alimentícias Não Convencionais
PCC – Primeiro Comando da Capital
PM – Polícia Militar
PNSIPN – Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
PPGed – Programa de Pós Graduação em Educação
ProUni – Programa Universidade Para Todos
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PT– Partido dos Trabalhadores
PUC – Pontifícia Universidade Católica
Seppir – Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil
STF – Supremo Tribunal Federal
SUS - Sistema Único de Saúde
UBS - Unidade Básica de Saúde
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNB – Universidade de Brasília

UNESP – Universidade Estadual Paulista

URPLAN – Grupo de Educação Popular do Instituto de Planejamento Regional e Urbano

US – Unidade de Saúde

VAI – Valorização das Iniciativas Culturais

SUMÁRIO

PEÇO LICENÇA PRA CHEGAR	16
1 POR QUE UMA AUTOETNOGRAFIA?	25
1.1 UM TAL DE YAKINI-IMAN	29
2 PIRITUBA E O JARDIM MONTE ALEGRE: LADEIRAS HISTÓRICAS DE UMA QUEBRADA	32
2.1 QUANDO O RAP E A ESCOLA SE TROMBAM NO ROLÊ	41
2.2 O RAP E O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR	49
2.3 SOBREVIVENDO NO INFERNO — VELÓRIOS, CÁRCERE E UMA BOLA DE CAPOTÃO	52
2.4 O LABIRINTO UNIVERSITÁRIO, MÃES DE MAIO E O FASCISMO SOCIAL	68
3 “SALVE SARAU!”: ÉTICAS E POÉTICAS DE UM ENCONTRO	78
3.1 ARTE E EDUCAÇÃO: ESSE É O MEU TRAMPO	88
3.2 MARÉ CHEIA, COLHEITA CERTA E CONTRADIÇÕES À VISTA	91
4 PRECISAMOS FALAR SOBRE SAÚDE: ALTERNATIVAS NO CONTEXTO PERIFÉRICO	108
4.1 POSTINHO HOLÍSTICO: A MEDITAÇÃO POSSÍVEL DA CIÊNCIA MÉDICA	112
4.2 O QUE A ARTE DA PERIFERIA TEM A VER COM A SAÚDE?	114
4.3 SANGOMA E O ESPAÇO POTENCIAL DE VIDA: CAPULANAS CIA DE ARTE NEGRA	120
4.4 <i>A SUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER</i> E O CUIDAR DE SI: ESCRITOR SACOLINHA	129
4.5 ARTE PARA LIBERTAR AS PINEAIS: RAÍSSA PADIAL CORSO E A UNIÃO AKASHA	139
PEÇO LICENÇA PRA SAIR	147
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

PEÇO LICENÇA PRA CHEGAR

*Preto velho pisa, pisa devagar
Antigamente corria igual você
A muito tempo ele já sabe esperar
Coisa que hoje você tem que aprender
A sua estrada tem muita mironga
Tem muita história boa de aprender
(Marcas do tempo - Sandro Luiz)¹*

Aprendi, como um ouvinte atento das rodas de capoeira do mestre Jô, do grupo Símbolo da Paz, que antes de entrar em uma roda é preciso pedir licença, respeitando os que vieram antes, pedindo a bênção ao sagrado, aos tocadores e aos instrumentos antes de jogar “devagar, devagarinho, que nem cobra coral, bem rasteirinho, bem de mansinho”, como diz a ladainha.

É assim, no aprendizado da cobra coral, que abro os caminhos deste trabalho, apresentando os fundamentos teórico-metodológicos que são referências para esta pesquisa, além de descrever como se deu a possibilidade de construir uma autonarrativa, que é a metodologia mais utilizada, embora não seja a única, neste trabalho.

Esse é um pedido de licença, para anunciar meu verbo em um campo de saber que, até então, vivenciei muitos estranhamentos e choques, até a chegada na pós-graduação, mas que agora, nesta trilha, enxergo uma árvore frondosa, perfumada e cheia de frutos me chamando para a colheita.

Este trabalho é resultado do percurso para produção da dissertação vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGed) da UFSCar — Campus Sorocaba, na linha de pesquisa que se dedica a estudar e produzir conhecimentos sobre Educação, Comunidade e Movimentos Sociais, considerando a análise de processos educativos que ocorrem tanto dentro, quanto fora do espaço escolar. Apresento uma pesquisa baseada em minha autobiografia, como pessoa negra, escritor, pesquisador e produtor cultural, relacionando esse histórico com a atuação do movimento cultural das periferias de São Paulo.

Como diz um famoso provérbio africano “é preciso de uma aldeia para se educar uma criança”, já que não é só na família nuclear, tampouco na relação exclusiva com a escola, que um ser humano se desenvolve. Por isso, essa pesquisa apresenta elementos que dialogam diretamente com o campo da educação, pois parte do princípio de que a educação é um fenômeno sócio-histórico que acontece em diferentes contextos, valorizando e reconhecendo

¹ Disponível em <https://www.lettras.mus.br/sandro-luiz/marcas-do-tempo/>. Acesso em 08/01/2023.

os estudos e o protagonismo do saber comunitário, ativista, e os processos de subjetivação. Como sinalizou Schörnadie,

[...] a educação como aprendizagem vai muito além da escola formal. O meio social é educativo. No contexto histórico-cultural, do qual a escola é apenas uma parte, acontece o processo educativo. Esse processo é histórico, tanto porque os indivíduos são nascidos dentro de um grupo que pauta suas ações em sua história, quanto pelo fato de as pessoas viverem sua própria história, em que novas vivências são pautadas pelo seu próprio passado, do qual são, em parte, fruto. Esse processo acontece dentro do contexto cultural de determinados grupos ou sociedades, ou seja, é baseado na cultura desse grupo ou sociedade. O processo educativo no contexto histórico-cultural é, então, constante (SCHÖRNADIE, 2014, p. 5).

Por isso, utilizei o método autoetnográfico, focalizando minha autobiografia a partir da década de 1990, que corresponde à minha adolescência, quando convivi com um estado de violência extrema no bairro Jardim Monte Alegre, em Pirituba, e me aproximei do movimento Hip Hop e, principalmente, da música Rap. Nesse período, passei a me interessar por rádio comunitária, coletividades e literatura, o que contribuiu de forma determinante para o meu desenvolvimento como artista e produtor cultural no decorrer dos anos 2000.

Escrever é a forma que encontrei para promover um estado de restauração, de afagar o vaso da minha própria terra, para tornar-me fértil de palavras e perguntas, ser morada de bálsamo e formigueiro; para me permitir definhar e germinar no mesmo ciclo, porque escrever é morrer e viver no mesmo instante; é ser pessoa e bicho, em um mundo recheado de concreto e desumanidade. Assim parto do diálogo entre a minha subjetividade e as questões coletivas, tais como: território; violência; racismo; relações étnico-raciais; ativismo cultural; saúde; cuidado de si, espaço potencial de vida e bem viver.

A contribuição central deste trabalho é descrever e analisar como, nos anos recentes, a cena periférica vem incorporando, inclusive em minha obra autoral, narrativas sobre saúde, autocuidado e o cuidado de si. Este processo que aconteceu em uma dinâmica diferente das gerações anteriores, que iniciaram movimentos imprescindíveis de luta pela saúde, dentre outros, nas décadas de 1970/80 (SADER, 1988), ou da geração que cresceu entre os anos de 1990 e 2000 sob forte influência do Rap e do movimento Hip Hop, que teve a denúncia das mazelas sociais e do racismo antinegro como foco, além do anúncio de seu caráter artístico, ativista e educador (SPOSITO, 1993; PLÁCIDO, 2019; BOTELHO, 2022).

Neste sentido, é importante considerar o histórico do Rap no Brasil como uma expressão educadora, sendo então, conforme a perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), parte do Movimento Negro Educador na constituição de uma pedagogia da diversidade em contraponto à pedagogia tradicional. Gomes ressaltou que

[...] os saberes emancipatórios construídos pela comunidade negra e organizados pelo Movimento Negro indagam essa pedagogia reguladora e conservadora. Por

isso, o estudo crítico desses saberes, produzidos na tensão regulação-emancipação sociorracial, traz para a teoria pedagógica não somente novos conhecimentos. Ele nos ajuda a conhecer e compreender novos processos de produção do conhecimento e outros conhecimentos, e nos pressiona a repensar conceitos, termos e categorias analíticas por meio das quais os processos educativos dentro e fora da escola têm sido interpretados via racionalidade científico-instrumental (GOMES, 2017, p. 136-137).

Por outro lado, este trabalho, analisa como as narrativas sobre saúde, autocuidado e o cuidado de si surgem com maior força a partir da primeira década dos anos 2000. Para isso, investiga quais fatores sociais e culturais impulsionaram essa mudança, mantendo a crítica ao conservadorismo político e às contradições cotidianas, mas incorporando discussões sobre pontos que, até então, ocupavam pouco destaque.

Tudo isso me despertou muitas histórias, mas também muitos silêncios. São silêncios que trazem ruídos de desabamentos e sirenes de urgência, ouvidas nos quatro cantos da cidade, que convidam para a prática da observação, da leitura de si, do verbo e do mundo.

Importante ressaltar que o conceito que guia as discussões deste trabalho em relação ao tema saúde, tem como referência os estudos do professor Naomar de Almeida Filho (2011), que contesta a definição lógica de saúde “como mera ausência de doença” ou como sinônimo de um “estado de capacidade ótima para desempenho efetivo das tarefas socialmente valorizadas”. Para o autor é mais adequado falar em “saúdes”, no plural, por conta da diversidade de perspectivas conceituais e metodológicas, com muitos níveis de complexidades e planos de emergência, considerando que não é possível dissociar o debate sobre saúde das desumanidades sociais presentes nesse campo (ALMEIDA-FILHO, 2011).

Neste caso, o processo de saúde-doença, que envolve a complexidade dos fenômenos da vida, saúde, doença, sofrimento e morte (ALMEIDA-FILHO, 2011), também passa por uma construção social, que promove estereótipos, linguagens específicas, romantizações, sistema de ideias, sentimentos, padrões de comportamento e misticismos (NOGUEIRA, 2009). Por isso, a concepção de saúde incorporada neste trabalho se aproxima daquilo que o Almeida-Filho descreve como “saúde coletiva”.

Enquanto a saúde pública institucionalizada, presa ao paradigma mecanicista cartesiano, refém da regulação governo-mercado, aliena-se da sociedade e das comunidades, a saúde coletiva apresenta-se como um novo paradigma (quicá um campo social aberto a novos paradigmas), empenhado numa luta contra-hegemônica pela emancipação das populações oprimidas por estruturas reprodutoras de desigualdades econômicas, dominação política e alienação social (ALMEIDA-FILHO, 2011, p.150).

Em relação ao autocuidado as referências principais deste trabalho são as propostas de Audre Lorde (1988) e Angela Davis (2017), que definem o autocuidado da mulher negra como um ato político e coletivo, de autopreservação e resistência ao sistema capitalista e ao

patriarcado e que são práticas pertinentes, já que “homens negros podem se engajar e aprender com estratégias de autorrecuperação de mulheres negras saudáveis que amam a si mesmas” (hooks, 2022, p.236).

Segundo essas autoras negras estadunidenses, buscar formas de autocuidado não significa estar apartado das lutas políticas, nem estimular o consumo predatórios de cosméticos, dietas, malhação e outras formas bem estar que dependem de recursos monetários ou da manutenção de uma aparência padrão imposta pelo capitalismo e pela indústria.

No Brasil, Sueli Carneiro (2016) se aproxima do conceito de autocuidado, proposto por Lorde (1988) e Davis (1987), ao reelaborar o conceito “cuidado de si”, da teoria foucaultiana atrelada à ideia de cuidar da própria vida. Para a autora brasileira o cuidado de si no contexto da população negra se realiza no cuidado do outro. Já a escritora bell hooks (2020) anuncia uma visão semelhante, ao propor a prática do “amor-próprio”, que não se iguala ao egoísmo e ao egocentrismo, pois “não significa negar a realidade da injustiça institucionalizada”. Para a autora:

O amor próprio não pode florescer em isolamento. Não é uma tarefa fácil amar a si mesmo. Axiomas simples que fazem o amor-próprio soar fácil só tornam as coisas piores. Eles levam muitas pessoas a se perguntarem porque continuam presas a sentimentos de baixa autoestima e auto-ódio se é assim tão fácil se amar. Usar uma definição prática do amor como as ações que tomamos em favor de nosso crescimento espiritual ou de outrem nos fornece um diagrama para trabalhar a questão do amor próprio (hooks, 2020, p. 94).

Seguindo essas premissas, esse trabalho teve boa parte de aprendizagem e escrita feita ao longo da pandemia de covid-19, em um estado de luto permanente de amigos, parentes e conhecidos. Em um velório dos mais longos já vividos pela humanidade, sem direito à visita de despedida, reconhecimento de corpo ou preces antes de cada enterro. Uma dor dilacerada pelo descaso do governo federal, que culminou em milhares de mortes e deixou sequelas que ainda não sei medir suas profundidades, em um abalo físico e emocional cultivado à força. Por isso, escrever esse trabalho também foi uma forma terapêutica de me sentir vivo, de dar valor à memória e a todos os momentos que já passei, mesmo encarando muitas adversidades pelo caminho.

São silêncios para desaprender oito horas por dia, como diria o poeta Manoel de Barros. Silêncios que me permitem perceber que os

[...] os meus ancestrais/Já mortos há muito tempo/Reúnem-se em minha casa/E nos pomos a conversar/Sobre coisas amargas/Sobre grilhões e correntes/ Que no passado

eram visíveis/Sobre grilhões e correntes/Que no presente são invisíveis (ASSUMPÇÃO, 2009, p.43).

Durante a pandemia, a pesquisa qualitativa sofreu um impacto profundo. De forma muito rápida tentei me adaptar a essa realidade, já que os contatos iniciais com a minha orientadora e com os demais estudantes da pós-graduação tiveram que ser repensados. Os ambientes virtuais foram recursos importantes nesse processo, pois as limitações de interação alteraram a forma de participação nas aulas, o contato com os sujeitos da pesquisa e a presença em atividades externas.

Um dos principais recursos para desenvolver a pesquisa foi a internet, com as videochamadas, os aplicativos de mensagens instantâneas, além dos arquivos de vídeos e textos postados nas redes sociais, já que essa era a forma de comunicação mais frequente e uma das poucas alternativas para realizar atividades acadêmicas e culturais. Além disso, foi preciso considerar que as pessoas ficaram frustradas, com medo, com raiva e doentes (física e emocionalmente), vivendo lutos e tristezas profundas, além de se depararem com um forte desequilíbrio social e econômico.

Não foi um fator simples buscar contato remoto com outras pessoas para desenvolver a pesquisa, já que foi preciso considerar a sensibilidade e a ética de não causar incômodos ou de preservar a privacidade e o silêncio das pessoas em um momento delicado. Eu mesmo perdi alguns parentes e amigos, me senti ansioso, desmotivado e, por isso, iniciei um tratamento de psicoterapia e adotei outras estratégias para lidar com essa dinâmica.

Isso tudo foi determinante para definir prioritariamente pela metodologia de pesquisa documental, focada na consulta bibliográfica e nos arquivos digitais, bem como nas fontes memorialísticas, que foram a base para a construção de uma autonarrativa e textos literários. Importante pontuar que a transmissão e disponibilização de eventos e materiais via internet oportunizou o acesso a informações fundamentais que, possivelmente, não estariam disponíveis anteriormente com a mesma facilidade. Os vídeos e postagens foram extraídos de redes sociais, como Facebook, Instagram e blogs das iniciativas e grupos que dialoguei nesta pesquisa.

Apesar das adversidades relatadas, foi possível lançar mão de entrevistas realizadas remotamente. Foram realizadas entrevistas com Raissa Padial Corso (multiartista² e terapeuta integrativa), com o poeta Luan Luando e o cientista musical Marlon Luz, todos da coletiva União Akasha.

2 A grafia assumida é a mesma que Raissa registra em seu Instagram (@raicorso.kaire), seguindo a linguagem neutra, já que Raissa se apresenta como uma pessoa não binária.

A proposta inicial desta pesquisa consistiu em realizar um estudo de caso sobre a União Akasha, o que justifica a seleção desses artistas para serem entrevistados. Porém, considerando que a União Akasha não é um caso isolado na cultura de periferia no que tange à discussão sobre saúde, autoconhecimento e o cuidado de si, o tema da pesquisa foi ampliado. Além das entrevistas mencionadas, em janeiro de 2023, colhi depoimentos — via aplicativo de mensagens e por telefone —, da minha mãe, Maria Elisa Silva (64 anos) e de Josefa de Jesus —Dona Zefa, 78 anos —, segunda esposa de Seu Montanha, meu avô paterno, para confirmar e relembrar algumas histórias familiares que eu não recordava com precisão ou que aconteceram antes do meu nascimento.

Contudo, apresento um percurso histórico e analítico que envolve minha autobiografia, mas também meu encontro com o trabalho e atuação com os seguintes artistas, coletividades e obras: Capulanas Cia de Arte Negra, a partir do espetáculo **Sangoma** (2013) e do livro **Mulheres Líquido: Os encontros fluentes do sagrado com as memórias da mãe terra** (2014); União Akasha — Centro de Desenvolvimento Humano, a partir da obra **Do Tamanho do Coração da Formiga**, de Raíssa Padiál Corso (2017); e da obra **Dente de Leão: a sustentável leveza do ser** (2019), do escritor Sacolinha.

A escolha por estas obras se justifica além da minha proximidade e parceria com esses grupos/artistas, já que formam um conjunto recente de produções que mesclam as linguagens artísticas com propostas que envolvem a promoção da vida e do autocuidado, ou seja, são éticas e poéticas baseadas em formas alternativas para consolidação de um cenário mais saudável na atuação com a arte e o ativismo nas periferias.

O trabalho de campo se deu a partir da leitura das obras de referência, acompanhando e participando de eventos, espetáculos e atividades presenciais e online (principalmente durante a pandemia entre 2020 e 2022). Esse processo também se desenvolveu na realização da escrita autobiográfica, enquanto eu relembrava, registrava e analisava a minha história de vida.

Essa dinâmica de pesquisa se relaciona ao que o professor Daniel Miller, da *University College of London*, sugeriu, em maio de 2020³, sobre a condução de uma etnografia em estado de isolamento. Segundo ele, na etnografia, o método é algo que você aprende no percurso e não com aquilo que se inicia. Por isso, era preciso admitir, no contexto da pandemia, a mudança de direção e de foco, quando necessário (MILLER, 2020).

³ Vídeo disponível em no sítio eletrônico <<https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98>>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

Identifiquei-me com essas afirmações, já que eu tinha um acúmulo memorial da relação com as pessoas que me propus a dialogar, mas, a partir da pandemia, foi mais coerente me relacionar com as obras impressas e com o acervo online desses grupo/artistas e desenvolver uma autonarrativa.

O caráter analítico deste trabalho se reforça pelo fato de elaborar uma narrativa com base na experiência de quem pesquisa, que possibilitou o levantamento de informações sobre Rap, movimento cultural das periferias, saúde, autocuidado e o cuidado de si em outro tempo-espço. Isso estabeleceu um contraste com o tempo presente, fazendo com que eu, sujeito da experiência, pudesse também experimentar uma forma de distanciamento com as práticas vividas, ou seja, como interlocutor nesse processo de análise (SANTOS, 2017).

Essa pesquisa se refere, especialmente, a experiências que, muitas vezes, são desqualificadas nas pesquisas convencionais, buscando tensionar hegemonias conceituais, de forma transgressora e política. Essa perspectiva tem relação direta com a autoetnografia, já que apresento minha autobiografia estabelecendo relações com outras narrativas, em um processo de engajamento coletivo (GAMA, 2020). Neste caso, a experiência se torna também um elemento de pesquisa, como explica Silvio Matheus Alves dos Santos (2017, p.229):

[...] sabemos que a memória é falível, que é impossível lembrar ou informar sobre eventos numa linguagem que represente exatamente como esses eventos foram vividos e sentidos. Todavia, não podemos deixar de reconhecer a importância da memória enquanto dado de pesquisa.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro — **Por que uma autoetnografia?** —, justifico a escolha da autoetnografia, baseado nos trabalhos da Versiani (2002; 2005); Bossle e Neto (2009); e Brilhante e Moreira (2016) em diálogo com as reflexões de Grada Kilomba (2008) e Sueli Carneiro (2005), sobre o silenciamento, a desqualificação e a anulação do discurso das pessoas negras em espaços hegemônicos.

No segundo capítulo — **Pirituba e o Jardim Monte Alegre: Ladeiras históricas de uma quebrada** —, apresento Pirituba, meu território de nascimento e maior tempo de morada. Aqui relaciono esse lugar com a formação histórica das periferias de São Paulo, marcada pela desigualdade e violência sociorracial (ANGILELI, 2007; SILVA, 2013). Foi vivendo neste lugar que aconteceu meu encontro com o movimento Hip Hop na década de 1990, em especial com a música Rap, arte que conheci nas ruas, colado nos muros da escola e que passou a alimentar meu imaginário e revelar as contradições da sala de aula. O Rap é aqui entendido com um elemento fundamental para a juventude periférica denunciar e superar a desesperança, a pobreza, o extermínio, o desemprego e o cárcere, enquanto buscava estratégias para se manter viva (PLÁCIDO, 2019). Aproximando-se das questões

étnico-raciais e do combate ao racismo antinegro, a perspectiva educadora do Rap é aqui analisada a partir da sua aproximação com o Movimento Negro (GOMES, 2017). Ainda neste capítulo, descrevo e analiso a minha passagem na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2005, ingressando pelo sistema de cotas, bem como o episódio que ficou conhecido como *Crimes de Maio*, em 2006, estabelecendo uma relação direta com o conceito de “Fascismo Social”, à luz de Boaventura Souza Santos (2007).

No capítulo seguinte — **Salve sarau!: Éticas e poéticas de um encontro** — demonstro como a partir de 2003, o cenário cultural das periferias e uma política nacional baseada em aumento do salário mínimo, programas de transferência de renda e expansão do acesso à educação (ARRETCHE, 2018), sobretudo em nível superior, favorecem a projeção e profissionalização, coletiva e individual de artistas. Para isso, estabeleci um diálogo com trabalhos que refletiram sobre movimentos culturais nas periferias e sobre os programas de fomento (PEÇANHA, 2006; 2021; ALMEIDA, 2009 e RAIMUNDO, 2017), tomando como referência o conceito de “sujeito periférico” (D'ANDREA, 2013).

No último capítulo — **Precisamos falar sobre saúde: Alternativas no contexto periférico** — analiso como a consolidação de diversas carreiras artísticas e uma maior participação política das periferias na dinâmica da cidade de São Paulo, conflitaram com a segunda quinzena dos anos 2000, marcada por retrocessos, que acentuaram as condições desfavoráveis das populações periféricas, consolidando a necropolítica e seus “mundos de morte” (MBEMBE, 2016).

Ao mesmo tempo, destaco como alguns grupos e obras lançadas nesse cenário promovem a discussão a respeito do autocuidado, saúde e autoconhecimento. Os artistas e obras em questão são as já mencionadas produções das Capulanas, do escritor Sacolinha, e da União Akasha, espelhando esses trabalhos com a minha produção autoral e com os conceitos: espaço potencial de vida (MULANJI, 2014), cuidado de Si (CARNEIRO, 2005), *bem viver* (ACOSTA, 2016); *pedagogia das encruzilhadas* (RUFINO, 2019); e *ecologia dos saberes* (SANTOS, 2007).

Vale ressaltar que os grupos e artistas com quem dialogo neste trabalho trazem em sua atuação um caráter educativo, pedagógico e emancipador. Não só por estarem próximos de práticas escolares ou por desempenharem ações de arte-educação, mas principalmente por emaranharem vida, arte e conhecimento em suas ações, desenvolvendo práticas e saberes considerados subalternos, com características anti-hegemônicas, para atuar contra as violências e as injustiças sociais e simbólicas, promovendo múltiplas linguagens em favor da vida, pois conforme Rufino (2019, p. 79):

Parto da premissa de que há inúmeras formas de educação e de que os processos educativos não emergem exclusivamente de um único modo ou contexto. Uma educação que busca emancipação deve estar comprometida com o outro. Assim, ela parte do reconhecimento da diversidade e da busca contínua pelo diálogo nas diferenças. É uma educação pluralista e dialógica.

Essa perspectiva educativa, de troca e interação constante com o meio, é confirmada por esses grupos/artistas ao promoverem uma ética de responsabilidade com o outro (RUFINO, 2019), ou seja, com as pessoas presentes em seus territórios de atuação, na intenção de construir outras realidades e contextos possíveis.

1 POR QUE UMA AUTOETNOGRAFIA?

Meu encontro com a autoetnografia foi um dos presentes colhidos no percurso deste mestrado, pois era uma metodologia que eu desconhecia. Ao apresentar um texto descrevendo a minha biografia durante o encontro do grupo de estudos *Gerações, Percursos de Vida e Processos Educativos*, a professora Maria Carla Corrochano e o professor Felipe Tarábola sugeriram que eu considerasse a autoetnografia como método, desafio que prontamente manifestei interesse em realizar.

A autoetnografia é uma forma de autonarrativa, onde o (a) pesquisador(a) escreve sobre si mesmo em um determinado contexto social. Esse conceito teve como principais expoentes Deborah Reed-Danahay, Heewon Chang e Carolyn Ellis, entre 1990 e 2000. Trata-se de um método que aproxima a pesquisa com as emoções e com a própria cultura do pesquisador(a) (BOSSLE; NETO, 2009).

No sentido etimológico, a autoetnografia vem de “auto” (em si mesmo), “ethnos” (nação/povo/grupo de pertencimento) e “grafia” (escrever) (REED-DANAHAY, 1997), ou seja, “refere-se a construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve), como explicou Silvio Matheus Alves dos Santos (2017, p. 218)”. Para o autor, a etnografia se aproxima da autoetnografia, porque para além da questão comum que envolve a reflexividade, todo etnógrafo é, em alguma medida, um autoetnógrafo. Ainda segundo Santos,

[...] o sentido da plena da reflexividade na etnografia, no entanto, refere-se ao fato inelutável de que o etnógrafo está completamente imbricado nos fenômenos que ele documenta e, também, ao fato de que não pode haver uma “observação” desprendida de uma cena social e que exista um “estado de natureza” independente da presença do observador (como nas relações de entrevistas que são coconstruídas com os informantes) (SANTOS, 2017, p.223).

Quando assumi esse desafio, imaginei que este seria o caminho mais simples, por permitir que eu articulasse o fazer literário, que exerço há alguns anos, com o fazer etnográfico que tenho produzido na pós-graduação.

Ao iniciar esta pesquisa, julguei que o envolvimento emocional, presente em muitos textos sobre a autoetnografia, não seria tão forte, já que este sempre foi um recurso que utilizei para escrever ficção. Entretanto, na literatura, sempre que uma emoção compromete minha escrita eu recorro à inventividade, ou foco em contar uma boa história, sem promover, necessariamente, uma análise da narrativa e isso promove uma certa distância com o teor do texto. Na escrita autoetnográfica aconteceu diferente. Ao vasculhar a memória em busca de

detalhes dos acontecimentos e, ao promover a análise contínua dos fatos, passei por processos dolorosos, reveladores e, por vezes, paralisantes. Uma montanha russa de sensações!

Aos poucos, meu entendimento sobre a autoetnografia foi se desenvolvendo, principalmente após eu receber algumas indicações de leitura. Nesse percurso, me deparei com uma obra central no contexto brasileiro, que é o livro **Autoetnografias - conceitos alternativos em construção** (VERSIANI, 2005) e encontrei outros artigos que dialogam com meu percurso de pesquisa e algumas possibilidades para a construção dessa dissertação.

Outra fonte importante foi conhecer o I Congresso Brasileiro de Autoetnografia (2021), por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com rodas de conversas e palestras sobre o conceito, que me ajudaram a ampliar a bibliografia e as formas de utilização da autoetnografia.

Em 2022, participei da segunda edição deste congresso, apresentando parte deste percurso de mestrado e assim pude receber algum retorno crítico e conhecer outras pesquisadoras e perspectivas autoetnográficas. A partir dos estudos de Moreira e Brilhante (2016) pude compreender melhor a complexidade que envolve definir a autoetnografia.

A autoetnografia escorrega, evita definições simplistas. É a colisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a “performatividade” – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu (estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou a performance/apresentação). Autoetnografia não é técnica. Não possui uma cartilha ensinando passo a passo. Não tem 1, 2 e depois, o 3. Não tem receita. Não aceita fôrmas. (BRILHANTE; MOREIRA, 2016, p. 1100).

É possível definir a autoetnografia como um método ou como um gênero literário. Para Daniela Versiani (2005) esse é “um conceito em construção” que abarca a literatura e a etnografia em uma quebra de oposição entre os termos, já que essa teoria permite:

[...] uma interessante aproximação de perspectivas atuais nos campos da Teoria Literária e da Antropologia em relação a processos de construção de autobiografias e etnografias. A teórica da literatura Julia Watson e o historiador da antropologia James Clifford, embora pertencendo a campos de conhecimento distintos, fazem da crítica radical à noção de subjetividade estável, essencializada e metafísica. Seu empenho teórico está em enfatizar alternativas discursivas nas quais a subjetividade é compreendida como construção dialógica em processos interpessoais que ocorrem em contextos multiculturais (VERSIANI, 2002, p. 58).

A autoetnografia pode ser interpretada como um “gênero coletivo”, que estabelece o diálogo e a polifonia entre as memórias subjetiva e coletiva, de pessoas e grupos considerados “minoritários” e “marginalizados”, tencionando a dicotomia e o binarismo predominante nas autobiografias e nas etnografias que estabelecem o “eu e o outro” como parâmetro teórico (VERSIANI, 2002).

Esse modo de produzir conhecimento me permitiu um equilíbrio entre as exigências dos padrões acadêmicos, baseados em uma perspectiva iluminista (GAMA, 2020) de padrões coloniais (BRILHANTE; MOREIRA, 2016), e a forma que me relaciono com a arte literária, por meio da experiência coletiva e ativista, e a partir do meu ponto de vista como uma pessoa negra, nascida e criada na periferia de São Paulo.

Sendo um conhecimento criado através da narração (verbal, mas também através de outros meios), é uma forma de produzir conhecimento que se engaja profundamente com práticas representacionais e éticas: o uso da metáfora, de textos confusos (**para os parâmetros acadêmicos**), da escrita experimental, as formas poéticas e a ruptura do tempo linear são alguns dos dispositivos que caracterizam trabalhos autoetnográficos contemporâneos (Grant, 2014). Ao desafiarem as normas e fronteiras representacionais e experimentar com as formas, estruturas e conteúdos, trabalhos autoetnográficos investem na expressão das emoções como uma forma de abordagem cultural e apresentam como autoras pessoas encarnadas. Dessa forma, eles ampliam o que se pode dizer sobre determinados assuntos, pessoas e instituições, e até mesmo sobre a disciplina antropológica (GAMA, 2020, p.190-191, grifos meus).

A autoetnografia me deu a possibilidade de escrever uma experiência subjetiva em consonância com as vivências coletivas de um determinado contexto multicultural (VERSIANI, 2002). Neste caso, do território onde me desenvolvi como pessoa, artista e produtor cultural. Além disso, este trabalho é uma oportunidade de ampliar o debate e o acúmulo de estudos sobre as periferias urbanas pelo viés autoetnográfico. Essa é uma escolha política, pois apesar de assumir a autobiografia como ponto de partida, a proposta é estabelecer diálogo polifônico, por meio de uma estratégia discursiva e teórica alternativa.

Há também um paralelo possível entre a produção cultural nas periferias e a autoetnografia, já que ambas são vistas de forma marginalizada, pois assim como nossa arte é questionada sobre a sua qualidade, principalmente por pessoas que conhecem pouco sobre nossas atuações, a autoetnografia também é questionada no meio acadêmico. É comum ouvir relatos dos pesquisadores⁴ sobre a dúvida de alguns intelectuais a respeito do desconhecimento e da validade da autoetnografia como ciência. Segundo Versiani,

[...] esse desconhecimento também ocorre entre pesquisadores da mesma área, uma vez que, embora o termo autoetnografia não seja novo para uma parcela de estudiosos, definitivamente tem sido utilizado em redutos especializados e pequenos nichos de pesquisa, não sendo um conceito que participe do *mainstream* destas disciplinas. (VERSIANI, 2005, p. 100).

Assim, me identifiquei com os pressupostos da autoetnografia, que dialogam com aquilo que sou, escrevo, e me constitui como pessoa, artista, trabalhador da cultura e pesquisador, em um dialogismo entre a autoria individual e comunitária.

⁴ Observei a recorrência dessas falas ao assistir as apresentações do I Congresso Brasileiro de Autoetnografia, que aconteceu no dias 30 e 31 de julho de 2021, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCDPc3FuZ1IGooa-I8Hcr56>. Acesso em agosto/2022.

Essa tentativa, no entanto, não tem como objetivo impor a autoetnografia como única forma válida de escrita em uma pesquisa qualitativa, mas contribuir para reflexão sobre uma teoria alternativa na área da Educação e das Ciências Sociais, ainda fortemente colonizadas por binarismos, tais como: mente-corpo, pesquisador-sujeito, ciência-arte, idealismo-materialismo (BRILHANTE; MOREIRA, 2016).

A escrita autoetnográfica possibilita que este trabalho possa ser lido por quem está habituado à linguagem acadêmica, mas torna essa pesquisa acessível a diversos públicos por assumir uma narrativa em primeira pessoa, com outras formas e contornos possíveis, e com valor científico reconhecido.

Essas formas de autonarrativas também podem ser incorporadas a partir de uma perspectiva negra, pois há exemplos de textos escritos em primeira pessoa como é o caso de Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins, que a partir da experiência de mulheres negras afroestadunidenses, têm possibilitado ampliar a discussão sobre desigualdades, violências e opressões de gênero, raça e classe.

No Brasil, esse tipo de narrativa, a partir de um discurso racializado, também tem ganhado força com a chamada “Escrevivência”, conceito elaborado por Conceição Evaristo (2008) que parte de uma perspectiva literária, mas que tem sido incorporada como método em produções acadêmicas, principalmente de pessoas negras.

Essa autonarrativa também se torna relevante porque sou um homem negro, oriundo da periferia de São Paulo, o que me permite contar e analisar as diversas passagens históricas a partir de um ponto de vista que, comumente, não faz parte das versões oficiais, seja na academia, na escola, ou em outros espaços de poder, por conta da realidade excludente e desigual que vivemos e que descrevo, em parte, nesta pesquisa.

A escritora Grada Kilomba, afirma que há um cenário hegemônico que desqualifica a produção de conhecimento de pessoas negras na academia. Para a autora, a academia representa “um espaço branco onde se tem negado às pessoas negras o privilégio de falar” (KILOMBA, 2008, p. 50).

Sueli Carneiro (2005) identifica esse processo como “epistemicídio”. Para isso reelabora o conceito anunciado por Boaventura Sousa Santos, analisando que, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, há um processo de indigência cultural. Para a autora, no Brasil isso acontece “dado o obscurantismo em que o país foi lançado em sua origem. O projeto de dominação que se explicita de maneira extrema

sobre os afrodescendentes é filho natural do projeto de dominação do Brasil” (CARNEIRO, 2005, p.104). Nesta perspectiva este projeto é estruturado

[...] pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc. (CARNEIRO, 2005, p. 97)

A partir do estudos de Grada Kilomba (2008) e de Sueli Carneiro (2005) pude compreender a importância de adotar estratégias para legitimar meu ponto de vista e a construção de uma autonarrativa, combatendo os silenciamentos e os argumentos retóricos binários e excludentes, que ocultam práticas de racismo antinegro e de outras violências, impedindo outras possibilidades discursivas, performáticas e de existência nos espaços hegemônicos.

Portanto, peço licença para contar e refletir a minha trajetória de encontros e desencontros nas ladeiras e beiradas da vida pessoal, acadêmica, artística e cultural.

1.1 Um tal de Yakini-Iman

Finalizo este capítulo, anunciando a constituição do meu nome, aquilo que me apresenta, marca minha individualidade e media minhas relações sociais. Essa história é importante porque simboliza a busca no fortalecimento de minha identidade e ancestralidade e por considerar essa dinâmica como a primeira ação de autocuidado que realizei com consciência.

Nos documentos oficiais sou registrado como Michel da Silva Ceriaco, mas desde 2012 meu nome ressurgiu como Michel Yakini e a partir de 2021, como Michel Yakini-Iman. É a partir deste exercício, de dizer sobre mim, espelhado no dizer coletivo, como aprendi nos estudos de autoetnografia (VERSIANI, 2005), que decidi compartilhar a construção e a mutação do meu nome deste trabalho. Para isso, reproduzo na íntegra a crônica intitulada “Renascer é um ato de amor” que foi publicada na introdução do livro **Na Medula do Verbo** (2021):

Quando lancei o livro **acorde um verso**⁵, em 2012, fiz desse trabalho a coroação de um renascimento. Dois anos antes nasceu minha primeira filha, chamada Yakini. Nessa época eu trabalhava como professor na Fundação C.A.S.A.⁶, mediando encontros com jovens que estão privados de sua liberdade. O envolvimento nesses tramos é uma linha tênue, por vezes causa um banzo⁷ profundo, que pode levar até à depressão, pois eu estava dando aula pra jovens encarcerados que eram muito parecidos comigo e isso me dava a sensação de ser mais um aprisionado naquele sistema.

Chegava em casa tão esgotado daquele cotidiano, que mal tinha forças pra brincar e dar atenção digna pra Yakini. Percebi que não era justo estar extremamente dedicado aos jovens que eu dava aulas, sofrendo uma constante frustração pela falta de liberdade deles, enquanto não conseguia promover um laço de carinho e afeto com a minha filha. Talvez tenha faltado equilíbrio da minha parte, mas naquele momento não encontrei outra saída a não ser deixar aquele trabalho pra estar mais perto da minha pequena.

Como estava preparando o lançamento do livro **acorde um verso**, senti que o nascimento da Yakini e dessa obra poderiam ser um marco de mudança na minha trajetória e saúde emocional. O livro era uma busca de me aproximar da literatura negra e da ressignificação da linguagem, da perspectiva autoral, da ética e da estética que me encanta ao ler os textos de José Carlos Limeira, Éle Semog, Cuti, Marcio Barbosa, Miriam Alves, Conceição Evaristo e Esmeralda Ribeiro, uma geração de escritores e escritoras que conheci através da antologia *Cadernos Negros*⁸.

Com esses textos aprendi a enxergar outros horizontes pra criação literária e também a importância de batizar as crianças com nomes de origem africana, já que um dos livros lançados pelo Quilombhoje Literatura⁹, responsável pela edição dos *Cadernos Negros*, é a obra *Nomes Afros e Seus Significados*¹⁰, onde encontramos o nome Yakini, que significa verdade/certeza ou mãe da verdade, por conta do prefixo Ya, e vem da chamada África Ocidental, da parte oeste do continente.

Na apresentação do livro **Nomes Afros** está escrito: “Quantas pessoas podem dizer o significado do seu nome? Quantas podem apontar-lhe a origem? Um nome, enfim, é uma dádiva e nomear é dar um significado, uma identidade, é transmitir uma herança. Nomear é, pode-se dizer, um ato de criação, de reinvenção de uma realidade. É, sobretudo, um ato de consciência e de amor”.

Levando em conta que os nomes de origem africana eram proibidos durante a colonização e os africanos que chegavam aqui eram rebatizados com nomes de origem portuguesa, dar nomes às crianças com base nas nossas origens negadas é um ato de reparação. Assim foi com a Yakini. Logo depois, pedi permissão, assumi o nome dela como herança e passei a assinar meus trabalhos como Michel Yakini, num movimento de inverter essa lógica onde os mais velhos dão o nome aos mais novos mantendo as marcas coloniais.

Agora, em 2021, nesse olho do furacão que estamos passando, me encontro novamente em meio aos renascimentos, pelas condições do período, preparando o lançamento de um novo livro e passando por outras mudanças significativas. A principal delas é a chegada da minha segunda filha, a qual chamamos de Inaiê Iman, retomando o sentido de ancorar nomes ancestrais. Inaiê vem dos povos originários e significa águia solitária e Iman, vem da região da Somália e significa fé, sinônimo de certeza. Então ficou Inaiê Iman - Fé da águia solitária.

⁵ YAKINI, Michel. **acorde um verso**. Elo da Corrente Edições. São Paulo, 2012.

⁶ Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente, anteriormente chamada "Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor" (FEBEM), é uma autarquia fundacional criada pelo Governo do Estado de São Paulo

⁷ Estado de depressão que assolava os africanos escravizados no Brasil, era uma enfermidade crônica; uma nostalgia profunda que levava os negros à morte.

⁸ Antologia criada em 1978, que vem publicando autores e autoras negras de gerações diferentes, e de diferentes regiões do Brasil, em uma periodização ininterrupta, com a alternância dos gêneros poesia e prosa.

⁹ Cf. <https://www.quilombhoje.com.br/>

¹⁰ BARBOSA, Márcio. Ribeiro, Esmeralda. *Nomes afros e seus significados - Para seus filhos, para seu dia a dia. Quilombhoje Literatura*. Edição Digital.

Quando Inaiê nasceu a Yakini me perguntou se eu iria colocar o nome da Inaiê na assinatura do minhas obras. Pensei que não fazia sentido, já que a primeira mudança foi motivada por outros contextos. Mas bastou eu presenciar o renascimento da Yakini durante os rituais de iniciação que ela tem feito aos voduns¹¹, como filha do senhor Xapanã¹² no Tambor de Mina¹³, pra chave mudar novamente. Nessa passagem, Yakini também ganhou um novo nome, que é Dütéyékan (a vodunsi foi escolhida), de origem do grupo linguístico ewe-fon.

Na primeira visita que fiz ao terreiro onde a Yayá se dedica percebi que meu nome deveria mudar. A junção dessas irmãs é intensa e ao acompanhar o processo da Yayá senti uma vibração forte no Ori¹⁴ e a intuição me dizendo pra eu colocar a irmã caçula ao lado da Yakini, pra me deixar ser ao lado delas, e que isso deveria acontecer com o segundo nome da Inaiê. Por isso, é assim que renasço na presença das filhas, formando uma trindade de vida, fortaleza e proteção, com essa dupla de amor abundante que firma as certezas do meu caminho. Então, muito prazer, a partir de agora me chamo Michel Yakini-Iman. (YAKINI-IMAN, 2021, p.5-8).

Esse tipo de registro amplia o sentido da prática literária, possibilitando o desenvolvimento de autonarrativas e de escritas autoetnográficas que muitas vezes começam com diários, crônicas, poesias, entre outras formas de escrita subjetiva, onde o exercício de escrever em primeira pessoa favorece a compreensão da própria experiência de vida (SANTOS, 2017).

Assim apresento meu nome, meu território abstrato, a forma verbal que identifica minha pessoa, meu território de existência, que nomeia meu corpo físico, meu território vital, abrindo caminho para apresentar meu território afetivo (HUTTA, 2020), o chão que habita as poeiras, as águas, o aconchego, os espinhos e as rochas da minha história, um lugar-entidade chamado Pirituba.

¹¹ Divindades de origem africana, cultuados no Brasil no Candomblé de nação Jeje, das mitologias Fon e Ewe.

¹² Divindade que, dependendo da nação de Candomblé, é chamado de Omulú, Obaluaê, Xapanã ou Sapatá. Vodun que rege as doenças, as pragas e a saúde, a vida e a morte, a riqueza e a miséria. Seu principal símbolo é o xaxará, usado para varrer todos os males, e sua roupa é feita de palha da costa, que cobre todo o corpo. Sua saudação é Atotô (silêncio).

¹³ Religião bicentenária de matriz africana que tem forte influência do Candomblé Jeje, a partir da Casa das Minas, em São Luís do Maranhão.

¹⁴ Divindade da cabeça de cada indivíduo.

2 PIRITUBA E O JARDIM MONTE ALEGRE: LADEIRAS HISTÓRICAS DE UMA QUEBRADA

*(...) uma vez,
ainda miúdo,
me ensinaram
que "Alebrar"
é um erro!*

Alebrar é um erro!

*Depois disso:
tem coisa que não lembro
mas do resto
alebro de tudo!*

(Alebramentos - Michel Yakini-Iman)

Sou um homem negro, nascido em 1981, no bairro de Pirituba, zona Noroeste de São Paulo. Atuo como escritor no movimento de literatura das periferias, desde 2006. Sou filho de Maria Elisa, mulher negra, nascida em 1956, diarista, merendeira escolar e ajudante de confecção aposentada, e de Milton Ciríaco — o Miltão —, homem negro, ex-cobrador de ônibus e bombeiro civil, nascido em 1959. A família do meu pai veio de Minas Gerais e do interior do estado de São Paulo, e a parte da minha mãe da região Nordeste, do sertão entre Paraíba e Pernambuco, no início dos anos 1950.

Meu avós maternos são: Seu Paulino — homem negro, pernambucano que chegou em São Paulo de pau-de-arara¹⁵—, ex-gari aposentado e já falecido, e Dona Elisa, mulher mestiça, paraibana, dona de casa, mãe de mais três filhos. E os avós paternos: Sebastião Rodrigues, o Seu Montanha, homem mestiço, motorista de ônibus aposentado e cantador de viola caipira (já falecido), e Dona Rita, mulher negra, dona de casa, nascida em São João da Boa Vista-SP, que teve mais seis filhos e faleceu na cidade de Mogi das Cruzes (SP).

No período que meus familiares chegaram, São Paulo cresceu de forma exorbitante por conta da migração das populações negras e pobres (em sua maioria nordestina, mineira e interiorana), efeito de um projeto urbanístico higienista e da especulação imobiliária executada entre o final do século XIX e o início do século XX, que delimitou os territórios da riqueza e da pobreza na cidade (ANGILELI, 2007; PLÁCIDO 2019).

Nesse contexto, a distribuição espacial da população na cidade acompanha, assim, a condição social e racial dos habitantes, denotando as desigualdades efetivas. A deterioração das contradições que atingem a qualidade de vida da população

¹⁵ Meio de transporte irregular que foi utilizado no Nordeste do Brasil, ao adaptar caminhões para o transporte improvisado de passageiros, e que trouxe muitos retirantes nordestinos que viajavam com destino às regiões Sul e Sudeste do Brasil durante o século XX.

pobre e negra em São Paulo parece não ocorrer na cidade em geral. Entretanto, nesse período, surgem e se expandem os bairros periféricos que, juntamente com os tradicionais cortiços e favelas, acomodam a população trabalhadora (PLÁCIDO, 2019, p.244).

Em Pirituba não foi diferente. Esse território, segundo os dados oficiais¹⁶ abrange os distritos de Pirituba, Jaraguá e São Domingos e está localizado na zona noroeste da cidade. A origem do nome vem da língua tupi-guarani, sendo a junção de “piri” (brejo) com o aumentativo “tuba” (muito). No século XIX esse território abrigava grandes latifúndios e, por influência política dos fazendeiros, foi construída uma estação de trem por conta dos carregamentos de café que se destinavam ao porto de Santos.

No início do século XX, as terras dessas fazendas foram partilhadas entre os seus herdeiros. Desde então, surgiu um núcleo populacional nos arredores da estação e, anos mais tarde, outras partes das fazendas foram loteadas, surgindo assim a Vila Bonilha, Vila Zatt, Vila Maria Trindade, Vila Mirante e Jardim São José.

Esse território tem a presença de duas aldeias indígenas, que ficam próximas ao Pico do Jaraguá, desde o início da década de 1960, quando mudaram para o local pessoas da etnia Guarani Mbya. As aldeias estão próximas à Estrada Turística do Jaraguá e sofrem ameaças constantes por conta da especulação imobiliária.

Há uma nítida divisão social no bairro de Pirituba, entre seus mais de 430 mil habitantes. Nas partes localizadas mais próximas à Rodovia dos Bandeirantes existem vilas com estrutura social e urbana privilegiada, como é o caso dos bairros Parque São Domingos, City Pinheirinho e City América, que tem próximo ao Parque Cidade de Toronto uma área de mansões, shopping center, hipermercados, condomínios e casas de alto padrão de consumo. Em contraponto, a região mais próxima da Rodovia Anhanguera, como o Jardim Monte Alegre, está cercada por diversas favelas, enorme contingente populacional e muitas pessoas em situação de rua, principalmente, nas comunidades que são próximas do CEU Vila Atlântica¹⁷ (Centro Educacional Unificado) e do Pico do Jaraguá, conforme indica a localização à esquerda das figuras abaixo.

¹⁶ Cf. Pirituba: das fazendas de café a uma região populosa. 17/03/2015. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/pirituba-das-fazendas-de-cafe-uma-regiao-bastante-populosa/> . Acesso em agosto/22; Bairro de Pirituba. Disponível em: Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a_l/britobroca/index.php?p=5697 . Acesso em agosto/22

¹⁷ Equipamentos públicos voltados à educação, esporte, cultura e lazer, localizados nas áreas periféricas de São Paulo.

conhecidos por determinadas características, por exemplo: o bairro de Perus era relacionado ao cemitério Dom Bosco, o mesmo que em 1990 foram encontradas muitas valas clandestinas da época da ditadura militar¹⁸. O bairro do Jaraguá era conhecido por conta do parque e seu belíssimo mirante, e por abrigar a aldeia Guarani nos seus arredores.

Os outros bairros mais distantes, eu conhecia por conta das capas de jornal, principalmente pelo sangrento **Notícias Populares**¹⁹, que eu e outras pessoas ficávamos espiando na banca de revista, ou pela televisão, em programas como o **Aqui e Agora** (SBT) e **Cidade Alerta** (Record), com as "reportagens policiais", e cenas cinematográficas com o sobrevoo de helicópteros, recheadas de tiroteios, assassinatos, sequestros, roubos e outras tragédias. Conforme analisa Vera Telles:

O tráfico de drogas e o dito Crime Organizado aparecem como entidades fantasmáticas às quais são atribuídas todas e quaisquer mazelas de nossas cidades ou, como sugere Misse (2006: 269), os vários apelidos de um sujeito onipresente e onipotente que responde pelo nome de Violência Urbana (assim mesmo, em maiúsculo) e que unifica conflitos, crimes, delitos cotidianos, comportamentos, fatos e eventos os mais disparatados. É nessa figuração que se constroem os mitos e ficções de um poder paralelo, versão nativa do "império do mal", inimigo contra o qual só resta a estratégia da guerra (e extermínio). É o que está posto e exposto em episódios recorrentes e recentes de intervenção policial em territórios ditos problemáticos em nossas cidades. (TELLES, 2010, p.208).

Assim eram conhecidos os subúrbios que hoje são chamados de periferia, mas há versões invisibilizadas dessas histórias, apontando para a vivência cultural desses lugares. Histórias que surgem desde a formação inicial desses territórios, localizados nos arredores do centro (Brás, Bixiga, Barra Funda, Bom Retiro etc.), até a dispersão para as margens suburbanas do rio Tietê, a partir de 1940.

Essas regiões eram habitadas pelas populações negras e imigrantes, que conviviam com uma estrutura precária e enchentes frequentes, mas se organizavam em associações comunitárias como: times de futebol de várzea; bailes; carnaval; e festas religiosas (SILVA, 2013). Essas foram as primeiras iniciativas que apontaram possibilidades de sobrevivência e auto-organização para as futuras gerações periféricas.

Nesta mesma base, Pirituba se formou com uma grande comunidade negra no seu território. Essa presença é refletida nos terreiros de umbanda e candomblé, nos diversos grupos de capoeira existentes na região, nos times de futebol de várzea e sua batucada, que são a base dos grupos carnavalescos, como é o caso do extinto Barroca Santa Mônica, do

¹⁸ FILHO, William Helal. Vala de Perus: O cemitério clandestino onde a ditadura militar escondeu as ossadas de vítimas da repressão. In: **Blog do Acervo**, 04 de setembro de 2000. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/vala-de-perus-descoberta-do-cemiterio-clandestino-onde-foram-enterradas-vitimas-da-ditadura.html>. Acesso em 06/12/21

¹⁹ Também conhecido como **NP**, foi um jornal que circulou em São Paulo entre 1963 e 2001 e era conhecido por suas manchetes violentas, sensacionalistas e sexuais.

Vovó Bolão (ainda em atividade) e da Escola de Samba Prova de Fogo, que desde 1974 representa Pirituba nos desfiles das divisões de acesso.

Essa escola de samba foi fonte de uma pesquisa feita em 2009 pela Fundação Instituto de Terras de São Paulo (ITESP) e pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) sobre a possível existência de um quilombo urbano em Pirituba. A pesquisa se baseava no fato de Pirituba ter sido refúgio de negros em fuga ou recém-libertados de fazendas da Marquesa de Santos e do oeste paulista, no século XIX, logo após a abolição da escravidão (1888), que entravam no território pela parte alta, onde hoje é a Vila Mangalot.²⁰ Embora o estudo, concluído em 2011, não tenha confirmado as suspeitas de ser esta uma região de quilombo²¹, trata-se de um local com grande concentração de população negra e idosa, que vive na região desde o nascimento.

Tenho poucas recordações do bairro de Pirituba até meus quatro anos. Desde então, o que ficou firme na memória eram as idas aos terreiros de Umbanda²² da região, já que meu pai tocava atabaques, cantava, organizava e atendia as pessoas por meio de seus guias espirituais nesses lugares. No quintal de casa também havia um terreiro organizado pelo meu pai e por uma mãe de santo chamada Dona Terezinha. Lá os trabalhos eram realizados aos sábados, mas durante a semana nosso quintal recebia a presença dos filhos de santo para organizar as prévias dos rituais.

Minha presença no terreiro era frequente. A minha família não me cobrava essa presença, mas eu sempre me organizava para participar em algum momento e principalmente tomar um passe energético dos guias da casa. Eu também era responsável por comprar os charutos do Sr. Exu Marabô, entidade que atendia pessoas do bairro através do meu pai durante a semana. Os guias, como era o caso do Sr. Marabô, eram os responsáveis pelos atendimentos e os passes, e se faziam presentes a partir de ritual parecido com a descrição feita por Negrão:

[...] quando são invocados pelos seus “pontos cantados” ao som dos atabaques ou de palmas ritmadas, dão “passes” (espécie de benzimento em que as más influências espirituais são afastadas) e “consultas” (ouvem e aconselham), além de indicar “trabalhos” (procedimentos mágicos) e banhos purificadores com ervas (NEGRÃO, 1996, p.82).

²⁰ SCHIVARTCHE, Fábio. Prefeitura investiga 1º quilombo paulistano. **Folha de São Paulo**. São Paulo, domingo, 20 de novembro de 2005. Cotidiano. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2011200510.htm>. Acesso em 16/11/2022.

²¹ PIRITUBA NOTÍCIAS. Quilombolas na vila Mangalot. 20 de novembro de 2021. **Facebook**. Disponível em <https://www.facebook.com/piritubanoticias/posts/4359317347510775/>. Acesso em 16/11/2022.

²² Ritual sagrado que unifica elementos do espiritismo, catolicismo, das matrizes africanas banto-nagô, indígenas, esotéricas, cabalísticas etc, com entoação de cantos e defumações no qual médiuns incorporam entidades desencarnadas que oferecem consultas espirituais aos consulentes.

Eu observava o terreiro como um espaço em que as pessoas chegavam para serem acolhidas, se consultarem e se cuidarem, buscando auxílio para resolver demandas relativas à saúde (física e mental), profissão, finanças, moradia, afetividade, vida familiar, questões de ordem espiritual ou agradecer alguma realização pessoal.

Havia os que frequentavam a maioria dos encontros e realizavam os atendimentos (médiums, assistas e cambones) ou tocavam os instrumentos (ogãs); os chamados filhos da casa ou filhos de santo; e outros que compareciam em casos pontuais para se consultar (consultantes ou assistência).

Como já foi observado por alguns autores (GOMES 2021, SILVA; SCORSOLINI-COMIN, 2020), de maneira geral, nos terreiros são tratadas questões que remetem à existência, da busca por uma melhor qualidade de vida e do “Bem Viver”, promovendo um atendimento holístico, integral e integrador. Por isso, temas como saúde, autoconhecimento e autocuidado, que são referências desta pesquisa, aparecem de forma recorrente nos terreiros de umbanda, há muito tempo.

Eu gostava de ouvir os toques de atabaque e as cantigas que embalavam os ritmos do terreiro. Hoje tenho certeza de que minhas primeiras aulas de poesia foram os cantos e batuques do terreiro. Além dos encontros que aconteciam no barracão montado no quintal da nossa casa, eu também acompanhava meu pai na visita por outros terreiros do bairro, como era às sextas-feiras nas giras que aconteciam na casa do Sr. Jorge, o funileiro, e aos domingos, na casa da Sra. Dulce.

A data mais esperada era o dia 27 de setembro, que na Umbanda se comemora o dia dos gêmeos Cosme e Damião, santos católicos que no sincretismo religioso com as tradições de matrizes africanas fazem referências aos gêmeos Ibejis ou Erês, orixás crianças.

Nessa data era comum percorrer o máximo de terreiros na região e ficar nas filas para ganhar doces e brinquedos. Quase todos os finais de semana de setembro alguma festa acontecia nos terreiros da região e normalmente eram festas estendidas até o dia das crianças, no dia 12 de outubro.

Era um mês de muita alegria e brincadeira. Eu andava pelo bairro atento com os cartazes que anunciavam as festas, trocava informações com as outras crianças sobre as datas de cada lugar e no boca a boca as festas eram divulgadas. Além disso, muitos carros passavam nas ruas oferecendo doces e brinquedos em menção aos Erês.

Outra memória marcante é a feira livre que acontece, até hoje, aos sábados, na rua Jurubim, onde vivi mais de trinta anos. Essa feira é o ponto de encontro dos moradores, circulantes, vendedores ambulantes, feirantes e reúne uma grande diversidade de pessoas e

costumes presente no bairro. Trabalhei nesta feira quando criança, vendendo bolos e maria mole, carregando sacolas e olhando carros para ajudar no sustento da casa.

Aconteciam muitas festas nas ruas, nas quermesses e nas casas nos fins de semana, onde as músicas de samba-rock, samba, e o *soul-funk* afro-americano ditavam o ritmo e embalavam os encontros. Era comum ver as pessoas ensaiando os passos de dança nos quintais e em cima das lajes para dançar.

Nas festas, um grupo começava a puxar os passos e logo juntavam dezenas de pessoas no ritmo, em uma sincronia encantadora. Eu não participava de nenhum ensaio, por isso gostava mais de ficar observando o movimento.

As mais tocadas eram os sambas de Almir Guineto, Leci Brandão, Fundo de Quintal, Dona Ivone Lara, Eliana de Lima, Dicro e Royce do Cavaco, além do samba-rock de Bebeto, Originais do Samba, Branca Di Neve e Jorge Ben e as melodias funk-soul afro-americanas, que eram sucessos desde os Bailes Blacks que aconteciam em São Paulo desde a década de 1970.

A casa da minha família também era um ponto de encontro dessas festinhas e pequenos bailes, tanto que meu apelido desde criança é “Menino”, por conta da música “Frases” do Jorge Ben Jor, em que ele canta: Há seis mil anos o homem vive feliz/Fazendo guerra e asneiras/Há seis mil anos Deus perde o tempo/ Fazendo flores e estrelas/Olha o menino, ui/ Olha o menino, ui, ui, ui/Deixa o menino brincar...”²³.

Ouvi muitas histórias do meu pai, dos meus tios e de outros vizinhos contando sobre as noites do Casarão, salão de baile black de Pirituba, que recebia toda essa geração, quando eles eram jovens, e depois acompanhei de perto a construção do Babilônia Disco Club, organizado pela Equipe Black Music - O som especial de São Paulo, onde meu pai trabalhava como segurança nos anos 1990.

Muitas vezes fui até lá levar a marmita para a janta do meu pai e aproveitava para dar uma espiada nos shows de Rap, samba e as sessões de *black-soul-funk* que aconteciam na casa. O DJ e pesquisador Guilherme Botelho (2022) apresenta esse desenvolvimento:

A cultura dos bailes que proliferou pelos centros urbanos como Belo Horizonte, Distrito Federal, mas principalmente no eixo Rio-São Paulo nas décadas de 1970 e 80, foi basilar para a formação das inúmeras festas realizadas na década de 1990 que trabalhavam com músicas negras. Inicialmente, as equipes de som de São Paulo tiveram como referência as do Rio de Janeiro, principalmente pela presença sonora do peso. A proliferação das festas, com a promoção de um circuito, ampliou o universo sonoro do público que frequentava esses espaços. Inúmeros DJs que vieram a protagonizar a concepção sonora do Rap tinham como referência as

²³ Disponível em <https://www.letras.mus.br/jorge-ben-jor/86430/>. Acesso em 26/05/2022

músicas tocadas por equipamentos de sonorização de bailes de São Paulo, cidade que dispunha aos ouvintes o que chegava de importação de discos, as novas tendências, especialmente as estadunidenses (BOTELHO, 2022, p.75)

A partir daí fui compreendendo melhor meu território. Nossa casa ficava de frente para o córrego Ribeirão Vermelho e poucas ruas no bairro eram asfaltadas. Havia muitos terrenos baldios, quase sempre ocupados por cavalos, vacas ou meninos descalços chutando bola ou empinando pipas. Era comum ver as carroças disputando espaço com os carros. Também me recordo das andanças de trem, já que Pirituba é um bairro cortado pela Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

Até meus quatro anos morei na casa dos meus avós maternos, no Jardim Maristela, depois fomos para nosso segundo lar, no Monte Alegre, onde vivi primeiro em um barraco com dois cômodos, piso de terra batida e banheiro externo e coletivo, que ficava no quintal da minha família paterna.

Nesta casa moravam, além de mim, minha mãe, meu pai, minha irmã, meu avô com sua esposa, alguns tios e outros agregados, que vira e mexe precisavam de um abrigo. Nós tínhamos uma pequena horta, pé de goiaba, poço de água e um viveiro de bichos. Depois mudamos para uma casa maior e de alvenaria no mesmo quintal, onde meu avô viveu até falecer em 1993, e onde minha mãe vive até hoje.

Minha agonia era sentir falta de ar por conta de uma bronquite, principalmente quando chegava o inverno, e ter que ficar na beira do Ribeirão Vermelho colhendo mastruz para beber com leite. Meu pai preparava essa bebida, enquanto minha irmã e eu fazíamos caras e bocas nada amigáveis. Toda vez que colhia o mastruz, aproveitava e colhia também a serralha, para fazer salada e dar comida às galinhas.

Nessa época era muito comum as pessoas saberem identificar as ervas e seus usos, principalmente as pessoas mais velhas. Meu pai tinha algum conhecimento sobre isso, por conta também da sua aproximação com a umbanda, que fazia uso de muitas plantas para atender seus consulentes e imantar as energias do terreiro. A beira dos rios e córregos sempre foram fontes de muitas ervas utilizadas como chás, banhos e também como alimento pelas pessoas que sabem identificar seus usos e propriedades.

Os rios são as veias que carregam as contradições da cidade de São Paulo, das mais belas as mais horrendas, em todas as regiões, como bem ilustram o escritor e historiador Allan da Rosa, em sua “Carta ao Rio, o Córrego”, o Esgoto, capítulo publicado em sua tese de doutorado.

Com licença, Senhor Rio. Vou pisar leve e firme, vou sentir tua passada contínua e também vou farejando, injuriado por tua condição. Deitado pertinho da

janela do meu quarto, nos fundos de minha morada, a que se abre ou se cerra por teu aroma desagracento. Caminhando cotidiano em sua beirada e esforçando a boca do estômago ao contrair a narina para aguentar o vapor das fezes e detritos que há décadas te compõem, vou ofendido por esse avesso de encanto, mas ciente que não és tu que me acutila com esse fedor estupendo e sim o desenho de porqueira que foi e que é a história das escolhas urbanísticas de nossa cidade. A São Paulo que decidiu tornar rios em bueiros, a que se habitua a anomalias. (...) testemunhar e ser ainda resistência e anunciação, com a gana e a graça, com a ira e a ternura de quem persiste em fluir, em desenhar seu curso, mesmo que encalacrado e poluído em seu cerne (ROSA, 2021, p.16).

Eu me encantava quando, nos dias de temporal, o Ribeirão Vermelho enchia até quase transbordar e meu vizinho, o Nego Ju, aproveitava para ficar mergulhando da ponte que ligava a entrada do seu barraco até a margem na rua Saloá. Ele parecia nem ligar se o rio apresentava cheiros e cores de podridão e nadava como se fosse a água mais cristalina. Eu mirava suas braçadas imaginando as memórias que meu pai e outros vizinhos e familiares contavam sobre pescarias e água limpa naquele córrego.

Quando a chuva era mais do que o esperado, as enchentes dominavam o cenário desesperador. Naquela época meu pai trabalhava como bombeiro civil, e as pessoas pediam socorro na hora da enchente. Juntamente com um salva-vidas do centro esportivo municipal, chamado Luizinho, meu pai ajudava as pessoas a sair de suas casas com vida. Isso aconteceu diversas vezes.

No dia seguinte, enquanto o caminhão da defesa civil chegava com algumas cobertas e colchões da pior qualidade para doar aos moradores, o bairro ficava tomado pela lama, pilha de roupas, colchões, sofás, móveis e eletrodomésticos perdidos. Na escola, as crianças contavam sobre seus dramas, de água até o pescoço, paredes estouradas pela força da água, a perda do pouco que tinham e acima de tudo, a perda da dignidade: muitas compareciam à escola para terem o que comer.

Esse cenário, entre o bucólico e o caótico, acontecia pareado a um estado de violência generalizada, que no decorrer dos anos 1980 e 1990 gerou uma urbanidade estruturada para formação de elites, negligenciando uma série de serviços básicos à população. O bairro onde cresci, contava com escolas desabando, postos de saúde lotados, sem médicos e medicamentos, ausência de moradia digna, poucos espaços de lazer e cultura, saneamento básico insuficiente e sob vigilância abusiva e violenta da Polícia Militar (PM). A polícia era o serviço estatal mais atuante nas periferias nos anos 1990, anos que “foram marcados por uma violência generalizada do Estado contra setores populares e marginalizados da sociedade” (D'ANDREA, 2013, p.54).

Vale ressaltar que as escolas, as creches, as habitações populares, os hospitais e os postos de saúde das periferias foram construídos por conta da pressão de movimentos comunitários que aconteceram em São Paulo, entre as décadas de 1970 e 1980, liderado principalmente por mulheres e com o apoio das Pastorais da Igreja Católica e de médicos sanitaristas politizados (SADER, 1988), como é o caso do Hospital Municipal Dr. José Soares Hungria localizado em Pirituba, fundado em 1979.

Conforme a análise do sociólogo Éder Sader (1988), essas são características que marcam os movimentos sociais populares do período, que se distinguem da fase anterior, marcadas por maior controle estatal, partidário, euclesiástico e pelo assistencialismo caritativo burguês, principalmente entre os anos 1945 e 1964.

Os movimentos sociais foram um dos elementos de transição política ocorrida entre 1978 e 1985. Eles expressaram tendências profundas na sociedade que assinalavam a perda de sustentação do sistema político instituído. Expressavam a enorme distância existente entre os mecanismos políticos instituídos e as formas de vida social. Mas foram mais do que isso: foram fatores que aceleraram essa crise e que apontaram sentido para a transformação social. Havia neles a promessa de uma radical renovação da vida política.

Apontaram no sentido de uma política constituída a partir das questões da vida cotidiana. Apontaram para uma nova concepção da política, a partir da intervenção direta dos interessados. Colocaram a reivindicação da democracia referida às esferas da vida social, em que a população trabalhadora está diretamente implicada: nas fábricas, nos sindicatos, nos serviços públicos e nas administrações nos bairros (SADER, 1988, p. 313).

Nesse contexto, a maioria das reivindicações em prol de melhorias no bairro eram organizadas pelos movimentos comunitários a partir das Associações de Moradores, as famosas “sedinhas”, onde concentravam as ações políticas, as festas, os velórios, atividades artísticas, as rádios comunitárias, os pedidos de asfalto, consolidando um espaço de articulação e encontro dos moradores.

2.1 Quando o Rap e a escola se trombam no rolê

Professora, você já parou para ouvir a música das ruas? Talvez já tenha notado que os “manos” estão cantando na “EMETEVÊ”, ganharam alguns prêmios de públicos... mas já parou pra ouvir a letra? Já prestou a atenção na possibilidade de construir uma aula a partir desse documento? O documento vivo das ruas?
(SANTOS, 1999, p. 116).

Para mim a escola era um lugar de contradições. Sentia-me motivado ao estar lá para encontrar os amigos e jogar futebol, mas achava as aulas desinteressantes, como a maioria dos

estudantes. Durante a educação infantil até o final do ensino fundamental, estudei na Escola Municipal Henrique Geisel e depois cursei o ensino médio na Escola Estadual Zenaide Vilalva de Araújo, ambas localizadas em Pirituba.

Esse desinteresse pela escola era comum entre os jovens, e em parte ocorreu devido à descrença nos possíveis benefícios que a escola poderia oferecer, já que a geração anterior vislumbrava a certeza de que a escola era um caminho para a ascensão social e a melhoria de vida. Para a geração da década de 1990, no entanto, a escola representava um lugar pouco significativo, uma das razões, embora não a única, para evasão e frequência intermitente entre os estudantes (SPOSITO, 1993).

Completei o ensino fundamental sem nenhuma repetência e com um bom nível de alfabetização. Apesar de fazer alguns bicos durante a adolescência, seja para apoiar a família, seja para ter alguma autonomia financeira, realidade de muitos jovens das camadas populares (CORROCHANO, 2012). Consegui permanecer na escola, diferente de alguns colegas, para os quais a combinação trabalho/bicos e estudos não foi possível e o trabalho subalterno prevaleceu.

Neste período, a sociabilidade juvenil foi marcada pela disseminação de muitos grupos de Rap que surgiram na cidade, aglutinando jovens da periferia em uma identidade coletiva, associada à exclusão racial e social. Nas palavras de Sposito:

Assim, esse gênero procura articular, nem sempre organicamente, três dimensões: a primeira, mais próxima de suas origens, aponta para as questões específicas que aflige a população negra no interior de uma sociedade marcada pela hegemonia do branco; uma segunda, de caráter social, expressa-se na denúncia das condições de vida das populações trabalhadoras da sociedade; e a terceira aponta para as dimensões excludentes das relações geracionais, remetendo a uma específica forma de discriminação que atinge os jovens, marcados pela estreitas possibilidades de emprego, pelas dificuldades escolares, pelos dilemas presentes no mundo das drogas ou do crime e, sobretudo, porque este setor se tornou o alvo privilegiado da violência policial e de grupos exterminadores (SPOSITO, 1993, p.168).

O Rap é o elemento musical do movimento Hip Hop, expressão organizada pela juventude negra e periférica, que surge no Brasil na década 1980, e que teve origem na década anterior em Nova York, nos guetos afro-americanos e caribenhos, (ANDRADE, 1999), a partir do sistema de som jamaicano conhecido como *Sound-system*, que tem raízes culturais africanas e afro-diaspóricas (SILVA, 2020). Este movimento é integrado pelo Rap (música), Grafite (arte visual), DJ (responsável pelas bases instrumentais) e o MC (mestre de cerimônias) (SILVA, C., 1999). Conforme Plácido:

A expansão do *Rap* paulistano foi resultado da ação de jovens oriundos da segunda geração de migrantes nordestinos nos bairros tidos como periféricos, no qual, durante a década de 90, passaram a vivenciar diversas formas de supressão no

âmbito do espaço urbano. De modo geral o conjunto dessa experiência foi decodificada culturalmente por meio de ações e práticas elaboradas por jovens periféricos desde os anos 70. A prática cultural desses jovens via bailes *blacks* conseguiu se estender através do movimento *Hip Hop* e interagir como uma rede de experiências e sociabilidades supostamente desarticulada, que em diferentes instantes encontrou espaços nos salões de bailes, nas ruas e praças da metrópole e essencialmente nos bairros periféricos (PLÁCIDO, 2019, p.252-253).

As primeiras rimas que ouvi de forma recorrente nas quermesses, nas festas que aconteciam lá em casa e nas caixas de som dos vizinhos eram de “Nomes de Meninas” do MC Pepeu (1989), que cantava: “fiquei sabendo de um tal de Pepeu/que canta Rap bem melhor do que eu (...) Rute, Carolina/Bete, Josefina/Acabei de lhe dar/Quatro nomes de meninas”, e a “Melô da Largatixa”, de Ndee Naldinho (1988), que é uma versão da música “DJ Innovator” de Chubb Rock (1988).

Era uma fase em que as equipes de baile *blacks* de São Paulo produziram discos com intenção de reproduzir “o clima de baile em ambiente doméstico” (BOTELHO, 2022, p.39). Uma das que eu mais gostava de ouvir desse repertório era a música “*Just a Friend*” do Rapper estadunidense Biz Markie (1989), mesmo não entendendo a letra, eu me encantava com a levada e com o ritmo à base de piano.

Mas foi por volta de 1993²⁴, que me interessei mais pelas músicas de vários grupos e artista do Rap como: RZO, GOG, DMN, Filosofia de Rua e Sistema Negro, além do impactante disco “Raio-X Brasil”, do grupo Racionais Mc’s. A capa desse álbum tem uma foto de homens encarcerados, com tarjas no rosto, sendo o que a letra “X” aparece por cima da foto e na parte de baixo há uma a bandeira do Brasil, em que a expressão “ordem e progresso” é substituída por um desenho de um homem negro no cárcere, e mais abaixo está escrito “liberdade de expressão”.

Eu já tinha esse disco como fita K7, pois meu pai comprava as fitas que eram mais tocadas nos bailes do Babilônia. As letras do disco tematizam a violência das periferias e tinham muitos palavrões, por isso eu me sentia um pouco inseguro de ouvir na presença de um adulto, mas ouvia quando estava sozinho em casa.

É nos anos 90 que, pela narrativa das letras de Rap, os desajustados, drogados, favelados, ladrões, meninos de rua, detentos, ex-detentos, toda uma legião de deserdados da cidade mais rica ao sul do equador deixaram de aparecer apenas como vítima. Tais personagens têm sua humanidade nas letras de Rap, habitam lugares impronunciáveis da metrópole, não são números e estatísticas governamentais, nem fruto do engodo da industrialização e do crescimento urbano. Nessas canções elas emergem como protagonistas de suas histórias e de suas memórias (AZEVEDO; SILVA, 1999, p. 80).

²⁴ Esse foi o ano com maior número de lançamentos de disco de rap nacional entre o período de 1987-1995 (BOTELHO, 2022).

FIGURA 3 — CAPA DO DISCO RAIO - X BRASIL (RACIONAIS MC'S, 1993)



Fonte: Site Toque Musical. Disponível em: <https://www.toque-musicall.com/?p=8491> . Acesso em 06 de Dez. de 2022.

A faixa “Mano na porta do bar” parecia narrar a vida de pessoas que eu conhecia, personagens comuns do meu bairro, o ritmo era cadenciado por um instrumental da música *soul afro-americana* *Freddie's Dead* de Curtis Mayfield (1972), que tocava nas quermesses e nos bailes.

Você viu aquele mano na porta do bar
 Ele mudou demais de uns tempos para cá
 Cercado de uma pá de tipo estranho
 Que promete pra ele o mundo dos sonhos
 Ele está diferente não é mais como antes
 Agora anda armado a todo instante

Não precisa mais dos aliados
 Negociantes influentes estão ao seu lado
 Sua mina apaixonada, linda e solitária
 Perdeu a posição agora ele tem várias...

Várias mulheres, vários clientes, vários artigos,
 Vários dólares e vários inimigos.
 No mercado da droga o mais falado, o mais foda
 em menos de um ano subiu de cotação

Ascensão meteórica, contagem numérica,
 Farinha impura, o ponto que mais fatura
 Um traficante de estilo, bem peculiar

Você viu aquele mano na porta do bar (RACIONAIS MC 'S, 1993).

A história contada nessa letra, e em outros Raps, que não eram citados e nem trabalhados na sala de aula me despertaram o interesse em história, sociedade, narrativa e poesia, além de me propiciar um entendimento crítico e atento à situação das pessoas e do cenário da minha comunidade.

Mesmo não encontrando na escola uma referência para incorporar conhecimentos significativos, foi através das letras de Rap que tive contato com um discurso elaborado e de conhecimento apurado. Segundo Sposito (1993), isso acontecia porque:

Nesta trajetória reiteram a necessidade do Rapper manter-se “bem informado” e portanto, valorizam uma atitude de busca daquele conjunto de saberes supostamente oferecidos pelo ensino. Escola e conhecimento se tornam importantes porque assegurariam o desenvolvimento do RAP, que depende da apropriação e do domínio de informações (SPOSITO, 1990, p. 174-175).

Desde então, comecei a perceber um movimento diferente entre os estudantes, que despertou ainda mais meu interesse nesse estilo de música. O contato com os jovens, que faziam parte dos grupos de Rap que disputavam festivais e se apresentavam nos bailes pela cidade, me fizeram perceber o Rap sendo cantado por meninos e meninas nos corredores da escola e as letras copiadas nos cadernos dos estudantes em forma de poesia.

O Rap não era mencionado pelos professores. Apenas uma vez, no ensino fundamental, uma professora tentou fazer uma atividade com algumas músicas, mas a sala começou a questioná-la se ela estava tentando “ensinar Rap pra gente”, e ao tentar se explicar, o interesse da maioria se dispersou, porque nossa relação com Rap, até então, não era feita por meio da educação escolar.

Aprendemos as letras de Rap ouvindo rádio, as fitas k7 ou mesmo os vinis, decorando as letras e decifrando as composições do nosso jeito, no nosso tempo e não em aulas exaustivas como se estivéssemos aprendendo gramática, fórmulas e mapas. Essa tentativa da nossa professora de escolarizar o Rap fazia com esse estilo musical preferido, fosse associado a um ambiente conflituoso, como era o caso da escola.

Em outra ocasião, na aula de inglês, a professora me viu com uma camiseta com uma estampa de um “X”, com a bandeira dos Estados Unidos ilustrando a letra em chamadas. Atrás havia uma frase em inglês e a professora comentou, um pouco irritada, “que era bom saber o que estava escrito nas camisetas antes de vestir”.

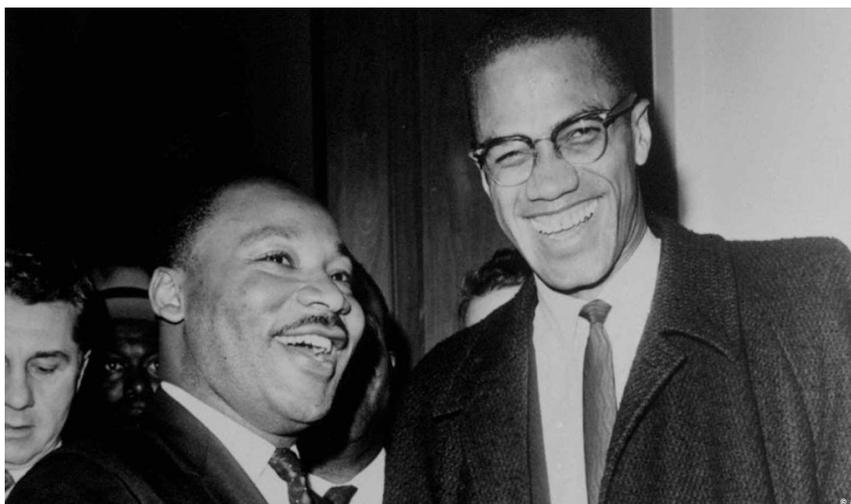
Não lembro qual era a frase e, na ocasião, a professora não revelou. Tentei traduzir, mas tive dificuldades, entretanto recordo que abaixo dela estava assinado “Malcolm X”, em alusão ao líder negro norte-americano e muçulmano, defensor do nacionalismo negro na

década de 1960. Essa camiseta foi comprada por meu pai no centro da cidade, na Galeria do Rock, na Rua 24 de maio, um dos pontos mais frequentados por pessoas negras e adeptos do Hip Hop, desde a década de 1990 (SPOSITO, 1993; BOTELHO, 2022).

Esse mesmo “X” do Malcolm é parecido com a letra em destaque no disco dos Racionais, grupo que assumiu a influência do Rap e do pensamento negro estadunidense, como explicou o Dj KL Jay em uma matéria para o Portal Geledés (2017):

Conhecemos Malcolm quando já éramos Racionais. Vimos um documentário do Public Enemy em que citavam ele, e fomos procurar saber quem era, e assim tivemos acesso à biografia. A grande influência que o Malcolm X deixou para os pretos do mundo todo foi: você precisa resgatar a sua autoestima.²⁵

FIGURA 4 — MARTIN LUTHER KING JR. E MALCOLM X



Fonte: Site DW. Disponível em:

<https://www.dw.com/pt-002/novas-provas-envolveriam-fbi-e-pol%C3%A0cia-de-nova-iorque-na-morte-de-malcolm-x/a-56645843>. Acesso em 06 de Dez. de 2022.

A imagem da letra “X” em chamadas que estava estampada na minha camiseta é parte da abertura do filme “Malcolm X”, dirigido por Spike Lee (1992) e que é baseado na Autobiografia de Malcolm escrita por ele em parceria com Alex Haley (1992), mas essa compreensão só tive depois de conhecer essas obras e esse personagem histórico através do Rap nacional, como na música “Voz Ativa”:

Precisamos de um líder de crédito popular
Como Malcom X em outros tempos foi na América

²⁵ Disponível em <https://www.geledes.org.br/importancia-de-malcolm-x-para-o-rap-nacional/>. Acesso em 17/11/2022.

Que seja negro até os ossos, um dos nossos
E reconstrua nosso orgulho que foi feito em destroços (RACIONAIS MC'S, 1992).

Essa influência tem raízes na ancestralidade africana, principalmente pela tradição oral cultivada na África Ocidental, que originou o canto de lamentos dos negros escravizados nas plantações dos Estados Unidos e do Brasil, que também é base da tradição de cantadores e repentistas nordestinos (SPOSITO, 1993). O Rap, até então, era meu único fio condutor com as questões negras e africanas, já que a escola dedicava pouca ou nenhuma visibilidade para essas temáticas.

No início do ensino médio, eu estava treinando nas categorias de base de uma equipe profissional em Guarulhos e me sentia cansado em fazer esse trajeto diário até Pirituba, para estudar no período noturno. Em uma certa noite, estava no pátio da escola esperando um amigo e a diretora apareceu gritando. Quando ela se dirigiu a mim dessa maneira, devolvi a resposta no mesmo tom.

Ela se assustou com a minha reação e chamou a polícia. Dois policiais me ameaçaram, dizendo que, se eu não me desculpasse, me levariam para a delegacia. Por sorte, o professor de Educação Física, chamado Ademir, morava no bairro e foi chamar minha mãe. Quando ela chegou, depois de um grande debate, os ânimos se acalmaram e eu pude voltar para casa.

Um pouco antes, no oitavo ano do ensino fundamental, me recordo de uma professora negra, que usava o cabelo crespo volumoso, algo pouco comum naquele período, mas lamentavelmente a maioria de nós a apelidamos de “Globeleza”, por conta da modelo Valéria Valenssa, que se tornou conhecida por dançar nas vinhetas carnavalescas na Tv, nos anos de 1990.

Essa professora era uma das poucas profissionais negras da escola, juntamente com o professor Ademir. Ela organizou uma programação no mês de novembro, entre 1994 e 1995, quando não era comum discutir o “Mês da Consciência Negra” no âmbito escolar, pautando a história de Zumbi dos Palmares e realizando uma mostra cultural, com apresentações de capoeira, exposição de trabalhos e música na escola. Essa foi a primeira e única ação voltada para as relações étnico-raciais que me recordo ter vivenciado na escola.

Desde então, os locais onde eu estudei, assim como o conjunto de escolas da região, passaram a ser enjauladas como prisões, instalando grades e cadeados por todos os lados e consolidando a vigilância permanente da polícia para conter possíveis atos de “indisciplina”, enquanto do lado de fora, o cotidiano do bairro se tornava cada vez mais distante da escola e cada dia mais violento.

Nosso repertório étnico-racial era fragilizado, pela ausência e precariedade dessa

discussão no âmbito escolar e familiar e pelo discurso televisivo com pessoas negras hiperssexualizados como a “Mulata Globeleza” e a “Morena do Tchan”, com personagens negros alcoolizados ou sem dentes como é o caso dos comediantes Mussum e Tião Macalé, ou ocupando espaço de subalternidade e de invisibilidade nas novelas como demonstra o documentário **A Negação do Brasil**, de Joel Zito Araújo (2000).

Em relação aos livros didáticos a pesquisadora Ana Célia da Silva, publicou um estudo intitulado **A discriminação do negro do livro didático** (2004), que demonstra, em vários exemplos, como muitos livros que eram trabalhados nas escolas brasileiras de ensino fundamental, na década de 1980, eram constituídos de figuras e textos estereotipados e preconceituosos. Segundo a autora:

O livro didático reproduz e reforça as relações raciais baseadas na discriminação, apresentando como natural o tratamento desigual nessas relações. Como acontece no cotidiano, a criança negra quase nunca tem nome, ela é denominada por apelidos ou pela cor da pele, assim como o é a maioria dos adultos e velhos. Nos textos, os personagens negros recebem adjetivação pejorativa, foram chamados de feios, malvados, sujos, mentirosos, demônios, moleques, preguiçosos, desobedientes ou, simplesmente, pretos e negrinhos (SILVA, 2004, p.67)

Mesmo com a presença da maioria de jovens negros nas escolas que eu frequentei, o fato de eu não lembrar do nome daquela professora negra, mas recordar do seu apelido, demonstra que o olhar cultivado sobre nós mesmos e sobre outras as pessoas negras, principalmente sobre as mulheres negras, nessa época, era pautado pelo pensamento racista que assume como base o apagamento, o exotismo, o erotismo e a violência.

Isso acontece porque “para esses jovens destituídos por experiências sociais que lhe impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma autoestima” (DAYRELL, 2007, p. 1110). Além disso, o Rap era a única expressão que me aproximava da discussão racial, porque esse tema só alcançou outro tipo de visibilidade política, educacional e midiática no Brasil a partir dos anos 2000 (GOMES, 2017), principalmente, após a implementação das Políticas de Ações Afirmativas, como a Lei 10.639/03.

Portanto, a prática do Rap e dos seus protagonistas foram fundamentais para promover a base dessa lei, mesmo antes da sua promulgação, fortalecendo o argumento a fim de que essa política pública pudesse existir, em um movimento educativo originado fora das escolas, mas que impactou essas instituições, promovendo “uma nova forma de interação do universo escolar com a cultura e as práticas jovens que nascem na rua” (SPOSITO, 1993, p. 175).

2.2 O Rap e o Movimento Negro Educador

Analisando os fatos depois de muitos anos, penso que a tentativa da minha professora no Ensino Fundamental em trazer o Rap para sala de aula foi articulada com uma movimentação que já estava ocorrendo entre os Rappers, em parte do Movimento Negro e até pela Prefeitura para aproximar essa linguagem da educação escolar.

Nossa resistência em sala de aula naquele momento não tinha essa dimensão. Eu associava o Rap como uma “cultura de rua”, como se autodenomina o movimento Hip Hop, por isso ter o Rap como conteúdo escolar, não fazia sentido para mim e nem para meus colegas de sala. Ao longo dos anos fui conhecendo alguns registros históricos que me fizeram reconhecer um outro lado da história. Quando comecei a trabalhar como educador passei a ler vários conteúdos e pesquisas sobre o Rap e o Hip Hop e só assim pude saber da aproximação do Movimento Negro com essa expressão e, até mesmo, da presença de Rappers e de professores/as engajados com o movimento Hip Hop nas escolas.

Depois, quando conheci a escritora Cidinha da Silva, que por muito anos fez parte do Geledés — Instituto da Mulher Negra, ela me contou que muitos Rappers, ativistas e artistas do Rap e do Hip Hop participaram de atividades no instituto, em uma parceria que rendeu ótimos frutos.

No decorrer dos anos de 1990, o Rap se consolidou como uma voz potente contra a onda violenta presente nas periferias. Mesmo com um início de pouco reconhecimento das políticas educacionais e sendo produzido pelos jovens em meio ao caos, essa expressão foi abrindo possibilidades discursivas e ações político-culturais promovendo a crítica à ordem social, ao racismo, a história oficial e a alienação midiática, por meio do engajamento de seus artistas (SILVA, 1999). Para Guimarães:

Após o fenômeno Rap já estar consolidado, com um público de milhares de jovens presentes em seus shows nos salões de bailes e casa noturnas da periferia, com discos gravados em pequenas gravadoras e com distribuição restrita às lojas das Grandes Galerias da rua 24 de maio, começa a haver uma mudança no tom e sua característica de crônica da vida da população negra das periferias dos grandes centros urbanos começa a ser percebida. Nesse momento, já na metade dos anos 90, com o fenômeno da vendagem de milhares de discos, a imprensa passa a dar outro enfoque ao Rap e seus produtores. Passam a exaltar esse tipo de músico, destacando a sua atuação como “sociólogo sem diploma” (GUIMARÃES, 1999, p.43).

Sendo assim, o Rap passou a ser objeto de estudos acadêmicos e atraiu a atenção dos movimentos sociais, legitimando a importância não só artística, mas ativista e educadora do Rap nacional. Um exemplo histórico é o, já citado, Projeto Rappers, que aconteceu entre 1992

e 1997, com jovens do Hip Hop em parceria com o Geledés — Instituto da Mulher Negra, criado em 1988, que tem como objetivo de combater a discriminação racial e de gênero e formular políticas públicas (SILVA, 1999).

Segundo a escritora e intelectual Cidinha da Silva (1999), coordenadora pedagógica do Projeto Rappers, este trabalho surgiu a partir de uma demanda de jovens negros e negras ligados ao Hip Hop, que ao ouvirem uma fala de uma integrante do Geledés sobre o recém inaugurado SOS Racismo²⁶, em uma praça pública, procuraram o instituto para buscar ajuda, por conta de um ato de extrema violência que eles tinham sofrido.

Essa aproximação culminou em uma série de atividades formativas na sede do Geledés sobre a história do Movimento Negro no Brasil e na diáspora africana, sexualidade, música, violência policial, gênero e cidadania, entre outras articulações como shows, revistas e vídeos.

Outro exemplo foi o projeto *Rapensando a Educação*, que surgiu no início dos anos 1990, por iniciativa da prefeitura de São Paulo, durante a gestão de Luiza Erundina, envolvendo grupos de Rap paulistano em debates e palestras em escolas municipais, integrando a escola pública com as comunidades por meio dos Rappers (SILVA, J.C.G, 1999).

Naquela época eu estudava em uma escola pública municipal, mas não tinha dimensão do contexto político da cidade. Considero que a escola conseguiu, no mínimo, me alfabetizar e isso foi determinante para o desenvolvimento de toda uma geração que frequentou a escola entre 1990 a 2000 (FERRARO, 2011).

Apropriei-me da escrita de uma maneira rápida. Nessa época eu arriscava escrever algumas histórias e cartas para mostrar aos amigos e por isso alguns deles me pediam para que eu escrevesse cartas de amor para suas paqueras. Depois, eles reescreviam as cartinhas e entregavam para seus amores. Eu era uma espécie de *ghost-writer* das paixões escolares.

Depois, resgatando esse contexto como estudante universitário e educador, constatei que além da gestão da então prefeita Luiza Erundina (1989-1992), eu estudei parte do ensino fundamental em uma época que o Secretário de Educação era o educador Paulo Freire (1989-1991) e a Secretária de Cultura era a filósofa Marilena Chauí (1989-1992).

Por isso, considerando que faço uso da palavra, da narrativa e do texto escrito como como escritor e pesquisador, ter vivenciado uma estrutura educacional e cultural no município chefiada por intelectuais de grande reconhecimento, que consideravam o desenvolvimento das pessoas como cidadãs na gestão política, me fez vivenciar, para além da alfabetização, um processo de aprendizagem de base crítica, emancipatória e humanizadora.

²⁶ Vinculado ao Programa de Direitos Humanos do Geledés, prestando atendimento jurídico às vítimas de discriminação racial.

Recentemente, em 2019, o projeto *Rapensando a Educação*, criado na gestão Erundina-Chauí, retornou por iniciativa da Prefeitura de São Paulo, resgatando o mesmo nome e realizando duas edições em unidades do CEU na Zona Sul, com a participação de integrantes do Racionais MC's, Grupo DMN, além de mulheres e pessoas LGBTQIA+ do movimento Hip Hop²⁷.

Trago exemplos do Rap e seus protagonistas em diálogo com organizações do Movimento Negro e com a educação, durante a década de 1990, para demonstrar a consolidação e a formação de lideranças que fortaleceram o caráter pedagógico do Rap nacional para atuarem em suas comunidades. Assim, é possível reconhecer a ação juvenil através do Rap como parte do Movimento Negro, já que para Nilma Lino Gomes (2017) este movimento é constituído por

[...] negras e os negros em movimento: artistas, intelectuais, operários e operárias, educadoras e educadores, dentre outros, ou seja, cidadãs e cidadãos que possuem uma consciência racial afirmativa e lutam contra o racismo e pela democracia, mas não atuam necessariamente em uma entidade ou organização específica. Todos são, de alguma forma, herdeiros dos ensinamentos do Movimento Negro, o qual, por conseguinte, é herdeiro de uma sabedoria ancestral (GOMES, 2017, p.18).

Portanto, o Rap somou forças, argumentos e ações em favor de uma demanda educacional pautada pelo Movimento Negro, desde os anos 1980, que exigia a inserção das relações étnico-raciais nas diretrizes curriculares, contemplada em 2003 com a promulgação da Lei 10.639/03 (GOMES, 2017), que promove o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira (PERCILIANO, 2017).

O legado construído pelo movimento Hip Hop, através do Rap, contribuiu para que essa lei fosse construída na prática, bem antes de sua promulgação, se tornando uma alternativa pedagógica.

A música negra tem muita força e muitas das mudanças sociais existentes na atualidade tiveram como pano de fundo os movimentos sociais nascidos no contexto dos mais diversos estilos e não seria diferente com o movimento negro. Como os movimentos sociais geralmente vêm da comunidade para a universidade, esses movimentos influenciaram na criação de leis como, por exemplo, a lei 10.639/03 (PERCILIANO, 2017, p.1344).

O reconhecimento do Rap nacional e da juventude negra como produtores de conhecimento, elevou a importância dessa expressão no debate acadêmico e educacional no Brasil, onde o Rap e o movimento Hip Hop se tornaram focos de pesquisas dedicadas às culturas juvenis ao longo dos anos 2000 (SPOSITO; ALMEIDA; CORROCHANO, 2020) e também confirma que “a dimensão educativa não se reduz à escola, nem que as propostas

27 Disponível em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=27138>. Acesso em 21/11/2022.

educativas para os jovens tenham de acontecer dominadas pela lógica escolar” (DAYRELL, 2007, p.1125).

Naquele momento essa dinâmica não estava explícita no meu entendimento. Eu era um jovem que gostava de jogar futebol, ir ao terreiro, ouvir Rap, Punk Rock e frequentar a escola para encontrar os amigos, não me importava com os debates sobre educação e as questões sociais.

Aos poucos as letras de Rap foram me proporcionando um letramento social e racial que me levaram a esse tipo de conhecimento. A relação com o Rap nacional me deu repertório teórico, identitário e consciência social e isso me abriu alternativas (estéticas, linguísticas, históricas, comunitárias, estruturais, emocionais, etc.), mas tudo aconteceu de forma lenta e gradual.

Segundo Eliane de Andrade “O Hip Hop, e o Rap como seu principal expoente, sendo um movimento social, permite aos jovens desenvolver educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania” (ANDRADE, 1999, p. 89, grifos meus), e isso representa uma ação pedagógica que fortaleceu a autoestima e a identidade negra de toda uma geração que surgiu com muita potência nos anos 1990.

Por isso, o caráter educativo do Rap confirma que essa expressão é um elemento relevante de debate no campo da Educação, pois a participação da juventude nas mudanças ocorridas nos processos de socialização das instituições tradicionais (DAYRELL, 2007), como é o caso da escola, tem grande contribuição do Rap, do movimento Hip Hop e de seus protagonistas, em um cenário nada favorável vivido nas periferias paulistanas durante a década de 1990 e o início dos anos 2000, que retomo, apresento e analiso na sequência deste trabalho.

2.3 Sobrevivendo no Inferno: Velórios, cárcere e uma bola de capotão

O sobrevivente é aquele que, tendo percorrido o caminho da morte, sabendo dos extermínios e permanecendo entre os que caíram, ainda está vivo
(MBEMBE, 2016. p.142).

Durante minha adolescência, ainda que eu sentisse medo e receio de visitar outras periferias, aos poucos fui percebendo que existia algo semelhante entre os bairros que estavam longe da “cidade”. O grande revelador desse enigma foram as narrativas do Rap. Eu

saía do bairro para jogar futebol com os times de várzea nos fins de semana e o Rap era a trilha sonora principal desses trajetos. As letras de Rap indicavam um denominador comum entre Pirituba e os outros bairros.

Sobretudo, passei a relacionar o repertório oferecido pelo Rap, com uma identidade coletiva, pois o Rap canta o cotidiano de diversas periferias, mas também parece dizer de um “lugar comum”, algo que fundamenta a possibilidade de construção do “Sujeito Periférico” (D'ANDREA, 2013), e reforça o sentido de que “periferia é periferia em qualquer lugar” (GOG, 1994). Para Dayrell (2007):

Essas diferentes dimensões da condição juvenil são influenciadas pelo espaço onde são construídas, que passa a ter sentidos próprios, transformando-se em *lugar*; o espaço flui da vida; do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentido próprios, além de ser ancoragem de memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados (DAYRELL, 2007 p.1112).

O Rap era uma válvula de escape para denunciar as desigualdades e anunciar a humanização da nossa existência. Contudo, ao invés de ser vítima do estado de violência instaurado nas periferias, o Rap e o Hip Hop me deram possibilidades de me tornar um sobrevivente. No álbum “Sobrevivendo no Inferno” (1997), dos Racionais, a introdução da faixa "Capítulo 4, versículo 3”, narrada por Primo Preto demonstra a situação da juventude negra naquele período.

60% dos jovens de periferia
Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial
A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras
Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros
A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo
Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente (RACIONAIS, 1997).

FIGURA 5 - RAPPER GOG, JÉSSICA BALBINO, MICHEL YAKINI-IMAN (2008)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em:

<https://elo-da-corrente.blogspot.com/2007/12/um-salve-do-gog.html>. Acesso em agosto/22

Mesmo com toda essa influência educadora do Rap, durante o final do ensino médio meu interesse pelos estudos continuou mínimo: sonhava em ser jogador de futebol e nada mais. Também gostava de andar com os amigos que praticavam skate porque eles ouviam e também tinham grupos de Rap, Punk Rock e Hardcore e conversavam sobre outros assuntos, como arte, e as vivências nos lugares onde eles disputavam os campeonatos de skate. Também acompanhava esses amigos nos shows de garagem que eles participavam no bairro e em outras quebradas.

Certa vez, entre 1998 e 1999, um amigo a quem carinhosamente chamamos de Doug, morador da favela da rua Saloá, estava ouvindo seu *walkman* na quadra da escola e me mostrou uma música que estava tocando na rádio. Ele disse que os locutores estavam mandando um salve para pessoas conhecidas. Era o som do RZO, *O Trem*, uma espécie de hino piritubano:

E eu peço a Oxalá e então sempre vai nos guardar
 Dai-nos forças pra lutar, sei que vai precisar
 No trem, meu bom, é assim, é o que é
 Então centenas vão sentados e milhares vão em pé
 E em todas as estações, ali preste atenção nos PF's
 O trem pára e o povo entra e sai, e depois disso, o trem já se vai
 Mas o que é isto? Esquisito. E várias vezes assisti
 Trabalhador na porta tomando borrachadas
 Marmitas amassadas, fardas, isso é lei?
 Vejam vocês, são cães, só querem humilhar toda vez
 Aconteceu o ano passado em Perus
 Um maluco estava na paz, sem dever
 Caminhava na linha assim, a uns 100 metros
 Dessa estação, preste atenção, repressão
 Segundo testemunhas dali, ouvi
 Foi na cara dura assassinado, mas não foi divulgado
 E ninguém está, não está, ninguém viu
 As mortes na Estrada de Ferro Santos-Jundiaí
 E ninguém tá nem aí, Osasco-Itapevi,
 Do Brás a Mogi ou Tamanduateí
 Já estive, eu sei, já estive
 Muita atenção, essa é a verdade
 Subúrbio pra morrer, vou dizer é mole
 O trem é assim, assim que é (o bicho pega)
 Sem proceder não para em pé (...)
 (RZO, 1999).

Doug estava ouvindo a rádio Alpha FM, uma frequência comunitária do bairro, conhecida como rádio pirata. Conteí que meu tio e meu pai eram locutores em outra rádio, a Elite FM, e dias depois o Doug me perguntou se era possível articular para ele fazer um programa lá, ou melhor, para nós fazermos um programa juntos. O convite me surpreendeu, mas topei por confiar na nossa amizade. Essa aproximação com a rádio comunitária me levou

a uma inserção no universo artístico e cultural da cidade que eu não imaginava.

Na década de 90 a Rádio Reversão, emissora clandestina em São Paulo que operava com equipamentos que atingiam um raio de 10 km, teve seus equipamentos apreendidos (...) sendo instaurado um Inquérito Policial, posteriormente transformado em um processo que se arrastou por três anos. Em 1994 é proferida a sentença pelo Juiz Federal Casem Mazloum, a qual absolve os responsáveis pela rádio Reversão. (...) Após essa sentença, houve uma verdadeira explosão de rádios clandestinas na cidade de São Paulo (...). (ÁVILA, 2012, p.25-26).

FIGURA 6 — CAPA DO DISCO “TODOS SÃO MANOS” (RZO, 1999).



Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Todos_s%C3%A3o_Manos .
Acesso em 12/10/2022.

FIGURA 7 - SANDRÃO (RZO), ALESSANDRO BUZO, HELIÃO (RZO) E MICHEL YAKINI-IMAN (2008).



Fonte: Youtube. Disponível em:: https://www.youtube.com/watch?v=F-d_DFM4FUo . Acesso em agosto/2022.

Nesse período, o Ribeirão Vermelho estava mais poluído do que nunca, as enchentes ficaram mais frequentes, e os sobrados de alvenaria foram substituindo os barracos de madeira. As ruas foram asfaltadas e os campinhos, os cavalos e as vacas foram desaparecendo para dar lugar aos condomínios fechados ou às casas amontoadas das favelas.

Os anos 1990 podem ser vistos como a década que fez eclodir as esperanças da década de 1980, quando uma crise econômica persistente conviveu com um intenso processo de mobilização popular, projetando as classes populares no centro da cena política do país. Foram os anos das reformas neoliberais, que levaram à fragilização de conquistas sociais dos anos anteriores do trabalho; o desemprego aumenta, os salários se deterioram e o chamado mundo do trabalho se desfaz sob impacto da precarização das relações de trabalho e do aumento do mercado informal (D'ANDREA, 2013, p.13).

Surgiram mais pessoas, carros, motos, linhas de ônibus, pequenos comércios, trabalhadores informais; e ficou nítido o aumento das igrejas evangélicas neopentecostais e do tráfico de drogas. Essas igrejas se instalaram de forma maciça nas periferias e declararam como sua principal inimiga as práticas do Candomblé e da Umbanda, justificando a necessidade de combatê-las.

Os evangélicos, de forma geral, já associavam as entidades da umbanda e os deuses do candomblé aos “demônios”; no entanto, o conjunto evangélico neopentecostal liderado pela Igreja Universal do Reino de Deus começou a enxergá-los como responsáveis por todos os males e sofrimentos presentes “neste mundo”. (HANASHIRO, 2016, p.33).

Em Pirituba, muitas casas que praticavam os rituais de matrizes africanas encerraram suas atividades, inclusive o terreiro de Umbanda organizado por meu pai e por Dona Terezinha, que se tornou fiel da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Isso aconteceu devido a perseguição e a atitude agressiva incentivada pelos pastores contra a Umbanda e o Candomblé e culminou na debandada de fiéis para suas igrejas, principalmente para a IURD, fundada pelo polêmico pastor Edir Macedo (HANASHIRO, 2013).

Em 1988, Edir Macedo lançou um livro **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônios?**, em que dedica a obra aos pais e mães de santo afirmando que esses sacerdotes, ainda que bem intencionados, precisam que Deus levante alguém para lhes dar esclarecimento e instrução e agir corretamente (NOGUEIRA, 2020). No livro **Intolerância Religiosa**, Sidney Nogueira (2020), também conhecido como Pai Sidney de Sângó, pesquisador, Doutor em Semiótica e Linguística Geral, e Babalorixá do Candomblé da Nação Ketu, analisou este livro de Edir Macedo, identificando aspectos que configuram o que ele denomina de “racismo

religioso”, pois ataca diretamente as Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro), por serem religiões de origem negroafricana:

O livro é mais um projeto de conversão em massa e sabemos que a conversão em massa somente pode ser consolidada por meio da eleição de um antissujeito, um inimigo, um vilão, um demônio, um grande mal imaginário que se responsabilize por todos os males na vida das pessoas.

o tom é, a um só tempo, racista, etnocêntrico e arrogante. Alguém de fora da nossa realidade, alguém que não concorda com nossas práticas, alguém que, embora nos veja como bem-intencionados, decide nos instruir porque nos falta instrução.

Agora, aquele que quer dizimar pretos e pretas e todos os praticantes de CTTro e nos colocar em uma posição satânica irá nos instruir. Aquele que segura a chibata assume o papel de nosso educador e cabe a ele, em nome de um deus também criado por ele, fazer com que vejamos a verdade “dele”.

O livro é de 1988, que foi também quando teve início a perseguição mais acirrada às CTTro. Trata-se da retomada de um processo de satanização secular, agora executado de modo institucional e midiático pelos principais segmentos neopentecostais do país. (NOGUEIRA, 2020, p.24).

Nessa época as crianças já sentiam vergonha de frequentar as festas de Erê pelo bairro, e à medida que os terreiros foram fechando as festas das crianças passaram a se concentrar no mês de outubro. Quando alguém aparecia oferecendo doces na rua no dia de São Cosme e Damião, era comum ouvir das crianças que não queriam porque eram doces do “capeta” ou do “inimigo”.

Aos poucos passei a esconder que minha família era de terreiro, porque era comum ouvir piadas preconceituosas a respeito, ou a acusação de ser filho de feiticeiro ou coisas do tipo. Muitas mães e muitos pais dos meus amigos, quando sabiam da relação da minha família com a Umbanda os impediam de irem à minha casa e, quando eu visitava a casa deles, ouvia expressões como “tá amarrado” ou “tá amarrado em nome de Jesus”, uma espécie de “gíria” dos evangélicos da IURD, para mencionar algo repugnante para eles.

Segundo Hanashiro (2018) esse dito é falado porque os encostos, entidades que se manifestam nas Sessões de Descarrego da IURD com nomes de guias da Umbanda, estão sempre com as mãos para trás, como se estivessem amarradas.

Nessa época foi comum ver alguns amigos do meu pai deixarem de frequentar nossa casa porque se tornaram fiéis da IURD. O caso mais emblemático foi de um vizinho que gostava de ouvir alguns discos de Punk Rock junto com meu pai, pois era o estilo de música preferido deles. Ao se converter como fiel da IURD, esse amigo deixou de ir à nossa casa e parou de falar com os meus parentes. Depois, soubemos que ele queimou todos os seus discos e camisetas de banda, pois aquilo representava algo maligno na visão da igreja.

Ao longo dos anos, a instalação das igrejas neopentecostais nas periferias, além de estabelecer a crença e a moral cristã, com discursos polêmicos e preconceituosos, também

acolheu seus fiéis, inserindo essas pessoas em uma comunidade de apoio que, em muitos casos, afastou as pessoas dos vícios e da criminalidade e nos últimos anos tem gerado discussões e rupturas entre os evangélicos progressistas que questionam o discurso conservador que prevalece entre as igrejas neopentecostais.

A presença de lideranças evangélicas progressistas, como é o caso da *Bancada Evangélica Popular*²⁸, que lançou candidaturas em 2020, e do Pastor Henrique Vieira, eleito deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) no Rio de Janeiro em 2022, ainda é pequena se comparada ao que ficou conhecida como *Bancada da Bíblia*, composta por lideranças evangélicas conservadoras com grande representatividade nas assembleias e câmaras de deputados e vereadores pelo Brasil.

Segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap), em 2018, o número de evangélicos em Brasília era de 82 deputados e dois senadores, mais que o dobro de congressistas evangélicos eleitos em 2006²⁹. Nogueira (2020) demonstra como a perseguição às CTTro alinhada a uma expansão política, por parte das igrejas neopentecostais, é uma estratégia antiga, que se inicia desde o final dos anos 1970.

Desde 1977, quando a primeira Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) foi fundada no Rio de Janeiro, a perseguição às tradições de origem preta - Umbanda, Quimbanda, Candomblé e afins - se agravou e, como veremos ao longo dessa obra, criou uma espécie de espetáculo violento contra tudo que, aparentemente, for identitária, filosófica e liturgicamente relacionado às influências africanas no Brasil.

Forças políticas aliaram-se à demonização das CTTro, um projeto de poder fortaleceu-se e a intolerância religiosa tornou-se igualmente esse de pseudo-heróis salvadores do Brasil, contra vilões responsáveis por todos os males da sociedade e da alma humana. O proselitismo religioso e eleitoral misturou-se de modo que não se sabe mais o que é religião e o que é política. Com isso, foi ao lixo, do mesmo modo, a suposta laicidade prevista em nossa Carta Magna (NOGUEIRA, 2020, p.25).

Esse projeto de poder se ampliou após a Assembleia Constituinte de 1988, quando os grupos evangélicos passaram a receber concessões públicas de rádio e TV por meio de representantes no congresso, criando grupos de comunicação (NOGUEIRA, 2020). Assim os cultos, as “sessões de descarregos” e afins não ficaram restritos somente ao ambiente das igrejas, mas passou a fazer parte da vida privada da população.

28

Disponível em <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2020/09/09/contra-neopentecostais-1-bancada-evangelica-de-esquerda-se-lanca-em-2020.htm> . Acesso em 11/10/2022.

29

Disponível em <https://exame.com/brasil/bancada-da-biblia-mais-que-dobrou-desde-2006-mostra-levantamento/> Acesso em setembro de 2022.

Antes era possível escolher entre assistir os canais evangélicos e outras programações, mas atualmente alguns canais de televisão, como a Bandeirantes e a Rede TV, tem horários reservados em sua programação para exibição dos programas evangélicos.

Já a Rede Record, desde 1989, é propriedade de Edir Macedo da IURD, e tornou-se uma das principais emissoras, em termos de audiência, com uma programação baseada em programas evangélicos, novelas bíblicas e reportagens policiais. É muito comum andar pelas periferias de São Paulo e encontrar os televisores dos comércios e das casas ligados na Record.

Até mesmo o Rap que fazia muitas menções e agradecimentos aos orixás em suas composições, como nas músicas do RZO, Racionais e Sabotage, passou a ter um viés mais cristão e bíblico, abrindo margem para o fortalecimento de uma vertente gospel do Rap nacional. Essa onda também influenciou as canções dos Racionais Mc's. A música “Jesus Chorou”, do álbum **Nada como um dia após ao outro** (2002), finaliza com um trecho de uma pregação e com a frase “Prefiro ouvir o pastor” e a música “Fórmula Mágica da Paz”, que na versão estúdio (1997) agradece a “Deus e aos Orixás” e na versão ao vivo (2001) canta “agradeço a Deus, aleluia Deus!”³⁰.

Antes, na música *Um Homem na Estrada* (1993) a periferia era cantada pelos Racionais como “Um lugar onde só tinha como atração/O bar e o candomblé pra se tomar a benção”, mas depois a relação entre igrejas evangélicas e periferia tornou-se tão forte que mesmo quem nunca foi a nenhuma igreja, sempre tinha um parente frequentando os cultos (TAKAHASHI, 2014).

Em 2004, o grupo Sistema Racional, de Santo André, lançou a música *Igreja do Sal*, com críticas e ironias à igreja do pastor “Pedir mais cedo”, em alusão direta às “sessões de descarrego” utilizadas nos cultos da IURD.

Você tá com problemas, vive com medo!
Ele te engana, pede grana é o Pedi Mais Cedo
A sua vida tá um desgosto
Revelaram na igreja que você tá com encosto

Entre na corrente, aliene sua mente!
Peça ajuda, você está doente
Vá ao novo pronto-socorro
É o novo o hospital da Igreja lá do Sal

Quase em fase terminal, desempregado
Vem um filho dá... e diz que você tá endemoniado
Se eu vou à igreja é pra ouvir palavras de conforto
E não que o diabo tá no meu corpo

³⁰ Em um documentário lançado sobre os Racionais Mc's em 2022, distribuído na Netflix, há imagens fazendo menção aos orixás e as religiões de matriz africana.

Deus é amor, mas tem pastor
 Que geralmente prega palavras de pavor
 Nesse momento peço ao senhor sabedoria e entendimento pra rimar
 E ler o sagrado evangelho
 Pode vir Tranca Rua, Zé do Fogo, Preto Velho

Desrespeita a outra religião
 Pretensão — Só a minha igreja tem a salvação
 Aqui não é a piada do Ari Toledo
 Aqui é a roubada do Pedir Mais Ceddo
 Muitos fazem o seu estágio
 Jesus é Caminho e o Pedir Mais Ceddo é o pedágio

Enquanto baixa o santo
 Pode baixar em mim que eu não me espanto
 Enquanto baixa o santo
 Esse refrão eu canto

Que Comédia, o Senhor está me revelando
 Olha lá tá baixando
 Que comédia, o Senhor está me revelando
 Enquanto cê tá indo eu tô voltando

Que Comédia, o Senhor está me revelando
 Que a igreja lá do sal té te enganando
 Que comédia, o Senhor está me revelando
 Que alguém está te hipnotizando

Eu sou do Hip-Hop, te dou um toque não seja loque
 Compre o terreninho no céu e tome calote

Não, Deus não é interesseiro!
 Fique ligeiro, Deus não quer o seu dinheiro!
 Daqui a pouco vão dizer que o demônio
 Tá destruindo a camada de ozônio

(...)

Não tem satã aí dentro, não tem cabimento!
 O povo morre por falta de conhecimento
 Jesus disse: Eu sou a paz, Eu vos dou a minha paz
 Convoco e desafio o burro satanás

Não acredito, o demônio não é de nada!
 Você não tá possuído, é marmelada!
 É enganação, tenha paciência!
 A libertação começa na sua consciência.

(SISTEMA RACIONAL, 2004).

Ainda no final dos anos 1990, Pirituba cresceu, o subúrbio virou periferia e a “cidade” virou o “centro”. Minha casa, assim como a de quase todas as famílias do bairro, não tinha mais quintal, nem pé de fruta, tampouco horta e galinheiro; os poços de água foram proibidos e fomos obrigados a consumir água privatizada.

Todas as manhãs era comum saber de algum assassinato, avistar uma poça de sangue na esquina ou um corpo coberto por jornal na longa espera do Instituto Médico Legal (IML)³¹. Quando não um tiroteio, a sirene da viatura, as portas dos comércios fechando, o corre-corre, o salve-se quem puder; quase sempre envolvendo o assassinato de um conhecido - um amigo, um jovem negro e periférico que, assim como muitos, não completou trinta e poucos anos de vida. Escrevi sobre essas memórias em 2014, na crônica Caboclo Palestino que faz parte do livro **Na Medula do Verbo** (2021):

Caboclo Palestino

Sabe mano,

Hoje, saí de casa na certeza que escreveria sobre o genocídio do povo palestino, pesquisaria sobre a faixa de Gaza, sobre o histórico da região, para compor argumentos e me unir aos que me identifico nesse grito urgente.

Bastou cem metros de caminhada e encontrei seu irmão e de bate-pronto me lembrei de você, da sua ausência e meu mundo voltou a apontar pra cá, pra quadra da rua de trás, pro dia em que te conheci, pro dia em que conheci seu mano e me dei conta de que ainda é preciso escrever muito sobre nós. Sobre a linha de corte desse balaio do caboclo-palestino.

Precisei apenas atravessar a rua pra encontrar a morte sendo entregue que nem pizza na frente do portão, quentinha, sem importar o nome de quem fez, a cara do indivíduo, o porquê. Assim: sem muita explicação, entregou, tchau, boa sorte!

E somos tantos iguais, né, mano? Parece ironia, mas você carrega o nome do seu pai e seu pai, assim como você, não soube o que é ter trinta e poucos anos. E eu que achava que esse medo já não me rondava, ficava me gabando da nossa geração ainda tá vivona por aí... Ilusão.

Vê só: Esses dias, encontrei aquele chegado, que não via há tempos, com um sorriso estranho me dizendo que acabou de vir de uma clínica catequista e que agora é só Deus pra continuar firmão. Devolvi o sorriso sem graça, por saber o fim da história, que o mano não sabe que tem uma doença e acredita mesmo na ruindade do seu espírito. E certamente, logo mais, ele vai descer de baixo da ponte pra pipar com esse tal demônio travesso. E o pior: com vergonha de olhar pra mim. Tomara que não!

Depois, já de noite escrevi uma carta pro menino do nosso conceito, que mais uma vez tá guardado, com aquele sorriso lindo e a cabeça dura de tanto incompreender porque a vida só lhe presenteia com algemas e surras de xilindró. E a mãezinha dele, que viu a gente ser gente, me pediu um livro pra levar, porque toda vez que ele vai em cana inventa de ler, mesmo não sabendo a diferença de um “A” prum “V”. Acho que, agora, isso faz diferença no xis, dá moral, quem lê ou finge que lê mostra sinal de inteligência e, normalmente, dá as cartas do quadrado. Vai saber...

E o curumim? Esse a gente viu crescer, pegamos no colo e os caramba. Ele vem me visitar vez ou outra, mas tinha sumido. Encontrei ele no busão todo sem graça. Já sabia que ele tava aprontando. Má notícia é Rapidinho pra derramar. Fiquei na minha, não posso dá lição de moral no muleque. Ele quer ter carro, tênis, roupa, comer o que deseja. Por que não? E mesmo quando apareceu aqui, depois de saber que eu tava numas dificuldades, eu só pude abraçá-lo e dizer: *Se cuida menino, gosto de você, caramba!*

O que me faz lagrimar escondido, mano, é que quase sempre a linha de chegada deles será como a sua, de um corpo pálido, furado a ferro, numa gaveta fria. Notícia que chega como numa entrega corriqueira de pizza no portão. Assim: sem muita explicação, entregou, tchau, boa sorte! Ficou sabendo? Fulano morreu? É, fazer o quê? Pois é, fazer o quê?

31 Instituto responsável pelas necropsias e laudos cadavéricos para policiais ou departamentos científicos do Estado.

Ficou banal. Nossa morte não comove ninguém, porque ela é lenta, muquiada e fatal. Feita na espreita pra nenhum ser humano reclamar da nossa insignificante presença nesta terra ingrata. Hoje é mais seguro lutar pela vida na Palestina do que pela sua quebrada, senão é capaz que o próximo caboclo a sumir seja você.

Esse mundão tá um caos sem solução. Por isso, esteja em paz mano, por onde estiver, pois, com certeza, estará melhor que aqui. (YAKINI-IMAN, 2021, p.54-56)

Mesmo sendo difícil escapar dos esculachos nas abordagens policiais, nossa cota diária de relação direta com o Estado, a regra era sair de casa com o RG e, ao ser abordado, ficar sempre de cabeça baixa e mãos para trás, responder somente o que lhe foi perguntado, não correr e nem fazer gestos abruptos, evitar boné baixo, touca, não fazer tatuagem e não encarar a viatura passando. Quanto menos chamar a atenção, melhor.

Depois, percebi que até o fato de eu usar óculos e o cabelo black em uma fase da vida me ajudavam a evitar o enquadro dos tiras. O Rap do grupo Sistema Negro ensinava a nova ordem do dia: “aqui meu irmão é cada um por si, mesmo se sei, não sei, se sei digo não vi”³².

Me condicionei com isso desde criança. Quando um dia fui buscar pão e ao passar por uma viatura estacionada ouvi os policiais comentando “desse tamanho e já tá andando na ginga”, endureci o corpo na mesma hora e passei o restante dos dias andando tenso e de cabeça baixa.

A ginga, citada pelos policiais, significa uma pessoa negra se expressando, porque ginga é o movimento usado pelo corpo negro na dança, na capoeira e no futebol, mas também é um termo usado de forma estereotipada para dizer do caminhar do “malandro”, do “suspeito”, do “criminoso”.

Os estudos de Mário Lugarinho (2016) e Mariana Bracks Fonseca (2018), apontam a origem dessa palavra relacionada a Rainha Nzinga (Jinga, Njinga ou Ginga), celebrada no Brasil nas danças de congada, coroada como rainha ao lado do Rei do Congo, e que em África ficou conhecida como a Nzinga Mbandi, rainha do Ndongo e da Matamba (região entre Congo e Angola), que viveu entre 1581 e 1663 (LUGARINHO, 2016).

Na gramática quimbundo, "jinga" aparece como um verbo interativo, que unido à significação do verbo primário, dá sentido de frequência, ação contínua. Por exemplo, o verbo banga significa fazer, ao ser acrescido do sufixo jinga, banga-jinga, dá a ideia de fazer continuamente. O linguista e estudioso das culturas afro-brasileiras José Benedito confirma este significado atribuído à palavra Ginga/Jinga, utilizada pelo povo ambundo para significar "ação contínua", "movimento". (FONSECA, 2018, p.30).

Em casa, eu ouvia os Raps na surdina, quase escondido, porque no senso comum esse

³² Sistema Negro - Cada um por si (1994)

som era estereotipado como “música de bandido”. As músicas mais prestigiadas pela maioria das grandes rádios e TVs em São Paulo eram o rock; a dance music, também chamada de *popêro*, pagode, e o axé music, também conhecido como pagode baiano.

As poucas alternativas para ouvir Rap era trocar as fitas k7 com os amigos, assistir os clipes no *Yo MTV Raps* no canal UHF e sintonizar o dial na Rádio Metropolitana FM e na 105 FM, no programa *Espaço Rap*. Segundo Guilherme Botelho, esse foi o momento em que o Rap cresceu no como produto fonográfico e despertou interesse do mercado hegemônico, o que impactou na forma de produzir Rap:

No centro da cidade havia inúmeras lojas de disco para atender a grande demanda. Por fim, chegou à televisão em programa específico, com imenso sucesso de público. A sua abrangência como produto fonográfico fica perceptível na mudança da textura sonora do “eu lírico” de inúmeros artistas que, gradativamente, foram abandonando as pautas do MNU (**Movimento Negro Unificado**) e abordando temas com perspectivas genéricas passando a falar não somente sobre uma experiência local, urbana e periférica, mas do contexto brasileiro de modo mais geral (BOTELHO, 2020, p.122-123, grifos meus).

Ouvir Rap nacional fazia eu me sentir um pecador analógico. Esse sentimento só melhorou quando topei fazer os programas na rádio comunitária com meu amigo Doug e recebi incentivo do meu pai e meu tio para tocar Rap, Reggae e também o Punk Rock, que eram nosso acervo principal. Fui um período em que lamentei a partida de muitos amigos, parentes e conhecidos que foram assassinados: Bito, Beto, Marcelinho, Digão, Xandola, Vander, Tei-Tei, Willian Pé de Milho, Marquinho, Marcão, Mané, Lelo, Negão, Andorinha, Café, Carioca, Guaru, Bernardão, Wanderley, Sabugão, Jorjão, Marcelo Boy, Marcão, Cáca, Azulzinho, Bigu, Melk, Buiú, Pedrinho, Batatinha, Tiriça, Diney, Luciano, Duda, Bilola, Wander, Dona Denise, Éssinho, Eduardo Neguinho, Naldinho, Chacina da rua 7, Chacina da Santa Mônica, Chacina do Jaraguá Chacina do bar do Roxinho...

Essas são vítimas da mesma lógica violenta e racista que assassinou pessoas em casos mais conhecidos, como o Rapper Sabotage, MC Felipe Boladão, DJ Felipe da Praia Grande, MC Duda do Marapé, MC Primo, MC Careca e MC Daleste, Amarildo, Luana Barbosa, João Alberto Silveira e Dj Lah, do grupo de Rap Conexão do Morro.

Em geral as violências sofridas por pessoas negras e das periferias apenas são discutidas quando há uma repercussão ampla, como foi o caso de George Floyd em Minneapolis nos Estados Unidos, em 2020, estrangulado pelo policial branco Derek Chauvin, ou como foi o caso da vereadora Marielle Franco, assassinada a tiros, juntamente com seu motorista Anderson Gomes, em março de 2018, em uma emboscada no centro do Rio de Janeiro.

A lista é imensa, impossível continuar, a boca saliva um gosto azedo. Além desses há os nomes dos que caíram no esquecimento em função da banalização das mortes por assassinato. Recordo que era comum a “sedinha” dos moradores receber muitos velórios desse tipo. A maioria das pessoas ficavam curiosas para ver o caixão, ou mesmo dedicar uma prece de despedida em respeito a vítima, mas havia o medo de sofrer represálias ou perseguição por isso.

Então, na dúvida, se não fosse o velório de um parente, o melhor era ficar quieto, ajudar na lista que corria nas ruas e comércios para juntar dinheiro para o enterro e nada mais. Entre 1998 e 2000 trabalhei em um bar que pertencia ao meu pai e por diversas vezes colaborei com essa lista solidária. Quem viveu essa época em alguma quebradinha, com certeza tem dezenas de nomes para citar em memória. Conforme D'Andrea (2013), o contexto das periferias naquele momento era alarmante:

Desesperançada, pobre, desempregada e absorvida nas matanças corriqueiras de jovens entre si e destes com a polícia, a população periférica empenhou-se em construir mecanismos e inventar formas para contornar a violência e se manter viva. Lutar pela própria sobrevivência foi a questão catalisadora que fez girar uma engrenagem produtora de fatos e circunstâncias que afetaram a vida social, sob o primado de soluções práticas para um contexto de morte (D'ANDREA, 2013, p.28).

Junto com a recorrência dos assassinatos, a repressão policial praticada nas periferias resultou no encarceramento em massa de pessoas desses territórios. Esse processo aconteceu em muitos países a partir dos anos 80, como foi com a população negra e latina nos Estados Unidos, berço da cultura Hip Hop. Por lá, o Rap se tornou a voz contra essa onda punitiva, e isso não foi diferente no Brasil, onde o aumento do encarceramento de negros e pobres periféricos foi denunciado pelo Rap, dando visibilidade aos descasos sofridos pela população carcerária (D'ANDREA, 2013).

Isso aconteceu principalmente depois do lançamento da música *Diário de um Detento*, dos Racionais Mc's, escrita pelo Rapper Mano Brown em parceria com o escritor Jocenir, ex-detento da Casa de Detenção do Carandiru. Essa música, lançada em 1997, narra o Massacre do Carandiru (1992), quando a PM invadiu a Casa de Detenção para conter uma rebelião e assassinou 111 presos (número oficial contestado).

Depois disso, surgiram grupos de Rap como 509-E, Detentos do Rap e Comunidade Carcerária (grupo com o qual posteriormente realizei algumas parcerias), formados na própria Casa de Detenção, antes da sua implosão, finalizada em 2005.

FIGURA 8 - GRUPO COMUNIDADE CARCERÁRIA (SARAU ELO DA CORRENTE, 2007).



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em:

<https://elo-da-corrente.blogspot.com/2007/05/eventos-com-o-grupo-comunidade.html> . Acesso em 10/10/2022.

Na minha família o cárcere se tornou uma realidade em 1996. Meu pai foi acusado de tráfico de entorpecentes e foi sentenciado a três anos e meio de prisão. Devido ao bom comportamento e trabalhos realizados no cárcere, conseguiu uma diminuição da pena e ficou dois anos e meio preso. Cumpriu a maior parte da condenação na Penitenciária do Estado, onde atualmente é uma penitenciária feminina, e que fica no mesmo complexo da antiga Casa de Detenção, onde hoje é localizado o Parque da Juventude.

Lembro-me bem daquela madrugada em que levaram meu pai no camburão. Eu vivia com a minha mãe, pois eles estavam separados, mas nós éramos vizinhos no mesmo quintal. Fomos acordados com um barulho de policiais invadindo, dando voz de prisão, sem uma ordem judicial, exigida por lei mesmo em casos de suspeita de crimes graves.

Fiquei paralisado tentando entender. Minha mãe ficou extremamente nervosa, pois pensamos que os policiais fossem invadir nossa porta também, mas, por sorte, isso não aconteceu. Apesar de saber de muitos vizinhos que estavam ou já estiveram presos, daquela vez o preso era meu pai, minha maior referência.

As primeiras visitas foram na delegacia do 33º Distrito Policial de Pirituba. Como eu era menor de idade, não podia entrar nas visitas internas, então eu contava com a vista grossa de alguns carcereiros para falar alguns minutos com meu pai através de uma janela com grades. Essa janela era como um portal: pra cá a vida comum, pra lá o inferno. Lugar de meia-luz, corredor embolorado, uns sentados com a família, muitos sozinhos e os andarilhos, que ficavam andando pareado de uma ponta à outra do pátio, para passar o tempo, mover o

corpo e evitar a loucura.

Por conta da família, principalmente da minha mãe, que desconsiderou a separação e deu apoio para meu pai receber a visita semanal e o jumbo (envio de comida e cigarros), foi possível conseguir a transferência para a Penitenciária do Estado, a “Penita”.

Primeiro, meu pai ficou na triagem, esperando o convite ou a proposta para conseguir uma *jéga*³³. Lá a lotação era de duas pessoas por *barraco*³⁴. Essa condição era um “luxo” nos anos 1990, onde cela para dois em qualquer prisão brasileira soava como mentira.

Na Penitenciária do Estado havia médico, esporte, escola e trabalho, mas era tempo de decepar cabeças, de muitas brigas, de viver no fio da famosa *naifa*³⁵. Cada dia de visita era uma briga pendente, um roxo na face, um temor de rebelião. “A cadeia vai virar...” esse era o burburinho que assombrava os corredores das galerias. Ao mesmo tempo a molecada que vinha com as mães visitar os pais e os padrastos aos domingos, fazia daquele corredor gélido um exímio parque de diversões.

Na penitenciária minha visita era liberada desde que eu fosse com algum responsável. Então visitava meu pai uma vez por mês, junto com meu tio, conhecido como Claudio Santista. Logo na entrada era preciso tirar a roupa e ficar de cócoras pelo menos três vezes, depois vestir as roupas novamente e receber umas apalpadadas brutas no corpo. Enquanto isso, nossa comida era revirada em outra sala, com a mesma colher que cutucava centenas de vasilhas, que levavam o almoço de domingo para os familiares presos.

Mesmo sobrevivendo sob aquele estado de constante tortura, meu pai sempre nos recebia com um sorriso estampado, e em meio aos desencontros contava uma novidade boa para partilhar. Lembro-me que certa vez, andando com meu pai nas galerias da “Penita”, ele me levou até a cela de um vizinho do bairro que estava cumprindo pena em outro pavilhão e este conhecido estava conversando com uma dupla de nigerianos, que também estavam presos.

Depois de cumprimentá-los, fiquei olhando para eles, sem pensar em crime, nem porque estavam presos fora do seu país. Só conseguia pensar naquilo que mais queria perguntar: o ataque de ouro da Nigéria na Copa do Mundo de 1994, um time que fez história, ganhando da Bulgária com um gol antológico de Yekini, que ao comemorar ficou abraçado na rede chorando, parecendo pedir aos deuses “Liberte nosso povo, liberte nosso povo!”, mas eu

³³ **Cama** ou sofá-**cama**, em ambos os casos usados por presidiários.

³⁴ Gíria para palavra cela.

³⁵ Faca ou navalha feita artesanalmente pelos detentos. Há indicação que a palavra vem do inglês *knife* = faca, como está no Dicionário Priberam. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/naifas>. Acesso em 31.08.2022.

não disse nada.

Só fiquei ouvindo aquele sotaque meio inglês com português, talvez *ibo* ou *yorubá* e pensando no orgulho que eles deviam ter de sua seleção, já que minha imaginação adolescente ficava relacionando tudo com o futebol.

Meu pai sabia que meu objetivo era ser um jogador profissional e que o meu mundo girava como uma bola de capotão em terra batida. Ele fazia de tudo para alimentar essa magia. Como estava encarcerado, teve que ser criativo e fez da palavra seu barco, da prosa sua vela e muitas cartas navegaram por aí, endereçadas aos clubes profissionais.

Uma dessas cartas chegou às mãos de Seu Jurandir, respeitado olheiro do Nacional-SP. Seu Jurandir era um senhor negro, de olhar sereno e voz pausada, que trazia nas suas histórias os calejos do futebol. Seu escritório ficava na arquibancada do Estádio Nicolau Alayon, no bairro da Água Branca, em São Paulo.

Ele respondeu a carta do meu pai e disse que queria me conhecer. Marcamos um encontro e fui muito bem recebido, fiz testes no Nacional, aprendi um bocado sobre a vida nos poucos encontros que tive com Seu Jurandir e nosso encontro se resume a isso. Não aconteceu um final feliz, não virei figurinha da Copa do Mundo, meu pai não ficou famoso pela história e nem seu Jurandir virou meu empresário. O que ficou foram as palavras, a intenção, o exemplo que as cartas deixaram, pois o que vale é o caminho e não a chegada.

Percorri a cidade andando de ônibus, trem e metrô atrás da pelota. Isso me fez expandir o território físico e mental. Até então, como já disse, meu mundo era meu bairro. As primeiras vezes que fui para o Parque Arariba, Vila Mazzei, Guarulhos, Vila Sônia, Santo André, Mauá, São José dos Campos, Arujá, Mogi Guaçu, entre outros rincões, foi por causa dos jogos de futebol, sempre embalado pela trilha sonora do Rap.

Nas equipes que eu joguei era comum ouvir dos treinadores que o mais importante era nossa formação como cidadãos e que somente “um entre mil” costumava vingar como jogador de futebol. Quando fiz testes em um time de Mogi Guaçu, interior de São Paulo, me alojei debaixo da arquibancada do estádio e comecei a entender qual era o sentido dessas frases.

Nessa passagem pude conversar com jogadores profissionais que estavam há meses sem ver a própria família. Muitos vinham do Norte e Nordeste e não recebiam o salário em dia. Quando fui dispensado dessa equipe desisti de ser jogador profissional, pois me dei conta que mesmo atingindo meu objetivo, eu estaria entre a maioria dos jogadores no Brasil que recebem um tratamento desumano dos clubes.

O tempo mostrou que eu não estava errado. Uma pesquisa divulgada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2019, intitulada "Impacto do Futebol

Brasileiro"³⁶, demonstra que dos 88 mil jogadores profissionais registrados na entidade, 55% ganhavam até R\$ 1 mil, e apenas 11,6 mil tiveram contratos ativos naquela temporada, ou seja, a maioria dos jogadores no país continuam ganhando mal ou estão desempregados.

Perceber isso na prática me causou uma certa decepção. Eu já estava virando um peso econômico em casa e assim como a maioria dos jovens que conheci, eu não tinha um “plano B”. Então, me concentrei em fazer alguns bicos e outras virações, até começar os registros em empresas de diversos ramos.

Contudo, contar essas histórias de genocídio, cárcere e do futebol como objetivo solitário e frustrado, principalmente no caso dos meninos negros, ajuda a compreender o histórico de traumas, estigmas e sentimento de incapacidade, causador de sequelas emocionais que são perpetuadas, geracionalmente, nas populações negras e periféricas. Na maioria dos casos, essas sequelas não são tratadas, pois as famílias e as pessoas que vivenciam essas realidades carregam essas memórias sem tratamento psicológico e psiquiátrico adequado, por falta de recurso financeiro, emocional e estrutural.

2.4 O labirinto universitário, Mães de Maio e o *Fascismo Social*

Quando o futebol deixou de ser um objetivo, entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, eu estava empolgado com o crescimento do Rap nacional. Passei a tomar gosto pela prática de produzir programas de rádio, fazer entrevistas, realizar eventos de rua e assim fui me aproximando de músicos, artistas e ativistas, principalmente do Rap e do movimento anarcopunk, de diversas regiões.

Anos depois, por volta de 2004, por sugestão de um professor de história que conheci na rádio (nesta época eu participava da Rádio Urbanos), um anarquista chamado Alex Bonomo, conciliei o trabalho em uma operadora de teleatendimento com o cursinho pré-vestibular MedEnsina, iniciativa social gratuita organizada por alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

Antes, eu havia trabalhado na construção civil, como ajudante de serviços, e na época do futebol sempre estava me virando como guardador de carros, empacotador de mercado,

³⁶

Disponível em: <http://grupofiger.com.br/novosite/wp-content/uploads/2020/08/Impacto-do-Futebol-Brasileiro.pdf> . Acesso em 07/05/22

balconista de bar, vendedor de quitutes na feira, e de cachorro-quente, ajudando minha mãe, entre outros bicos. A maioria dos meus amigos estavam quase sempre desempregados e sonhavam em ter uma moto para pilotar, se exhibir e entregar pizzas.

Eu havia completado o ensino médio, mas nunca tinha pensado em fazer faculdade. Não conhecia ninguém que havia feito e na escola não havia incentivo e preparação para isso. Não imaginava que havia universidade pública e só sabia dos altos valores das instituições privadas. Soma-se a isso o fato de que eu não tinha ideia do que estudar, minha única referência era o professor Ademir, de Educação Física, que um dia me contou que dava aulas porque estudou na faculdade.

Quando voltei a estudar eu estava morando somente com a minha mãe, já que minha irmã havia se casado, e meu pai vivia com outra família. No cursinho pré-vestibular conheci uma poeta, chamada Elizandra Souza, a Mjiba, que escrevia fanzines. Ela contou que declamava poesias no Sarau da Cooperifa, na Zona Sul.

Como eu também estava escrevendo narrativas e poemas e publicando em fanzines, por influência dos anarcopunks que conheci em alguns eventos, nos aproximamos e me interessei em saber mais sobre a Cooperifa. No entanto, só fui conhecer esse lugar depois, pois naquele ano passei no vestibular para estudar Ciências Sociais na UFPR, e mudei de cidade. Escolhi essa faculdade por indicação de uma pessoa que eu me relacionava na época e morava em Curitiba.

A escolha pelo curso de Ciências Sociais foi por apostar na maior probabilidade de aprovação por conta da baixa concorrência entre candidato e vaga; porque me interessei pela antropologia, por envolver os estudos culturais; e também pelo fato de ter várias possibilidades de atuação profissional, para além da licenciatura.

FIGURA 9 — SEMANA DE ARTE MODERNA DA PERIFERIA (2007)³⁷.



Fonte: Facebook - Rodrigo Ciriaco³⁸

FIGURA 10 — MICHEL YAKINI-IMAN E ELIZANDRA SOUZA (2014)



Fonte: Blog Biblioteca Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha: Disponível em:
<http://bibliofabricavnc.blogspot.com/2014/06/duelo-de-poesia-com-os-poetas-michel.html>.
 Acesso em agosto de 2022

³⁷ Em cima (da direita para à esquerda): Allan da Rosa, Marcelo Beso, Eliane Brum, Fuzzil, Michel Yakini, Elizandra Souza, Sérgio Vaz, João do Nascimento, Silvio Diogo. Em baixo: Serginho Poeta, Rodrigo Ciriaco, Carolina Itzá e Jair Guilherme.

³⁸ Disponível em
<https://www.facebook.com/rodrigo.ciriaco.escriptor/posts/pfbid02ctMabdZNNjKiFqgiTsBRgHhbi6Gf65m5v8vLy mWitkGb6YAwax1Ue36pgrgstVQ9l> . acesso em 12/10/2022.

No bairro, não era comum pessoas como eu mudar de cidade para estudar, por isso houve um burburinho no trabalho, onde pedi demissão, e também entre meus vizinhos, suspeitando que eu “havia aprontado alguma”, já que era mais comum as pessoas se mudarem sem a família quando estavam ameaçados de morte, eram procurados pela polícia, precisavam se tratar de algum vício ou mesmo quando alguns homens absurdamente “desapareciam” para não assumir a paternidade e a responsabilidades de seus filhos, contribuindo para um cenário lamentável de jovens mães solas nas periferias.

Nesse período eu estava mais próximo da minha mãe, porque meu pai morava na mesma vila, mas eu não tinha muito contato com a família dele. Conversávamos apenas na rua quando havia algum encontro casual, quando um de nós estava aniversariando, ou no natal e ano novo para nos cumprimentarmos.

Prestei o vestibular na UFPR, na Pontifícia Universidade Católica (PUC/SP) e na UFSCar, todos para Ciências Sociais, sendo que fui aprovado na PUC, mas não ingressei porque não tive dinheiro para fazer a matrícula, e na UFPR, onde me matriculei. Também fui aprovado com uma bolsa de 100% para estudar Letras na PUC/PR, através do ProUni, mas dei preferência para a universidade pública.

Minha primeira experiência universitária foi bem tumultuada. Ingressei por meio do sistema de cotas sociais, para estudantes da escola pública. Em parte por desinformação, porque eu temia que ao concorrer pelas cotas raciais minha vaga poderia ser cancelada, porque havia muitas contestações contra as cotas raciais, inclusive no cursinho pré-vestibular que eu frequentava.

Naquele ano, maio de 2004, um dos nossos professores, o então estudante de medicina Rafael Casali Ribeiro, levou para discussão na sala um texto de sua autoria publicado no jornal “o bisturi” (2004), organizado pelos estudantes da FMUSP. O texto chamava-se “Preto burro ou Estado Incompetente?” e defendia, assim como todo editorial do jornal, que o principal problema no acesso ao ensino superior do estudante negro não era racismo e sim a diferença de classes:

A limitação do negro, hoje, para entrar na universidade, não é sua cor, mas o fato de ser pobre e não ter tido condições de estudo. Adotar cotas para negros exclui o branco pobre, que convive no mesmo ambiente de tragédia social que o negro pobre, enquanto beneficia os negros de classe média e ricos, que têm condições de estudo privilegiadas. Se utilizar o sistema de cotas num processo seletivo como o brasileiro já não é adequado, destinar essas cotas a grupos raciais e étnico torna-se racismo às avessas (RIBEIRO, p.02, 2004)³⁹.

³⁹Disponível em:

http://obrasraras.sibi.usp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/2906/O_Bisturi_2004_Ano_75_n_3.pdf?sequence=1. Acesso em agosto de 2022.

Essa contestação partiu de vários segmentos e culminou no manifesto “Todos têm direitos iguais na República Democrática (2006)⁴⁰”, assinado majoritariamente por pessoas brancas, entre historiadores, economistas, cientistas políticos, sociólogos, antropólogos e artistas, e no manifesto “113 cidadãos antirracistas contra as leis raciais” (2008)⁴¹, entregue ao Supremo Tribunal Federal (STF), com o mesmo teor e perfil de assinaturas, pedindo a suspensão das cotas para negros e do programa ProUni.

Para esses grupos, as cotas promoveriam uma divisão racial no Brasil, ou causariam a exclusão do branco pobre da universidade. Porém, o principal incômodo era com a reserva de vagas para pessoas negras, pois até então o lugar exclusivo para as pessoas negras na universidade era limpando banheiros, varrendo o chão, atendendo na portaria, fazendo a vigilância ou servindo no bandeirão, como ainda acontece na maioria dos casos.

Em julho de 2006, o Movimento Negro respondeu com o “Manifesto em Favor da lei de Cotas e do Estatuto da Igualdade Racial”⁴², assinado por 330 intelectuais e ativistas e apoiado por 60 assinaturas. Este manifesto foi entregue ao Congresso Nacional conclamando a aprovação da Lei de Cotas (PL 73/1999) e o Estatuto da Igualdade Racial (PL 3.198/2000).

Essa foi a primeira vez que percebi o poder estatal discutindo e elaborando políticas para a população negra, sem que a segurança pública e a polícia fossem protagonistas dessa medida. Vale ressaltar que a discussão sobre cotas no Brasil era uma reivindicação do movimento negro desde a década de 1990, antes das primeiras universidades públicas adotarem esse sistema, como foi o caso da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade de Brasília (UNB), entre 2003 e 2004 (SANTANA, 2021).

Diversas lideranças e intelectuais negras/os e organizações da sociedade civil pautaram essa demanda e participaram de diversos debates e audiências públicas, sendo que o principal deles aconteceu em 2010, no STF. Entre as intelectuais que fizeram intervenções a favor das cotas estava Sueli Carneiro, filósofa, ativista do Movimento Negro e fundadora do Geledés - Instituto da Mulher Negra, conforme está registrado em sua biografia escrita por Bianca Santana (2021).

Quase dois anos depois, em 2012, o STF tornou constitucional as cotas raciais para ingresso nas universidades públicas. Esse momento é mencionado na biografia de Sueli

⁴⁰ Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/todos-tem-direitos-iguais-na-republica-democratica/>. Acesso em agosto de 2022.

⁴¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2008/05/401519-confira-integra-de-manifesto-contras-cotas-e-quem-o-assinou.shtml>. Acesso em agosto 2022

⁴² Disponível em <https://www.geledes.org.br/confira-a-integra-do-manifesto-a-favor-das-cotas/>. acesso em setembro de 2020.

Carneiro, que esteve na audiência e não pode acompanhar o veredicto final. Ela soube da decisão em uma conversa por telefone com Luiza Bairros, então ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil (SEPPIR), que lhe disse: “Putá que pariu, dez a zero, ganhamos essa porra” (SANTANA, 2021, p. 251).

Porém, ter ingressado na universidade em 2005, em meio a esse turbilhão de debates e pressões contra as cotas, foi determinante para me sentir “fora do lugar” em relação à academia. Nos primeiros meses em Curitiba fui me virando com as parcelas do seguro-desemprego, depois me tornei bolsista de um programa de iniciação científica e complementava a renda fazendo bicos em empresas de teleatendimento. Além disso, trabalhei como monitor cultural no museu Oscar Niemeyer, mais conhecido como Museu do Olho.

Na faculdade, minhas notas eram boas, mas aos poucos me interessei em participar do movimento estudantil e do Centro Acadêmico do curso e fui me distanciando da sala de aula. Os debates de sociologia, ciência política e antropologia me davam a sensação de repetição e distância da ação cotidiana, daquilo que na academia é chamado de trabalho de campo, empirismo ou da *práxis* no sentido marxista.

O estopim do meu desânimo foi em 2006, quando aproveitei uma viagem para um congresso e fui visitar minha mãe em São Paulo. A cidade estava aterrorizada com os “Ataques do PCC” ou “Crimes de Maio”, e como estava acontecendo muitos toques de recolher, que aconteciam de maneira informal, achei melhor não voltar para Curitiba.

Quando retornei, fui cobrado pela tutoria da iniciação científica a escrever uma análise sobre o que estava acontecendo em São Paulo. Escrevi alguns contos que foram rejeitados prontamente. Isso gerou um conflito e motivou minha desistência do curso.

Tentei dizer, por diversas vezes e maneiras, que não fiz uma análise objetiva e neutra dos fatos porque eu vivi o toque de recolher e o clima de pânico da minha família e da vizinhança naquelas noites de maio de 2006, mas infelizmente não consegui convencer ninguém com esse argumento.

Segundo dados oficiais, foram assassinadas cerca de 600 pessoas entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, no estado de São Paulo, além das muitas que não foram encontradas. A maioria das vítimas eram jovens negros e periféricos, mortos em chacinas, emboscadas encapuzadas ou em ações policiais registradas como "Resistência Seguida de Morte" ou "Auto de Resistência", sendo que nesse tipo de registro, o policial era considerado vítima e o morto, culpado, sem necessidade de investigação.

A maior parte dos casos, apontam pesquisadores, fazia parte de uma ação de vingança dos agentes de segurança do Estado contra os chamados ataques da facção Primeiro Comando da Capital (PCC), que se concentraram nos dois primeiros dias do período. A chacina daquele ano ficou conhecida como Crimes de Maio, a

maior do século 21 e talvez a maior da história do país - para efeito de comparação, em toda a última ditadura civil-militar, que durou 21 anos, 434 pessoas foram mortas pelo Estado. Uma década depois do massacre de 2006, apenas um agente público foi responsabilizado pelas mortes. Condenado, ele responde a recurso em liberdade e continua atuando como policial militar. O gritante número de assassinatos e o desinteresse da Justiça em punir os responsáveis deu origem ao movimento Mães de Maio, formado principalmente por familiares das vítimas do massacre⁴³.

Como os contos que eu produzi sobre esse fato não foram aceitos na universidade, alguns foram publicados posteriormente em meu primeiro livro “Desencontros” (2007). Sinto que essas narrativas foram minhas primeiras aproximações com a autoetnografia. Como estudante de Ciências Sociais, eu percebia uma relação entre as etnografias romanceadas e os textos de ficção. Porém, eu não tinha repertório teórico para nomear essa percepção e não era incentivado a produzir esse tipo de narrativa, já que a escrita subjetiva era (e ainda é) uma problemática para os padrões acadêmicos.

Curiosamente, anos depois, em maio de 2011 recebi um convite do ativista Danilo Dara, para publicar um poema no livro “Do Luto à Luta (2011)”, organizado pelo Movimento Mães de Maio. Esse livro é composto por relatos de mães que compõem o movimento, textos de poetas da periferia e de parceiros das Mães de Maio. Na introdução, o livro é apresentado assim:

Hoje, nós Mães de Maio temos o nosso primeiro Livro, o nosso primeiro Grito em páginas impressas, sem intermediação de outras falas e outros pseudo representantes que nunca sentiram o quê nós sentimos na pele esses anos todos – mas que sempre fazem questão de se apresentar como nossos porta vozes. Não queremos ninguém falando pela gente: queremos aprender errando, se corrigindo, melhorando, se enfiando, ouvindo, gritando, acalmando, indo de novo pra cima, refletindo, compartilhando, se fortalecendo... Com os nossos! (MÃES DE MAIO, 2011, p. 14)

Enquanto isso, meu caminho acadêmico continuou complicado e envolveu outras desistências: duas vezes do curso de Letras da USP, em 2011 e 2014. Apenas em 2020 consegui concluir o curso de Pedagogia na UniCEU, um programa municipal criado em 2013, na gestão Fernando Haddad, que abriu cursos universitários gratuitos nas unidades do CEUs em São Paulo.

Assim pude fazer o curso no mesmo território em que eu morava e em formato híbrido. As experiências anteriores me fizeram criar resistência, incerteza e desprezo pela academia, como exemplifica Sueli Carneiro (2005), ao explicar o conceito de epistemicídio:

43

Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/13/surgido-da-dor-maes-de-maio-se-tornam-referencia-no-combate-a-violencia-do-estado> . Acesso em agosto de 2022.

O “desprezo” pela vida intelectual reflete a internalização da ideia de fora de lugar, é assumir a atitude da Raposa diante das uvas que estão fora do seu alcance e com desdém declarar, afinal “elas estão verdes” para aplacar o sentimento de inadequação, de não-pertencimento a um espaço ao qual o nosso acesso é viabilizado quase exclusivamente para sermos objeto de pesquisa daqueles que seriam dotados, pela natureza, da capacidade de “conhecer” e sobretudo de explicar. (CARNEIRO, 2005, p.110-119)

Essa dinâmica também se aproxima da análise de Grada Kilomba (2008), pois quando houve resistência sobre meus escritos na UFPR, uma docente me disse que “era importante entender a academia como um lugar de formação de elites, caso contrário não fazia sentido eu estar lá”.

Para a Kilomba (2008), esse tipo de fala envolve a dinâmica de raça e poder, já que se refere às “elites”, grupo ao qual eu não pertenço, e (supostamente) não posso ser, pois a elite (branca) pertence naturalmente a lugares (de saber) que o povo negro não pode estar de forma confortável.

No racismo a ameaça às pessoas negras é constante, como corpos que não pertencem a determinados espaços, ao contrário dos corpos brancos que pertencem e estão sempre “no lugar certo” (KILOMBA, 2008).

Após a minha saída, retornei à UFPR algumas vezes como palestrante, como foi na recepção dos calouros cotistas de 2007. No final desse evento um professor de antropologia comentou que quando lia meus trabalhos na faculdade “achava minha forma de escrita muito diferente do restante da turma”, e que, embora para ele isso não fosse um problema, ele compreendia o fato de eu não estar mais no curso.

Ao analisar a sociedade exclusivamente a partir da desigualdade de classes, é possível acreditar que uma pessoa negra ao acessar os bens de consumo, lugares de prestígio como a universidade ou posições de poder, vai experimentar a equidade nas relações sociais, porém é preciso considerar que o histórico, o perfil, a posição e a representação dessas pessoas e/ou grupos na sociedade hegemônica se mantêm, ou seja, mesmo ocupando uma nova posição social é comum continuar sofrendo as violências que regem essa estrutura, como canta Mano Brown na música Negro Drama:

Aí, você sai do gueto
 Mas o gueto nunca sai de você, morô irmão?
 Cê tá dirigindo um carro
 O mundo todo tá de olho ni você, morô?
 Sabe por quê? Pela sua origem, morô irmão?
 É desse jeito que você vive, é o negro drama.
 (RACIONAIS MC's, 2002)

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2007), isso acontece por conta do pensamento ocidental moderno, que ele denomina de *pensamento abissal*, baseado nas linhas que separavam o Velho e Novo Mundo na era colonial, mas que permanece de forma excludente nas relações políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo.

De um lado da *linha abissal*, o da supremacia e sua forma homogênea, há uma tensão de *regulação/emancipação* que define aquilo que é verdadeiro/falso, legal/ilegal, enquanto do outro lado nas *zonas coloniais* a tensão aplicada é da *apropriação* (incorporação, cooptação, assimilação) e da *violência* (destruição física, cultural, material e humana), pois “a zona colonial é por excelência o universo das crenças e dos comportamentos incompreensíveis, que de forma alguma podem ser considerados como conhecimentos” (SANTOS, 2007, p.73).

Sendo assim, de um lado temos o *mundo humano*, hegemônico, que cria nega e exclui o lado *subumano*, que na prática e nos pensamentos modernos ocidentais são chamadas pelo autor de *zonas selvagens das megacidades*, onde se concentram as discriminações raciais, sexuais, os guetos, as prisões, a escravidão moderna, a exploração do trabalho infantil, e a prostituição (SANTOS, 2007).

[...] os povos que haviam sido sujeitos ao paradigma da apropriação/violência se organizaram e reclamaram o direito à inclusão no paradigma da apropriação/emancipação. Durante algum tempo o paradigma da apropriação/violência parecia estar chegando ao fim, bem como a divisão abissal entre esse lado da linha e o outro lado da linha. Os deslocamentos das linhas globais epistemológicas e jurídicas pareciam convergir para o encolhimento e finalmente para a eliminação do outro lado da linha, mas não foi isso que aconteceu (SANTOS, 2007, p. 77).

Santos (2007) concluiu que essa transformação não ocorreu por conta da manutenção das formas de governo colonial, mantidas em sociedades que antes eram submissas ao colonialismo europeu. Segundo o autor, essas formas, baseadas no paradigma da *apropriação/violência*, estabelecem o chamado *fascismo social*, que instaura, entre outras coisas, a segregação dos excluídos no espaço urbano, o trabalho precarizado, os contratos injustos no fornecimento de bens ou serviços, o sentimento fabricado e induzido de insegurança pessoal e coletiva, e o controle privado sobre o estado e as terras.

Como regime social, o fascismo social pode coexistir com a democracia política liberal. Ele banaliza a ponte de não ser necessário, nem sequer conveniente, sacrificar a democracia para promover o capitalismo. Trata-se pois de um fascismo pluralista, e por isso de uma forma de fascismo inédita. De fato, creio que talvez estejamos num período em que as sociedades são politicamente democráticas e socialmente fascistas (SANTOS, 2007. p. 81).

Essa análise reflete bem o que tem acontecido no Brasil nos últimos anos, onde governos conservadores, nos estados, municípios e no âmbito federal, com inclinações e

relações diretas a práticas fascistas, coloniais e segregadoras têm sido eleitos no sistema democrático e ganhado força como forma de poder e política constitucional.

3. SALVE SARAU! - ÉTICAS E POÉTICAS DE UM ENCONTRO

*Hoje tá da hora, esquema pra sair,
Vamo, não demora, mano, chega aí!
Cê viu ontem? Os tiro, ouvi um monte!
Então, diz que tem uma pá de sangue no campo*

*Mas ih, mano, toda mão
É sempre a mesma ideia junto
Treta, tiro, sangue, aí, muda de assunto
Traz a fita pra eu ouvir porque eu tô sem
Principalmente aquela lá do Jorge Ben.
(Fórmula Mágica da Paz - Racionais Mc's, 1997)*

Um pouco antes de ir morar em Curitiba, recebi uma carta de divulgação do escritor Alessandro Buzo, morador do bairro do Itaim Paulista na Zona Leste de São Paulo. Buzo estava lançando um livro chamado “O Trem - Baseado em Fatos Reais”.

Nessa época conheci também um escritor do Capão Redondo, chamado Ferréz, através do meu pai, que trabalhava com materiais recicláveis e achou uma revista com uma entrevista dele. A partir daí comecei a ler sua coluna na Revista Caros Amigos, no acervo da biblioteca do CEU Vila Atlântica, e antes de me mudar para Curitiba frequentei algumas de suas palestras em livrarias e centros culturais.

Os textos de Buzo e Ferréz me abriram uma possibilidade de enxergar na literatura, principalmente no texto em prosa, uma forma de escrever sobre minha vivência para além da poesia e das letras de Rap.

Esses autores apresentavam contos, romances e crônicas ambientadas no imaginário da periferia, e isso mudou minha percepção criativa, em termos de espaço narrativo, linguagem, construção de personagem e enredo. Essa percepção foi amadurecendo meu processo de escrita e me possibilitou escrever diversos textos em prosa exercitando meu ponto de vista.

No final de 2006 retornei a São Paulo e passei a me envolver na cena literária da periferia. Conheci de perto alguns grupos culturais, principalmente os que atuam na Zona Sul. Os textos desse movimento literário revelavam as mazelas vividas nas periferias de São Paulo e do Brasil e temas como desigualdade social, racismo antinegro, violência policial e a ausência das políticas públicas vieram à tona nas narrativas desses jovens escritores, seguindo uma linha muito parecida com as letras do Rap nacional, mas dessa vez no texto escrito.

Essa movimentação contribuiu para impulsionar e incentivar, desde o início dos anos 2000, não só a produção individual de alguns artistas, mas o surgimento de coletividades que

são parceiras e foram inspiradas pelo Hip Hop, como os saraus, grupos de teatro, coletivos de cinema ou cineclubes, comunidades de samba, e os/as escritores(as) da *Literatura Marginal*, como demonstra Érica Peçanha do Nascimento (2006) ao apresentar as três edições especiais da *Revista Caros Amigos/Literatura Marginal: a cultura da periferia*, como um marco histórico desse fenômeno.

Para D'Andrea (2013), além de uma ética reguladora, impulsionada principalmente pelo padrões de conduta do Hip Hop, do crime organizado e das igrejas evangélicas, foram quatro os motivos principais que resultaram no crescimento de movimentos culturais nas periferias: *i) a possibilidade de fazer política em um momento de descenso dos movimentos sociais e dos partidos políticos; ii) a luta por pacificação; iii) a necessidade de sobrevivência material; iv) a arte como emancipação humana* (D'ANDREA, 2013, p.16).

Em relação ao chamado “crime organizado” a pesquisadora Vera Telles (2010) apresenta no livro *A cidade nas fronteiras do legal e do ilegal* uma mudança na relação da população periférica com os assassinatos e o clima inseguro que era comum entre os moradores.

Em 2001, quando iniciamos nosso trabalho de campo, ao falar de suas trajetórias, homens e mulheres (mais os homens do que as mulheres) faziam uma verdadeira contabilidade dos mortos. Sobre tudo os jovens, homens: “os meus amigos? Morreram todos”, amigos de infância, vizinhos, colegas de escola. Leia-se: foram mortos por conta de disputa de gangues de bairro e desacertos em assuntos do crime. Ou foram executados pela Polícia Militar. Quatro ou cinco anos depois, a resposta era outra: “mortes? Isso não tem mais”, “agora, não pode matar”. Esta expressão, “não pode matar”, circulava por todo o bairro

[...] atravessado por verdadeiras guerras entre gangues rivais (falarei delas mais à frente) e muitas mortes, os moradores agora diziam que estava tudo em paz, que não havia mais mortes, não mais o medo, de outrora, de ser atingido por alguma bala perdida, tampouco a insegurança, sobretudo para as mulheres, de transitar pelas ruas escuras durante a noite. No início dos anos 2000, quando o assunto vinha à baila, diferente do que aconteceria alguns anos depois, falava-se do PCC, Primeiro Comando da Capital, sempre à meia-voz ou com alusões vagas, algo como um segredo de polichinelo, mas era disso que se tratava quando falavam da “pacificação” da região. (TELLES, 2010, p.203).

Porém, mesmo com a suposta lei do “agora, não pode matar” a população periférica continuou sofrendo com uma onda de chacinas sazonais, onde a maioria das vítimas são jovens negros e periféricos, como foi em 2006 nos Crimes de Maio e mais recentemente em 2019, quando nove jovens foram mortos em uma ação da PM durante um baile funk na favela de Paraisópolis. Além disso, o número de encarceramentos triplicou no período entre 2000 e 2019⁴⁴.

⁴⁴ Dados divulgados pelo Depen (Departamento Penitenciário Nacional), ligado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública, em 2020, demonstram que entre 2000 e 2019 a população carcerária no Brasil triplicou de

No âmbito social, a partir de 2003, a juventude ampliou o acesso aos direitos básicos, a escolarização, ao ensino superior, aos serviços de saúde e ao consumo, durante os mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011), e de Dilma Rousseff. (2011 a 2016), quando foram implementadas medidas para garantir à população a redução na desigualdade de renda e o acesso aos programas sociais (ARRETCHE, 2016). Essa fase gerou grande consumo e endividamento entre as pessoas mais pobres e é marcada principalmente pelas características de Lula na sua forma de governar, conhecida como “lulismo” (D'ANDREA, 2013).

[...] os grandes equipamentos de consumo chegaram até as mais distantes regiões da cidade, de modo que os shoppings centers e os grandes supermercados passaram a compor o cenário urbano desses lugares, ao mesmo tempo em que se multiplicaram o que a literatura chama de novas centralidades, agora situadas em regiões onde antes apenas existiam moradias precárias e as tradicionais atividades de sobrevivência. Vera Telles (2006; 2012) mostra o impacto desses circuitos do mercado nas redes familiares e da sociabilidade local nessas regiões. Finalmente, abriu-se um período de crescimento econômico e abertura de chances ao mercado de trabalho, o desemprego diminuiu e o consumo popular cresce intensamente, estimulado pela generalização do crédito e do endividamento popular. (D'ANDREA, 2013, p.18).

Seguindo esse raciocínio, D'Andrea (2013) analisa que há um dilema entre o acesso ao consumo e aos programas sociais durante o lulismo, que contribuiu para afirmação do *ser* e *sujeito periférico*, e o esvaziamento e/ou celebração do termo periferia, e isso constituiu em um novo desafio para a periferia e para o “ser periférico” no sentido semântico e político.

A celebração midiática das periferias e a construção das figuras do “pobre-que-deu-certo-na-vida” por conta de sua capacidade de criação e de inventividade, sabendo aproveitar as oportunidades - oportunidades de mercado, como se diz - para escapar da maldição da violência e do crime. Por outro lado, começa a circular um tipo de discurso que postula que “periferia não diz nada”, que o termo não faz mais sentido justamente por conta de um suposto embaralhamento dos lugares e atores (...)

Cabe ressaltar: ao mesmo tempo em que se processam discursos que esvaziam ou transfiguram os sentidos da periferia, discursos que de uma forma ou de outra, negam ou escamoteiam os problemas e dramas que ocorrem nesses lugares e que são definidores das formas de vida dessas populações, esses problemas e dramas persistem (D'ANDREA, 2013, p.278-279).

Mesmo com maior possibilidade de se manter financeiramente a partir da carreira artística, eu, assim como outros artistas periféricos, passo a conviver com algumas contradições no campo profissional. O “trampo”, “corre” ou “correria”, dos trabalhadores da

232 mil para 773 mil (INFOPEN, 2019). Enquanto o 14º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado no mesmo ano, demonstra que, entre 2005 e 2019, a proporção de negros no sistema carcerário cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Atualmente, a cada três presos, dois são negros (FÓRUM BRAS. de SEG. PÚBLICA, 2020). O Relatório da Defensoria Pública-SP, que inspecionou os presídios durante a pandemia da Covid-19, afirma que o Brasil é o terceiro país que mais prende pessoas no mundo e São Paulo representa quase um terço dessa população (NESC, 2022) .

cultura na periferia se desenvolveu na precariedade, como acontece em boa parte das relações de trabalho na contemporaneidade (DE TOMMASI; SILVA, 2000). Para Érica Peçanha (2021):

[...] tem-se um quadro de tensões e desafios inerentes à relação entre arte/cultura, trabalho e profissão no Brasil, onde se misturam: as dificuldades de acesso a qualificação de talentos e vocações em diferentes camadas sociais; os problemas relacionados à inserção e permanência no mercado de trabalho cultural; e as dinâmicas desse mercado cada vez mais organizado por leis de incentivo fiscal e editais públicos e não por uma estrutura de formalização das relações de trabalho, o que dificulta que os artistas possam viver dignamente daquilo que se sentem capacitados e gostam de fazer (NASCIMENTO, 2021, p. 26).

Partindo desses dilemas e das possibilidades abertas, eu, juntamente com a escritora Raquel Almeida e o grupo de Rap Alerta ao Sistema, criamos o Sarau Elo da Corrente, um encontro de poesia falada, que acontece no bar do Santista em Pirituba, desde de 2007, somando força entre os movimentos culturais da periferia a partir da realização de saraus, publicações de livros, atividades comunitárias e de arte-educação.

A ideia de fazer um sarau surgiu um ano antes, na Rádio Comunitária Urbanos FM, onde nós tínhamos um programa chamado “Voz da Periferia”, apresentando debates sobre temas sociais e música, principalmente Rap nacional. Nossa vontade era realizar algo para além da rádio. Então, decidimos conhecer de perto alguns saraus que aconteciam na cidade, como era o caso da Cooperifa, que a escritora Elizandra Souza havia mencionado e também por conhecer alguns textos do poeta Sérgio Vaz, um dos fundadores da Cooperifa. A primeira poesia que conheci dele foi “A cerca” gravada no segundo disco do grupo de Rap 509-E, *MMII DC* (2002 Depois de Cristo):

Deus criou o homem
e o homem criou os muros.
Cercou a casa e as varandas
pelos quatro cantos do mundo.
Cercou o tempo,
o passado
o presente
e o futuro.
Cercou o espaço,
os sonhos
a mente
e os pássaros.
Cercou a árvore
que nos dá o fruto,
a sombra
e a penumbra.
Cercou as matas
arou a terra
plantou o trigo

e cercou o pão.

Foi preciso cercar outro homem.
(A cerca, Sérgio Vaz).

Motivados por isso, Raquel e eu fomos até a Chácara Santana (Zona Sul), para conhecer de perto o Sarau da Cooperifa, no bar do Zé Batidão, e ficamos encantados com aquele encontro. Voltamos conversando sobre aquelas duas horas arrebatadoras de poesia falada, em que a maioria das pessoas declamava seus textos de forma decorada, performatizando com um jeito próprio, fazendo literatura com a cara da periferia.

Voltamos com a intenção de realizar algo parecido, mas antes disso visitamos o Sarau do Binho, no Campo Limpo, o Sarau do Rap, que também era organizado pelo Sérgio Vaz na sede da Ação Educativa no centro da cidade, e algumas atividades da Livraria Suburbano Convicto, criada por Alessandro Buzo, no Itaim Paulista. Essas vivências nos deu a certeza que era esse tipo de ação que queríamos realizar em Pirituba, como conta Raquel Almeida em entrevista para a pesquisadora Lucia Tennina (2015):

Eu cantava num grupo de Rap, que é o Alerta ao Sistema, e um dos componentes, que é o Ulisses, uma dia eu estava na casa dele, a gente estava ensaiando, e ele me mostrou na internet o Sérgio Vaz e alguma frases dele que eu acho que tinham saído nos cartões (poéticos). Ele me mostrou algumas frases e um blog falando da Cooperifa e do Ferréz também, e aí que eu fui ter conhecimento do que estava girando em torno da literatura. Aí foi quando o Michel (Yakini) veio pra cá, (para São Paulo), e a gente começou a fazer os programas na rádio (comunitária). Eu comecei a escrever mais e a gente passou a ir muito na loja do Buzo, e a gente passou a ter esse sentimento de que queria ter também o espaço pra poder conversar com os amigos, conversar com o bairro. E também quando a gente fazia o programa na rádio, a gente começou a ser cobrado, porque a gente fazia debates e aí o pessoal perguntava “ah, mas vocês só falam, e as ações?”. E a gente viu que o sarau seria uma ação mais viável no momento, porque a gente se encantou, acho que todo mundo que fala a primeira vez num sarau tem essa coisa de você olhar e falar: “caramba, isso acontece, e pode acontecer no meu bairro!”. (ALMEIDA, 2015. p.324).

Figura 11 — Michel Yakini-Iman e Raquel Almeida (Cooperifa, 2008)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em: <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/05/sarau-elo-da-corrente-cooperifa-tera-e.html>. Acesso em 12/10/22.

Desde então, procuramos meu tio Claudio Santista para ceder um espaço em seu bar e assim que ele topou avisamos os amigos e pessoas do bairro para participar do primeiro Sarau Elo da Corrente, em 14.06.2007, com o lançamento do meu livro de estreia “Desencontros”, custeado com recursos próprios. O sarau passou a ser semanal, às quintas-feiras, e ficou nesse ritmo entre 2007 e 2011, quando passamos a realizar uma edição mensal.

Este fenômeno cultural aconteceu em diversas periferias do Brasil, pois aqueles “que sempre foram tema ou inspiração de criações artísticas, passaram de objetos a sujeitos e seguem transformando suas experiências sociais, visões de mundo e repertórios em linguagens específicas” (NASCIMENTO, 2019, p. 2).

Figura 12 - Sarau Elo da Corrente (Bar do Santista, 2019)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em: <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2019/03/sarau-elo-da-corrente-edicao-de-marco.html>. Acesso em 10/12/2022.

Mariana Assis (2014) descreveu em sua pesquisa quais eram as principais frentes do Sarau Elo da Corrente, que se colocou no movimento de literatura das periferias “assumindo o compromisso de atuar dentro e fora dos encontros poéticos visando à formação de leitores, ao incentivo à apreciação estética da literatura e à valorização da cultura da periferia, negra e nordestina (p.104). Além disso a autora registrou como o bar e a atmosfera do lugar é transformada nas noites de sarau:

Enquanto o bar era decorado, tive a oportunidade de observar o local como ele é nos dias normais de funcionamento. Um buteco de periferia como outro qualquer, pois o espaço é pequeno, algumas mesas, cadeiras e banquinhos são dispostos nos cantos, deixando apenas um pequeno corredor para circulação dos poetas que se apresentarão. Um balcão, prateleiras com bebidas diversas, geladeiras de cervejas, nada de mais até percebermos a devoção de Cláudio Santista, dono do bar. As paredes repletas de mensagens e imagens católicas, e a estante de livros, de títulos variados, entre o cânone da academia e um cânone que começa a se formar nas periferias da cidade, se misturavam ao ambiente do bar com bastante naturalidade, como se fosse parte indispensável da decoração.

Enquanto decoravam o lugar fui vendo a “mágica acontecer”. A decoração com tecidos coloridos, o pedestal para o microfone, as mesas cobertas com toalhas igualmente coloridas, me fizeram olhar para outros aparatos do bar, que também fazem parte da sua decoração permanente, mas que não percebi ao entrar. Primeiro, uma estante de livros logo na entrada; ao fundo um cartaz com os dizeres: “Silêncio, respeite o nosso poeta do sarau!

Quando participei da apresentação na Bienal do Livro já havia percebido que a proposta era literária, mas outras semioses estavam envolvidas, como a música, especialmente ritmos negros, com instrumentos de percussão acompanhados pelas palmas do público. No Bar do Santista, o início do sarau é marcado por uma espécie de ritual. A música entoada ao som de diversos instrumentos percussivos e um berimbau, aliada à mudança do espaço, representam um convite para que o público preste atenção. (ASSIS, 2014, p.112-114).

Para Elisabete Figueroa dos Santos (2015), pesquisadora que também fez seu trabalho campo durante o doutorado em Psicologia no Sarau Elo da Corrente, o destaque foi para a concepção do sarau e dos textos produzidos por seus integrantes na promoção da negritude, que gerou alguns conflitos por conta da complexidade que envolve as relações raciais no Brasil. Já que as falas sobre racismo ou mesmo os elementos musicais e simbólicos que remetem as expressões negras sofreram alguns questionamentos nos primeiros anos do sarau. Conforme a análise da autora:

O desvelamento de questões de cunho étnico-racial, pode culminar numa postura negativa da população em aderir à participação do sarau. No entanto, inúmeras também foram as estratégias e negociações desenvolvidas, com vistas a sensibilizar a comunidade tanto para que houvesse o alcance da adesão aos saraus, quanto para que estes discursos pudessem promover a desestabilização do sistema de representações que pairam no imaginário social e, assim, produzir significados outros para o entendimento da dinâmica racial e para as identidades dos próprios sujeitos negros (SANTOS, 2015, p.155).

As pesquisas de Mariana Assis e Elisabete Figueroa, são exemplos de um diálogo contínuo que o Sarau Elo da Corrente estabeleceu com diversas/os pesquisadoras/es que tinham este sarau, ou mesmo outros grupos e artistas, como sujeitos de suas pesquisas. Muitas trocas foram realizadas, desde então, como: palestras e debates que organizamos com a presença de pesquisadoras/es, entre outras parcerias como a participação em livros, clubes de leitura, conselhos editoriais, leituras críticas e a participação na organização do coletivo ou em ações pontuais.

No início havia muita desconfiança de nossa parte em relação à pesquisa acadêmica, sobre como seria descrito nosso trabalho nessas pesquisas, principalmente quando esses trabalhos eram produzidos por pessoas que não eram próximas da nossa realidade. Essa percepção mudou principalmente por conta da nossa aproximação com a pesquisadora Érica Peçanha, que é moradora da nossa região, já tinha estudos consolidados sobre a literatura de periferia, e frequentemente visitava nossos encontros, inclusive com seus familiares e amigos.

Érica nos apresentou outras pessoas do universo acadêmico e isso foi determinante para que pudéssemos realizar parcerias, ampliar nossa rede de contato com as/os pesquisadores e até mesmo facilitou a chegada de outras pessoas que tinham interesse em desenvolver pesquisa ou falar de seus trabalhos para o público do sarau.

Um trabalho importante que realizamos juntos foi durante a Mostra Negra Consciência, organizada em 2014 por meio de um edital público, para oferecer programações culturais como: shows, recreação, saraus, publicação de livros e encontros formativos no bairro. Neste evento, Érica foi a curadora do encontro com alguns pesquisadores que dialogam com temas relevantes para o Sarau Elo da Corrente, como foi o caso do escritor e sociólogo Mário Medeiros, que palestrou a respeito da relação entre Literatura Negra e Literatura Periférica, e dos historiadores Carlos Machado, que falou sobre Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente; e Gabriel Rocha, que compartilhou sua pesquisa sobre Abdias do Nascimento.

Para nós, passou a ser um motivo de alegria ver que muitas/os pesquisadoras/es que nos aproximamos ou mesmo que nos procuraram eram pessoas vindas de outros bairros periféricos, na maioria pessoas negras, que estavam ingressando na universidade e escrevendo seus TCC's, dissertações e teses. Isso nos aproximou do universo acadêmico, de estudos relacionados com nosso trabalho, expandindo o olhar sobre nosso fazer, ampliando nosso repertório de estudos e atuação, e pessoalmente me reanimou o interesse em desenvolver pesquisa e ler os trabalhos que estavam sendo produzidos.

Outra passagem importante foi nosso encontro com a produtora cultural e pesquisadora Juliana Balduino que começou a frequentar o Sarau Elo da Corrente em 2008 para desenvolver sua pesquisa de mestrado, e se tornou integrante do nosso coletivo, criando em 2009, juntamente com Raquel Almeida e Samanta Biotti (Sarau da Brasa), o Coletivo Cultural Esperança Garcia que passou a promover discussões, nos saraus e em outros espaços, para refletir e evidenciar a importância das referências femininas para esses espaços. Atualmente, Juliana é doutoranda do Instituto de Arte da Unesp e fundadora do Instituto Esperança Garcia⁴⁵, formado por mulheres negras e periféricas, que fomenta atividades de arte, cultura, educação e meio ambiente no Quilombo da Parada, localizado na Comunidade Estância Jaraguá.

Além disso, houve também a aproximação com pesquisadoras/es de outros países, interessadas/os em realizar pesquisas com base em nossa atuação, que também consolidou muitas trocas, parcerias e amizades, como foi o caso das pesquisadoras Lucía Tennina (Argentina) e Ingrid Hapke (Alemanha), que nos foi apresentada por Érica Peçanha.

FIGURA 13 — LUCÍA TENNINA, ÉRICA PEÇANHA E INGRID HAPKE - BIBLIOTECA BRITO BROCA - PIRITUBA (2011)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2011/09/fotos-do-debate-papo-literatura-na.html> . Acesso em 13/01/2023.

⁴⁵ <https://www.instagram.com/instituto.esperancagarcia/>

FIGURA 14 — DIVULGAÇÃO MOSTRA NEGRA CONSCIÊNCIA (2014)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2014/10/mostra-negra-consciencia-com-gabriel.html> . Acesso em 13/01/2023.

FIGURA 15 - MOSTRA NEGRA CONSCIÊNCIA COM MÁRIO MEDEIROS (2014)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2014/07/mostra-negra-consciencia.html> . Acesso em 13/01/2023.

Outro fator que favoreceu o fortalecimento do Sarau Elo da Corrente em nosso território foi realizar intercâmbios e parcerias com os grupos e coletivos de outros lugares. Para nós, passou a ser comum visitar e participar de outras iniciativas e receber a presença dessas pessoas em nossas atividades, aprendendo e trocando estratégias, consolidando um movimento e uma articulação em rede. Érica Peçanha do Nascimento (2015), sintetizou essa dinâmica da seguinte forma:

O surgimento dos variados coletivos para realização de saraus regulares em bares periféricos foi determinante para a consolidação de uma nova relação entre literatura e periferia, em especial, no contexto urbano de São Paulo. Os saraus organizados na última década tornaram-se significativas instâncias de circulação e legitimação de outros produtos literários de escritores periféricos, tanto pelos eventos de lançamento e comercialização de livros, como pela organização de novas antologias literárias. Mais do que continuidade os saraus trouxeram frescor ao movimento de literatura marginal-periférica, ao forjar novos autores e ampliar produtos e práticas que passaram a ser associados ao movimento, com o lançamento de fanzines, jornais, revistas, CDs de literatura; a valorização da tradição oral; o consumo de performances literárias; a formação de bibliotecas comunitárias; a organização de mostras artísticas, entre outros aspectos. (NASCIMENTO, 2015. p.136).

O Sarau Elo da Corrente articulou diversas parcerias para realizar essa circulação de produtos, organização de atividades e ações de intercâmbio ao longo dos anos foram, as principais foram com os grupos: Sarau da Brasa (Vila Brasilândia), Coletivo Cultural Esperança Garcia, Comunidade Cultural Quilombaque (Perus), Sarau da Cooperifa (Jd. Santana), Sarau do Binho (Campo Limpo), Cia de Arte Negra Capulanas (Jd. São Luís) e Livraria Suburbano Convicto (Itaim Paulista/Bixiga), Saraus dos Mesquiteiros (Ermelino Matarazzo), Samba do Congo (Vila Brasilândia), Quilombhoje Literatura, Ciclo Contínuo Editorial e Edições Toró.

3.1 Arte e educação: Esse é o meu trampo

A partir de 2008, por conta da atuação no sarau e no movimento cultural das periferias, comecei a ser convidado para dar palestras em centros culturais, eventos literários e em espaços educativos, como escolas e universidades, algo que aconteceu com várias pessoas que participam deste movimento.

Foi a primeira vez que atuei também como educador, realizando oficinas de literatura de forma pontual em centros culturais, mas nesta época eu alternava essas atividades com um

trabalho formal em uma empresa de telecomunicações, porém a cada dia ficava mais difícil conciliar as agendas do trabalho fixo, como as oportunidades de oficinas e palestras.

Quando já estava insustentável manter as duas funções, porque não havia mais justificativas para faltar no trabalho por conta das viagens e outras atividades, recebi uma ligação, em um dia muito tumultuado, da amiga e pesquisadora Érica Peçanha me alertando que a Ong Ação Educativa⁴⁶ estava contratando educadores para atuar em unidades da Fundação Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente (Fundação C.A.S.A)⁴⁷. Ela entendia que eu tinha um perfil adequado para trabalhar neste projeto, denominado *Arte na Casa*⁴⁸, e me incentivou a tentar essa vaga.

Fui contratado como arte-educador da área de literatura para dar aulas em algumas unidades da Fundação C.A.S.A em 2009. Esse foi um momento desafiador porque a Fundação C.A.S.A é um espaço de privação de liberdade e que tem muitos registros de violência física e psicológicas sofrida pelos internos, além de muitos casos de adoecimento entre os funcionários, ou seja, um local muito tenso para a realização de um trabalho artístico-pedagógico. Alguns desses desafios foram relatados em uma entrevista que a coordenadora técnica, Fernanda Nascimento, com quem trabalhei neste projeto, cedeu para o site da Ação Educativa:

Esse pensamento fez a gente levar pra dentro da Fundação Casa músicos e expressões artísticas como o teatro negro e artistas periféricos(as) que talvez as pessoas lá dentro nunca fossem ter acesso. Isso porque são adolescentes que às vezes até conseguem dinheiro para roupas caras, mas nunca tiveram direito à cidade. Alguns(as) nunca foram à praia, outros mal saíam do próprio bairro.

A gente também tinha dificuldades com aprovação das modalidades pelas unidades, as oficinas de literatura não eram aceitas por que acreditavam que os internos não gostavam de ler, sendo que essa era justamente a finalidade das oficinas. E depois de aprovadas ainda tínhamos problemas, como as oficinas de RAP, que a gente era chamada na unidade até para explicar um palavrão nas letras, ouvido por um funcionário que não entendia o contexto⁴⁹.

As aulas na Fundação me deram a possibilidade de apreender algumas didáticas para promover a aprendizagem artística, bem como atuar como educador com jovens em situação de privação, mas também trouxeram algumas experiências que transcendem esse processo, algumas boas, outras nem tanto.

⁴⁶ Associação civil sem fins lucrativos, fundada em 1994, que atua nos campos da educação, cultura, juventude, e direitos humanos.

⁴⁷ Chamada anteriormente de "Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor" (FEBEM), é uma instituição pública criada em 1976 pelo Governo do Estado de São Paulo, para executar medidas socioeducativas aos adolescentes, com até 18 anos incompletos, autores de atos infracionais.

⁴⁸ Projeto realizado desde 2008, por meio de um convênio público, que consiste na promoção de oficinas artísticas nos centros da Fundação Casa, conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

⁴⁹ Disponível em: <https://acaoeducativa.org.br/arte-educacao-como-emancipacao-em-espacos-de-privacao-de-liberdade/>. Acesso em 21/12/2022.

Uma experiência prazerosa aconteceu quando eu estava desenvolvendo, há alguns meses, uma oficina de literatura em uma das unidades. Depois de uma resistência inicial por parte dos adolescentes, conseguimos construir um ambiente equilibrado, na medida do possível, para a realização das aulas. Até que, em uma reunião de formação da nossa equipe, um dos nossos coordenadores me disse que naquela unidade estava havendo um pedido recorrente dos adolescentes para realização de exames oftalmológicos, algo que não era comum.

A coordenação do projeto, juntamente com a coordenação pedagógica da Fundação, relacionou esses pedidos de exame dos adolescentes a dois motivos: 1) porque eles estavam lendo mais e percebendo problemas para enxergar; 2) porque naturalizaram o uso do óculos pelo fato das aulas de literatura serem uma referência positiva para eles, já que eu também usava óculos.

Porém, também houveram momentos tensos, onde jovens eram retirados das oficinas sem nenhuma comunicação, e quando eu apurava os motivos descobria que estavam reclusos em uma espécie de solitária; jovens que entravam na sala com braços engessados relatando que “havia quebrado jogando bola” e outros que participavam sem condição cognitiva plena, por estarem sob forte efeito de calmantes.

Além disso, constantemente os materiais da oficina, principalmente os livros, eram proibidos pelo corpo de segurança, mesmo quando já tinham sido aprovados pela coordenação pedagógica, gerando desgastes nas relações. Sendo que, ao longo de dois anos, esses fatos me fizeram repensar esse trabalho e pedir desligamento do projeto.

Da minha parte, havia um envolvimento emocional muito forte com esse trabalho. Seja pelo risco iminente de acontecer uma rebelião, sem que eu pudesse medir as consequências desse fato; por entender que era impossível separar a prática profissional das histórias de vida e dos abusos sofridos pelos adolescentes; pela insegurança de não conseguir outro emprego que pudesse me sustentar e dar a flexibilidade que o trabalho como artista exige; e sobretudo pela minha identificação com esses jovens, pois como diz a música *Fim de Semana do Parque* “e a maioria por aqui se parece comigo” (RACIONAIS MC's, 1993).

Aliás, foram muitas as vezes que encontrei jovens do meu bairro nesse sistema, ou encontrei alguns deles em outras quebradas que eu estava participando de eventos, mas dessa vez em liberdade, felizmente.

A decisão em encerrar esse vínculo aconteceu em uma tarde, enquanto eu estava caminhando de uma unidade a outra e encontrei o mestre Pedro Miguel, professor de capoeira do *Arte na Casa*. Ele perguntou como eu me sentia e me disse das dificuldades que ele estava

encontrando para dar aulas naquele contexto. Compartilhei minhas angústias e contei um pouco sobre o que estava atrapalhando o desenvolvimento do trabalho, além do que mencionei no início deste trabalho sobre não estar conseguindo participar dignamente da criação da minha primeira filha Yakini, nascida em 2009.

O mestre olhou pra mim e disse: “Olha, você é jovem, pode construir outros caminhos, estude e aproveite essas oportunidades, faça daqui apenas uma passagem e não um destino.” Senti a mesma sensação de acolhimento e conforto de quando tomava os passes e proseava com os Pretos Velhos nos terreiros desde a infância. No mesmo dia, passei na Ação Educativa, agradei pela oportunidade e pedi demissão. Desde então, passei a me dedicar mais à Literatura, às ações com o Sarau Elo da Corrente e aos estudos.

3.2 Maré cheia, colheita certa, contradições à vista.

*Como fazer duas vezes melhor,
se você tá pelo menos cem vezes atrasado
pela escravidão, pela história,
pelo preconceito, pelos traumas,
pelas psicoses, por tudo que aconteceu?
Duas vezes melhor como?
(A vida é desafio, Racionais Mc 's, 2002).*

*Acrescento: conflito entre a subjetividade fragmentada - construída no entroncamento de uma herança cultural esfacelada pela violência colonial, com a imposição dos valores ocidentais, via aculturação - e a impossibilidade determinada tanto pelo ideário racista, quanto pelas condições históricas, de realizar plenamente qualquer das duas determinações. Impossibilidade também de engendrar coletivamente uma síntese redentora, que conduza à superação dos estigmas e resgate da plena humanidade
(CARNEIRO, 2005, p.277).*

Ao longo desses 15 anos de atuação do Sarau Elo da Corrente, foram realizados cerca de 400 saraus no bar do Santista e outras centenas em bibliotecas, centros culturais, escolas públicas, universidades, unidades de medida socioeducativas e centros comunitários. Consolidamos um selo editorial, Elo da Corrente Edições, que desde 2008 publicou e colaborou com cerca de 20 livros, editando principalmente pessoas que frequentam os saraus em Pirituba, seja de forma autoral ou coletiva. Boa parte desses livros foram financiados por meio de editais públicos como o VAI e o Fomento à Cultura da Periferia, ambos do município, e o Proac do estado de São Paulo.

FIGURA 16 — JOÃO DO NASCIMENTO, MICHEL YAKINI-IMAN, RAQUEL ALMEIDA, DOUGLAS ALVES, ZÉ CORREIA (EMEF HENRIQUE GEISEL, 2008).



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em: <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/05/literatura-de-cordel-escola-municipal.html> . Acesso em 12/10/2022.

No caso de São Paulo, o programa VAI tornou-se lei municipal em 2003 e passou a publicar um edital anual com objetivo de apoiar projetos de grupos/coletivos representados por pessoas físicas que atuam com arte/cultura nas periferias da cidade (ALMEIDA, 2009).

Essa lei criou uma oportunidade até então inédita na relação entre os jovens artistas das periferias e a gestão pública, transferindo recursos financeiros de forma direta e quebrando o paradigma de uma "suposta incapacidade" dessa juventude em gerir recursos públicos e da exclusividade institucional nesse tipo de gestão (ALMEIDA, 2009).

Os grupos/coletivos e artistas financiados por esse programa e por outros editais, normalmente tem alguma ação consolidada em seus territórios e tiveram participação direta na discussão dessas leis. Isso aconteceu na constituição do VAI (Lei nº 13.540/03), e principalmente na elaboração da Lei de Fomento à Periferia, instituída no município em 2016.

Esse edital foi construído em parceria com o Movimento Cultural das Periferias, formado por integrantes de diversos territórios que, entre 2013 e 2017, realizaram uma série de ações políticas, fóruns, manifestos e ocupações artísticas reivindicando a promulgação desta lei (RAIMUNDO, 2017).

Hoje, vemos a apropriação da cidade e da metrópole por diferentes coletivos culturais, artistas e trabalhadores da cultura que ocupam os espaços públicos e

ressignificando-os a partir de desejos e planos traçados por eles próprios. E como em um jogo dialético, mudam e transformam-se a partir das experiências vividas durante o processo de ocupação dos espaços públicos. (RAIMUNDO, 2017, p. 128).

Antes, em dezembro de 2010, durante a gestão de Gilberto Kassab na Prefeitura de São Paulo, o bar do Santista foi lacrado por falta de licença de funcionamento e recebeu uma multa de 5 mil reais. Neste dia, entre dezenas de comércios que funcionavam sem alvará na região, somente uma serralheria e o bar do Santista foram fechados.

Curioso é que a Prefeitura de São Paulo, mesma instituição que fechou o bar do Santista, por meio da Subprefeitura Pirituba/Jaraguá, financiava um edital público da Secretaria Municipal de Cultura (VAI-2010) nesse espaço, através do Sarau Elo da Corrente. O repúdio a esse fechamento recebeu apoio de diversos coletivos e artistas da cidade, bem como do Programa VAI, que na época era coordenado pelo produtor Gil Marçal.

Depois de muitas tentativas de contato com a Subprefeitura, reuniões e a entrega de diversos documentos, nós acompanhamos o Santista em todos os trâmites para que ele conseguisse uma licença provisória para funcionar. Ainda assim, realizamos uma edição do sarau com o bar fechado e no início do ano seguinte, em 2011, conseguimos retomar com as atividades e o bar voltou a funcionar.

Em meio a esse contexto, o Sarau Elo da Corrente foi contemplado com editais do governo federal, sendo: Prêmio Cultura Hip Hop - Edição Preto Ghóez, em 2010, que premiou iniciativas para além dos quatro elementos consagrados (Break, MC, DJ e Graffiti); e, no mesmo ano, nosso selo editorial ganhou o Prêmio Mais Cultura Literatura de Cordel - Edição Patativa do Assaré.

Esse último possibilitou a reedição de dois folhetos de cordel de João do Nascimento Santos e Zé Correia, poetas que nasceram em Chorrochó, cidade de 11 mil habitantes no sertão da Bahia. Mesmo morando na mesma região há mais de vinte anos, esses poetas não se conheciam, mas por conta da literatura se encontraram no Sarau Elo da Corrente, em 2008, e se tornaram amigos e frequentadores assíduos do encontro.

A partir da reedição desses folhetos, nós aprovamos um projeto de intercâmbio para 16 artistas, pelo Ministério da Cultura, que nos possibilitou, em 2012, fazer uma viagem para a cidade de Chorrochó. Por lá, realizamos o lançamento dos folhetos de cordel dos poetas e três edições do *Sarau Elo em Brasa* durante a Festa do Senhor do Bonfim, na praça central da cidade.

FIGURA 17 — ELO EM BRASA NA COMUNIDADE REBOLÃO CHORROCHÓ-BA, 2012.

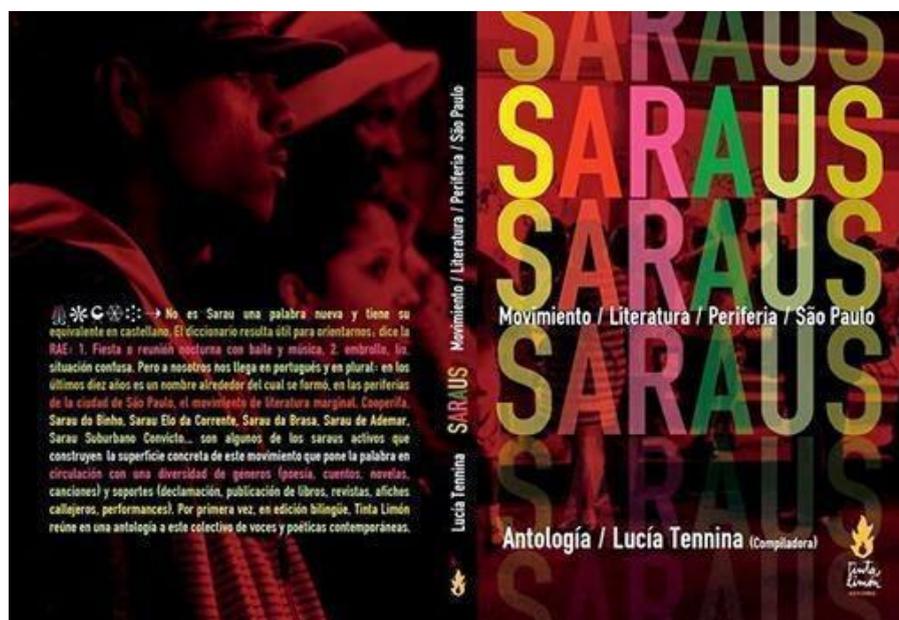


Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em: <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2012/02/visita-comunidade-rebolao-3.html> .Acesso em 12/10/2022.

Em 2014, a convite da Secretaria Municipal de Cultura, fomos representar a cidade na 40ª Feira do Livro de Buenos Aires (Argentina), evento em que o Brasil foi convidado de honra. Dessa feira participaram quinze coletivos de saraus da cidade, realizando apresentações e rodas de conversa, além de visitas a universidades, penitenciárias e a grupos culturais da periferia de Buenos Aires, articuladas pela pesquisadora Lucía Tennina.

Outro marco desse encontro foi o lançamento do Antologia Saraus - Movimento/Literatura/Periferia/São Paulo, organizado por Lucía Tennina. Esse livro também foi lançado na Feira Internacional do livro de Zócalo (2014), na Cidade do México, e na 5ª Primavera do Livro (2016), em Santiago do Chile, eventos que tive a oportunidade de estar presente como autor da obra.

FIGURA 18 — ANTOLOGIA SARAUS - MOVIMIENTO/LITERATURA/PERIFERIA/SÃO PAULO (2014)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em:
<https://elo-da-corrente.blogspot.com/2014/04/sarau-elo-da-corrente-na-feira-de-livro.html>. Acesso em
 12/10/2022.

FIGURA 19 — DIVULGAÇÃO DO SARAU NO CENTRO CULTURAL BRASIL-CHILE (2016)

Sarau

Brasil Periférica. Literatura marginal de São Paulo

Participación de los poetas, escritores y productores Binho, Caco Pontes, Lucía Tennina, Michel Yakini, Ni Brisant, Renan Inquérito, Sonia Regina Bischain Rosa e Suzi de Aguiar Soares.

Centro Cultural Brasil-Chile
 Viernes, 07 de octubre, 19h
 Mac Iver, 225, piso 15
 Metro Santa Lucía
ENTRADA LIBERADA





Crédito de las fotografías: Gumá





Fonte: Facebook Michel Yakini-Iman. Disponível em:
<https://www.facebook.com/michelyakiniiman/posts/pfbid02Sj4LRH5ajN2KY1aWFpYMrVERrBzTo33qyqySnwAkHeUjWAwY335d67wTz231rebtKl>. Acesso em 12/10/2022.

Desde então, meu trabalho autoral chegou em outros lugares do mundo. Entre 2015 e 2018, participei do Festival *Afropalabras* e do Festival *Zonas Poéticas* (Havana, Cuba); do 6º *Encuentro de Escritores Latinoamericanos y del Caribe* (Assunção, Paraguai); Estive na *Universidade Livre* e na *A Livraria* (Berlim, Alemanha) com a pesquisadora Ingrid Hapke; já na Galícia (Espanha), Buenos Aires (Argentina) e Paris (França), participei de três edições do *Colóquio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea*, a convite das professoras Regina Dalcastagnè (UNB) e Carmen Villarino (Universidade de Compostela); e em 2018, participei do 5º *Tanta International Festival of Poetry* (Egito).

Neste percurso internacional, apresentei meus livros e reflexões sobre literatura e a periferia, além da poesia falada exercida nos saraus. Além disso, a literatura me fez conhecer um pouco mais do Brasil, nas várias cidades que me apresentei nas regiões Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, em muitas cidades que nunca imaginei estar ou nem sabia que existiam.

Enquanto isso, o Sarau Elo Corrente foi integrando outros moradores da região, seja pela divulgação da rádio Urbanos, no boca a boca, por cartazes, divulgação na internet, nas mídias, ou pelas atividades realizadas em escolas e bibliotecas.

Entre esses moradores, destaco a participação de Douglas Alves, que atualmente é um dos organizadores do Elo. No livro *Sarau Elo da Corrente 13 anos - Tambor, Território e Oralidades* (2021), ele publicou um depoimento, contando sobre a sua chegada no bar do Santista:

O ano era 2007 e desde antes até os dias atuais sempre gostei de caminhar ouvindo música, do walkman passando pelo discman, mp3, até chegar ao atual smartphone, e foi assim que cresci no bairro de Pirituba mais precisamente no Jardim Nardini, bem perto do Jaraguá, zona noroeste da cidade de São Paulo. Nessa época, me recordo que eu estava no 3º ano de graduação do curso de Ciências Sociais, na Pontifícia Universidade Católica, fazendo a via crucis da maioria dos periféricos prounistas daqueles anos. Era trampo de manhã, tarde e estudar à noite. As leituras eram para o quando desse, no busão, na hora do almoço, qualquer lugar era uma oportunidade, um Marx no banheiro, um Weber no trem, um Durkheim ao som de Calypso nos finais de semana e, assim, seguíamos a graduação na primeira década dos anos 2000.

Nessa época, já eram famosos os livros do Ferréz e os Saraus da Cooperifa e do Binho que aconteciam na Zona Sul, inclusive alguns dos alunos da PUC, nesses anos, também eram frequentadores e agentes da cena cultural da Zona Sul como Rogério Pixote, Priscila Preta, Ana Paula Risos e Jennyfer Nascimento, mas para o meu pesar a quebrada era muito distante e impossível de conciliar o trampo e a faculdade com os rolês da Zona Show, como diria Ice Blue. Eis que, em uma noite de quinta-feira, estou eu em mais uma caminhada sonora por Pirituba e percebo entre a ponte e a encruzilhada que une a Comunidade da Saloá ao Jardim Monte Alegre uma movimentação dentro de um Bar, um pequeno estabelecimento, ao lado de um Salão de cabeleireiro e embaixo da Rádio Comunitária Urbanos Fm, um típico estabelecimento comercial periférico que passaria despercebido, se não fosse por um detalhe: o silêncio.

Não era o silêncio vazio e opaco sem palavras, não era o silêncio autoritário e violento que alguns agentes do estado impõem à quebrada, era o silêncio de

respeito, do compartilhamento de ideias, um silêncio de olhos e ouvidos atentos embalados por cervejas e camaradagens de corpos de negras e negros periféricos que poetizavam seu cotidiano e ampliavam nossos horizontes culturais. De pronto notei, era um Sarau na quebrada. A onda de cultura Periférica transbordou e, enfim, havia chegado em Pirituba. Os organizadores eram pessoas que eu conhecia há muito tempo, mas de vista, Michel Yakini e Raquel Almeida, o primeiro já tinha visto algumas vezes na rua, porém não sabia muito dele, meus pais eram muito amigos de um tio e eu amigo de um primo dele, já Raquel tinha uma família muito extensa e unida na região, costume chamar de clã Almeida, cresci vizinho de primos dela, mas também não sabia muitas coisas sobre ela, mesmo não tendo contato íntimo com os dois, nós três crescemos nessa parte da cidade e do bairro entre três quebradas próximas: Santa Terezinha, Jardim Nardini e Monte Alegre.

Todos nós tínhamos histórias e estórias sobre personagens, fatos, lugares do território, as celebrações, as trilhas do Pico do Jaraguá, a Feira de Sábado no Monte Alegre, as Festas de Cosme e Damião, as Quermesses, os Bailes Black, as Escolas, os Forrós risca faca, as Lideranças Comunitárias, os Cachaceiros, amigos em comum, o gosto pelo Rap, enfim, todo um complexo cultural que envolveu a grande parte das periferias de São Paulo, uma geração que foi atravessada por esses fatores e que cresceu e formou sua personalidade entre os anos 80 e 90, sendo assim, o contato e o envolvimento com o coletivo foi muito orgânico e afetivo. Para além dos saraus no bar, comecei a acompanhar diversas ações do coletivo, atividades de cordel nas escolas da região ainda em 2007, lançamento de livro de Raquel e Soninha MAZO na Ação Educativa, Mostra Cultural das Periferias Zona Sul e quando dei por mim já estava inserido no coletivo como integrante. (ALVES, 2021, p.11-14).

As noites de Sarau Elo da Corrente se tornaram um grande ponto de encontro, não somente da literatura, mas de outros artistas, ativistas, educadores e pessoas interessadas nas trocas e tramas que surgiam nessas noites de quinta-feira. Vivenciar a diversidade presente nas periferias por meio dos saraus, com pessoas de várias origens, faixas etárias, gênero, raça e classe, reverberou muitos diálogos, parcerias e complexidades.

Através dos saraus, a poesia falada passou a ser a linguagem que mediou a potência de novos projetos e das contradições presentes, não só entre nós, mas também na nossa relação com as violências cotidianas. Ao propor um espaço de livre expressão, em um território localizado à margem da sociedade, é comum que a contradição seja um elemento presente, já que estamos em uma zona de conflito constante.

A maioria dos saraus das periferias que surgiram desde 2001 (Cooperifa, Binho, Elo da Corrente, Brasa, Ademar, Vila Fundão, Perifatividade, Segunda Negra, entre outros) tiveram seus encontros estabelecidos em bares, porque como explicou o poeta Sérgio Vaz, em entrevista para Ingrid Hapke “o único espaço que o Estado deixou pra nós, foi o bar, então a gente ocupou o bar. É só isso que a gente tem, então é isso que vamos transformar” (VAZ, 2015. p.372).

Em depoimento para Lucía Tennina em 2011, eu já demonstrava um olhar atento a essa diversidade presente no território e uma certa preocupação por atuar com a literatura como forma de revitalizar a vivência cultural do bairro, mas ter como espaço potencial o bar,

tão estigmatizado pelo vício e pela violência:

Quanto mais a diversidade aflorar, vai ser mais tenso, não vai ser mais ameno, não vai ser mais harmônico. Quanto mais isso aflorar, mais choques vão haver. Então é isso que a gente tá pensando. (...) Num sarau a gente aprende a lidar com questões vivas e a questão do alcoolismo está sempre presente. Quando isso reflete a gente simplesmente fala assim: “isso é nosso bairro”, aí é que tá! Caem as máscaras, do tipo: “olha, não pode se empolgar só porque o sarau faz uma reunião bacana (onde) todo mundo sorri, que o bairro, então, tá maravilhoso!”. Não está! Ele está problemático. Na verdade ele tem muito mais problemas do que adiantos. (YAKINI, 2015. p.316)

Em 2013, houve uma nova onda de chacinas que aconteceram em bares na região metropolitana de São Paulo e em bairros da capital⁵⁰. Nós divulgamos o sarau do mês maio e poucas pessoas apareceram, por conta do medo de estar à noite, na rua, em um bar na periferia, naquele contexto. Então, nós conversamos e decidimos cancelar a atividade, para preservar nossa integridade. Naquela noite o sentimento de medo venceu nossa vontade de declamar poesias.

No mesmo período, uma jovem que estudava o ensino fundamental no bairro, nos trouxe um informativo que estava sendo entregue na escola. Esse informativo era impresso pela Gráfica da PM e tinha como título “Dicas de Seguranças”, informando como a população poderia se sentir mais segura e evitar assaltos.

FIGURA 20 — DICAS DE SEGURANÇA - POLÍCIA MILITAR DE SP (2013).



Fonte: Facebook Sarau Elo da Corrente. Disponível em:

<https://www.facebook.com/ElodaCorrentesarau/photos/a.229079353879550/354803834640434> .

Acesso em 10/10/2022.

Publicamos uma foto com parte desse informativo nas redes e foram feitos muitos compartilhamentos. O folheto apresentava como suposto ladrão uma pessoa negra de cabelo black, tentando roubar uma pessoa branca na condução. Por isso, esse informativo foi encaminhado ao *S.O.S Racismo*, que fazia parte da *Comissão da Verdade*, na Assembleia Legislativa de São Paulo. Os responsáveis desse setor informaram que seria exigido uma retratação pública sobre esse impresso por parte da PM.

Também notificamos o *Centro de Referência em Direitos Humanos na Prevenção e Combate ao Racismo* da Prefeitura de São Paulo, que nos respondeu por e-mail da seguinte forma: "informo que sua denúncia já está sendo acompanhada pela Comunidade Negra e Geledés - Instituto da Mulher Negra que estão tomando as providências jurídicas referente à situação apresentada". Em repúdio a esse informativo, publiquei no blog do Elo da Corrente esse texto:

CARA ESTAMPADA, por Michel Yakini.⁵¹

Hoje o meu rosto estava estampado na porta da escola, pra todo mundo ver e se reconhecer.
 Sabe aquelas fotos que ficam na entrada das Faculdades, dos prédios importantes pra mostrar quem é que dá as caras por ali?
 Pois é, hoje minha cara estava lá, na escola que eu estudei.
 Minha cara estampada no informativo público, bem na entrada, na recepção.
 Deve ter alguma coisa haver com reparação, superação da invisibilidade, com tratamento cidadão, é época de um país de todos, não é?
 Minha cara estava lá, me instruindo os caminhos, me ensinando a viver com segurança.
 Minha cara estava lá, me dizendo pra evitar a noite, me explicando como devo carregar a marmita na bolsa.
 Hoje aprendi a maior das lições.
 Me senti envergonhado, por tantas vezes não ser um aluno exemplar, de estar desmotivado, enquanto a escola me dá tanto valor. Por quê?
 A resposta tá na minha cara, só não vê quem não quer.
 Minha escola mesmo depois de anos, faz boas parcerias com a Polícia Cidadã da cidade e juntas me deram o maior dos ensinamentos.
 Me ensinaram que tudo ficará bem, seguro, basta alguns cuidados.
 Basta seguir algumas dicas:
 Evitar ao máximo ficar no ponto sozinho, evitar viajar em vagões de trem vazios, e caminhar rápidos em trajetos curtos.
 E principalmente se eu seguir um conselho essencial:
 O de não CRUZAR COMIGO MESMO por aí.
 Obrigado Escola Pública!
 Obrigado Polícia Cidadã!
 O que seria de mim se vocês não existissem?

Não soubemos de nenhuma retratação pública da PM sobre o caso, porém em uma noite de sarau, logo após essa denúncia, recebemos a “visita” de algumas viaturas durante a atividade. Um policial chegou pedindo o documento e perguntando quem era o organizador

⁵¹ Disponível em <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2013/04/>. Acesso em setembro de 2022.

do encontro, mas seu nome não estava visível na farda, enquanto os demais ficaram na porta ao lado das viaturas com as sirenes ligadas.

Apresentei-me para conversar com o policial enquanto fingíamos normalidade. Depois de ter meu nome anotado em uma planilha, perguntei se o policial poderia ir até o microfone e dizer qual motivo da presença da PM no sarau, pois tornar aquela “visita” pública foi a estratégia mais rápida que pensei para evitar alguma retaliação.

Antes, convidei para falar no microfone algumas pesquisadoras que estavam no sarau naquela noite. Pedi a elas que falassem dos seus vínculos com a universidade e sobre suas pesquisas de campo, porque minha experiência no movimento estudantil ensinou que a polícia era mais prudente com estudantes do que com os moradores da periferia. As pesquisadoras aceitaram fazer uma fala e os policiais ouviram atentamente.

Depois, o policial responsável foi até o microfone, apresentou-se pelo nome e informou que ali estava em função de um alerta sobre uma atividade cultural na sua região de atuação. Segundo ele, membros da corporação assistiram uma matéria sobre o sarau no programa SPTV da Rede Globo⁵², e questionaram por que ele ainda não conhecia nosso sarau.

Disse também que “ainda bem que não estávamos mais na época dos justiceiros, pois isso evitava que pudesse aparecer atiradores encapuzados e assassinar todo mundo”. Uma das pesquisadoras presentes era a então mestranda Mariana Santos de Assis, que relatou essa passagem em sua dissertação:

Muitos desconfiaram das reais intenções do policial, uma vez que ele chegou exatamente no dia em que foi feita uma denúncia contra a Polícia Militar e Michel fez questão de entregar a ele a reclamação e pedir providências. Mas é inegável sua tentativa de legitimar seu discurso por meio de uma identidade comum, colocando-se no mesmo lugar social e identitário daqueles ali presentes. Além disso, é notável o respeito pelas instâncias legitimadoras do Estado, no caso ali a universidade, representada na figura da pesquisadora, que havia se apresentado antes dele, e pela mídia, que havia veiculado a reportagem sobre o sarau naquele mesmo dia (ASSIS, 2014, p. 130).

O que me causou curiosidade é que essa não era a primeira vez que o sarau era pauta de uma matéria na TV e por diversas vezes, ao longo dos anos de atividade, vimos os carros da polícia passar em frente ao bar do Santista, sem nenhuma atenção dirigida a nós.

Perguntamos sobre os informativos racistas entregues na escola do bairro e o policial, sem demonstrar surpresa, negou a existência dos folhetos e disse que um material daquele tipo não era impresso pela PM - “só poderia ser falso”. Depois, as viaturas foram embora e o sarau retomou até o final.

⁵² De fato essa matéria foi exibida e está disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp1/video/sarau-em-pirituba-mistura-literatura-capoeira-e-musica-2510945.gh.html> acesso em setembro 2022

Esse fato me deixou um sentimento de vulnerabilidade, pois mesmo sabendo que aparecer como artista em um canal de grande audiência, ou ser tema de pesquisa de grandes universidades dá uma certa visibilidade e proteção social, mas após o episódio descrito acima, muitas vezes tive medo de entrar em casa sozinho na calada da noite.

Ficou evidente que a denúncia do informativo racista chegou até o órgão geral da Polícia e a "retratação pública" da instituição foi enviar viaturas até o sarau em tom de "batida policial" e invalidar nosso questionamento. Estratégia que deu certo, porque essa "visita" nos causou medo e não falamos mais nesse assunto publicamente.

Essa evidência foi confirmada um ano depois, quando eu estava trabalhando na Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, em São Paulo, e fui representar essa instituição em uma aula da Academia Barra Branco, de Oficiais da PM, para falar sobre racismo e segurança pública. Seguro por estar representando um órgão público, coloquei o mesmo informativo racista em pauta.

Recebi reações diversas entre os chefes de polícia, inclusive invalidando novamente a existência do impresso, até que um dos professores da Academia confirmou a veracidade do documento e disse que aquela impressão já tinha sido retirada de circulação.

Mas o clima promovido pela PM no sarau, invalidando nossa denúncia e chegando de uma maneira semelhante a uma abordagem de fiscalização, fez com que nosso coletivo percebesse que estar em uma ação ativista na periferia é uma exposição que pode causar medos e inseguranças, porque a periferia é um território vulnerável, devido ao histórico violento da presença estatal através da PM em nosso território.

Outra percepção que ficou nítida ao atuar com o sarau no território foi que a oferta de álcool e drogas estava deixando muitas pessoas em situação degradante no bairro. Um problema antigo, mas que aumenta a cada ano. A presença massiva de usuários de crack deixou de ser uma exclusividade do território da Cracolândia, no centro da cidade, e passou a ser uma realidade nos bairros periféricos, como tem acontecido na região do Sarau Elo da Corrente.

Esse contexto é bem diferente de vinte anos atrás, onde os usuários e dependentes químicos, pejorativamente chamados de "nóias", eram pessoas próximas, e quase sempre acabavam presas ou assassinadas por causa de dívidas, furtos ou roubos.

Atualmente, o bairro está povoado por pessoas nesta situação que nunca foram vistas antes na região. Além disso, há uma "proibição" de cometer furtos e roubos, determinada pelo tráfico. Desse modo, os usuários ocuparam as ruas como pedintes, catadores de recicláveis e em alguns casos ficam prestando serviços para os moradores e comerciantes, além da prática de prostituição que também é muito comum nesse contexto.

Vale ressaltar que, em meio a isso tudo, as mortes por assassinatos continuaram acontecendo, mas para além do temor constante das chacinas e da violência policial, nosso imaginário coletivo também passou a ser afetado pelas perdas repentinas de amigos e parceiros. Como foi em 2012, com o falecimento precoce do percussionista Daniel Alves, do Ballet Afro Koteban. Em 2013, pela partida do poeta do Elo, Paulinho Bispo, por consequência do alcoolismo.

Depois, aconteceu a morte do poeta Daniel Marques, em 2017, aos 28 anos, vítima de um suicídio; e uma avalanche de perdas em 2019 como foi com Marco Pezão, 68 anos, fundador da Cooperifa, vítima de um câncer no fígado; Martinho da Bahia poeta do Elo da Corrente, que teve a saúde abalada por consequências da diabetes; José Soró, da Comunidade Quilombaque, que sofreu uma parada cardíaca aos 55 anos, dentro da sede do grupo, e a poeta Tula Pilar. 49 anos, vítima do mesmo trauma.

Em relação a nossa saúde mental, nas diversas vezes que estive palestrando em escolas públicas, principalmente na região de Pirituba e Jaraguá, nos últimos anos, foi comum ouvir relatos de coordenadoras(es) pedagógicas, professoras(es) e diretoras(es) sobre a recorrência de pensamentos e atos suicidas e a prática de automutilações entre os estudantes e no mesmo período ouvi e me deparei com diversos relatos, nas redes sociais, em saraus e em conversas informais, de amigos, vizinhos e artistas, vivendo crises emocionais e pensamentos suicidas.

Conforme Garcia (2019) há uma tendência, por parte de órgãos ligados a saúde e outras instituições públicas⁵³, em desconsiderar os mecanismos de opressão social como uma das causas que levam ao aumento do sofrimento mental, promovendo discursos medicalizantes (Setembro Amarelo) e moralizantes (Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio), ligados a visões cristãs fundamentalistas. Esses discursos foram apoiados pela gestão de Damares Alves no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, durante o governo de Jair Bolsonaro (2019 a 2022). Para o autor:

O reconhecimento dos mecanismos de opressão existentes que levam ao aumento do sofrimento mental é um ponto fundamental para estratégias de promoção de saúde mental eficientes, que incluam o debate e o enfrentamento sobre estes mecanismos. Para isso, a aproximação com as pautas dos movimentos sociais organizados que discutem as diversas formas de opressão, como os de classe, feminista, negro, LGBT, dentre outros, são fundamentais. A luta pela promoção da saúde mental deve se dar dentro de uma visão mais social mais ampla, interseccional, que reflita sobre as diversas formas de dominação presentes e sobre o quanto elas se articulam com o sofrimento mental e suas decorrências (GARCIA, 2019, p.57).

Para Damasceno e Zanillo (2018), cada vez mais as/os psicólogas/os acolhem pessoas negras considerando que seus sofrimentos psíquicos certamente são afetados pelo racismo,

⁵³ Trata-se aqui da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), do Conselho Federal de Medicina (CFM) e do Centro de Valorização da Vida (CVV).

porém ainda há uma ausência de uma ética profissional atenta aos processos de preconceito e discriminação racial no acompanhamento da saúde mental de pessoas negras, o que dificulta o surgimento de dados estatísticos e do desenvolvimento de um atendimento que considere essa especificidade nos serviços de saúde.

Vale apontar aqui a existência de uma lacuna estatística nos serviços de saúde no Brasil com relação ao pertencimento étnico-racial da população atendida. Persiste a dificuldade prática de implementação do quesito cor ou raça/etnia nos cadastros de tais serviços, mesmo tendo o Brasil assumido o compromisso na Conferência Mundial de Durban, em 2001, de cumprir políticas e práticas de coleta e desagregação de dados, pesquisas e estudos nessa área. A população negra passou de minoria a maioria, mas permanece invisível. A parcela da população negra brasileira atendida em serviços de saúde mental como um todo (aconselhamento, assistência social, psicoterapia e psiquiatria), consequentemente permanece invisível, uma vez que a coleta de dados relativos ao pertencimento étnico-racial não é feita. As palavras de Jewel (2002) ainda se aplicariam aqui e agora: clientes de minorias raciais e étnicas continuam a ser desconhecidos. E são consequentemente mal servidos (DAMASCENO; ZANELLO, 2018, p. 461).

FIGURA 21 — NEGO JO E DANIEL ALVES (BALLET AFRO KOTEBAN, 2011)



Fonte: Blog Mijba. Disponível em:
<http://mijba.blogspot.com/2012/12/daniel-alves-foi-tocar-em-outro-lugar.html> . Acesso em 12/10/2022.

FIGURA 22 - DANIEL MARQUES (2017)



Fonte: Facebook Angélica Muller. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo?fbid=1999585663392336&set=a.182058881811699> . Acesso em 12/10/22.

FIGURA 23 - MICHEL YAKINI-IMAN, LIDS SIKELELI, MARCO PEZÃO E RAQUEL ALMEIDA (2014)



Fonte: Facebook Michel Yakini-Iman. Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo?fbid=1999585663392336&set=a.182058881811699> . Acesso em 12/10/22.

Nas periferias vivemos aquilo que Mbembe (2016) denomina de *necropolítica*, onde as soberanias se mantêm com estruturas de poder estabelecidos em raízes escravocratas e coloniais, propagando terror, morte e definindo um controle social sobre como e quem deve morrer, perpetuando a sensação de morte iminente nas sociedades contemporâneas, ou seja, da subjugação da vida perante a morte.

Propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. (MBEMBE, 2016, p.144).

Para Vera Lima Bontempo (2020), ao apresentar a *necropolítica*, o filósofo camaronês Achille Mbembe demonstra a relação direta desse conceito com o sistema neoliberal e a lógica racista que elimina os corpos descartáveis pelo capitalismo:

A oposição entre essas duas dimensões é apenas aparente, uma vez que a suposição neoliberal de valorização da potência, da criatividade, de empreendedorismo, de crença que todos podem alcançar o que desejam não se concretiza. O que se vê na atual fase do capitalismo é que nem todos são e nem serão absorvidos pelo mercado de trabalho. Com isso, essa população que fica fora do sistema será alvo da necropolítica, a qual irá gerir condições mortíferas ou de sobrevivência daqueles que estão desempregados, que se mostram improdutivos ou que vivem em situação de rua. E é por todos esses aspectos que a compreensão da noção de necropolítica é tão importante no mundo contemporâneo. (BONTEMPO, 2020, p. 571).

Esse conceito pode ser uma base de análise, no caso das periferias, por conta do histórico de assassinatos que deixam sequelas traumáticas em nossos territórios, alinhados ao tratamento hostil da Polícia e ao atendimento inadequado que recebemos do sistema de saúde, mas também por outras violências que nos atacam cotidianamente. Como está registrado na letra “Estamos Mortos” do Rapper Eduardo Taddeo:

(...)Sinto muito em te informar
 Que quem não tem o padrão de vida estabelecido na constituição federal
 Já tá em estado avançado de putrefação
 Quem tem a probabilidade de uma morte violenta
 Por sua condição financeira e cor de pele
 Já sobrevive dentro de um túmulo
 A coroa de flor
 É só um detalhe para nós
 Que caminhamos sem vida
 Na escuridão da indignância
 Viver é ter a opção de crescer profissionalmente
 E intelectualmente
 De não ser metralhado pela polícia
 De não ser torturado num sistema prisional
 Puramente vingativo
 Enquanto não pudermos impedir o genocídio
 O racismo
 A alienação

O aprisionamento em massa
 A pobreza extrema e a anulação social
 Não passaremos de cadáveres que respiram
 Meus pêsames para todos nós que vegetamos
 No necrotério dos vivos (TADDEO, 2020).

O “Necrotério dos Vivos”, descrito pelo Rapper Eduardo Taddeo (2020), também se estabelece pelas consequências do consumo abusivo de alimentos ultraprocessados, fast foods e remédios oferecidos a baixo custo e sem prescrição em farmácias, no uso desmedido de aparelhos eletrônicos, bebidas alcoólicas, drogas, tabaco, pelos endividamentos, e pelos efeitos do sofrimento psíquico da população negra, que na maior parte vive nas periferias.

Ao recordar-se dos estudos de Franz Fanon em **Pele negra, máscaras brancas** (2008), Ferreira (2018) destaca que o sofrimento psíquico vivenciado por pessoas negras, devido ao racismo, acontece porque em uma sociedade pautada por um sistema hegemonicamente branco a pessoa negra sempre é alçada à condição de “outro” e nunca de um “eu”, ou seja, a pessoa negra não vive a dialética entre “eu” e o “outro”.

Por isso, Fanon afirma que “Uma criança negra, normal, tendo crescido no seio de uma família normal, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco” (FANON, 2008, p. 129), prejudicando sua construção de identidade, porque neste processo a pessoa negra é deslegitimada e atacada corporalmente “já que o preto representa um perigo biológico” (FANON, 2008, p.143), tendo como efeito os traumas da subjetivação violenta e do sofrimento psíquico. Em relação aos jovens negros de periferia, Ferreira (2018) destaca que:

As concepções negativas projetadas sobre o sujeito negro acabam determinando a filtragem racial realizada pelas ações dos serviços de segurança pública e pelo Poder Judiciário, produzindo, em diversas esferas de sua vida, múltiplas formas de vulnerabilidade e violência institucionalizada. Sendo respaldadas por uma mídia sensacionalista e pelos interesses das elites pós-coloniais, as atividades racistas atingem seu ponto mais devastador através da execução em massa da população periférica, praticada por agentes públicos de segurança, como a polícia (FERREIRA, 2018, p.19).

Contudo, há um contexto contemporâneo em que a saúde se tornou um tema relevante entre alguns grupos e artistas das periferias de São Paulo, na prática de um olhar reflexivo a respeito da saúde no sentido subjetivo e como parte de uma dinâmica coletiva de autoconhecimento e do cuidar de si.

Além disso, é preciso considerar que o uso tradicional de ervas, benzimentos, simpatias, plantas medicinais, banhos e rezas, que em muitos casos tem como fonte de aprendizagem os terreiros de matriz africana, são parte do nosso repertório histórico.

Outros pontos importantes são: A luta das comunidades por espaços públicos de saúde nos anos 1970; e a inserção das terapias holísticas, medicinas tradicionais e outras práticas

integrativas, presentes no sistema público de saúde desde o início dos anos 2000.

Essas são possibilidades de construção e restauração de formas autônomas e alternativas que favorecem nossas atuações em meio a esse estado de constantes desacertos nos territórios periféricos e que vou descrever e analisar no capítulo seguinte deste trabalho.

4 PRECISAMOS FALAR DE SAÚDE: ALTERNATIVAS NO CONTEXTO PERIFÉRICO

A geração anterior, a da minha mãe e do meu pai, aprendeu com os mais velhos, a geração dos meus avós, também por meio das tradições de matriz africana, nos terreiros, e com uma cultura em torno das benzedeadas/os, sobre o auxílio das ervas, plantas, rezas e simpatias e suas funções para auxiliar no equilíbrio saudável das populações periféricas. Porém essas práticas não gozam de prestígio na medicina oficial, tampouco são reconhecidas como medicina alternativa entre os médicos.

A “arte de curar” e “arte de cuidar” de matriz africana que atualmente é praticada no Brasil é um campo extramédico que se inscreve nos marcos de uma cultura tradicional - não integrante das chamadas medicinas alternativas ou paralelas - quando comparada à medicina oficial (ou hipocrática, ou alopática, ou ocidental, ou erudita) (...) para as populações pobres (**e negras**) brasileiras, sobretudo nas zonas rurais (**e periféricas**), curandeiro (a), rezador, rezadeira, raizeiro (a) e “comadres parteiras” existem, e quase sempre, necessariamente, para salvação (OLIVEIRA, 2001, p. 200, grifos meus).

Segundo relatos da minha mãe, meu avô, o Seu Montanha, era benzedeador (ou benzedor) e atendia diversas crianças para auxiliar no tratamento delas, para “tirar quebranto”, que é quando a criança está desanimada, com vitalidade baixa e sem ânimo. Meu avô organizava um terreiro da Umbanda, assim como meu pai fez depois dele. Seu terreiro era em alguns cômodos da sua casa, onde vivi por mais de 30 anos, depois que ele se mudou e onde atualmente é a morada da minha mãe.

As primeiras memórias que tenho da casa do meu avô eram desses cômodos sagrados, onde hoje fica a cozinha e a sala da minha mãe. Naquela época havia diversas imagens colocadas em altares na parede. Também era recorrente a presença de pessoas vestidas de branco nesta casa, por conta de algum trabalho que estava sendo realizado. Minha mãe conta que esse terreiro também contava com a ajuda do meu pai, antes de ele abrir um barracão no quintal com a Dona Terezinha, para seguir com as práticas quando meu avô parou devido às complicações de saúde.

Na maioria dos casos, as benzedeadas são “mulheres **que** se tornam capazes de lidar com as necessidades humanas, referentes à saúde do corpo e da alma” (OLIVEIRA, 2018, p.08, grifo meu). Entre essas, muitas são mulheres negras de grande sabedoria e respeito que vivem em comunidades periféricas do Brasil, cuidando e protegendo as pessoas dos seus

respectivos territórios (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014).

Elda Rizzo de Oliveira (1985) afirma que a bênção, bênção, bendicção, bendizer, benzer, benzimento ou benzeção é um “processo em-se-fazendo no aqui e no agora” e por isso envolve muitas complexidades, maneiras de se fazer e interpretações possíveis. Para autora:

O ato de bênção é um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais presentes, mais concretos. Para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais.

Desse modo, a bênção é um veículo que possibilita a seu executor estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens, de outro, e entre ambos simultaneamente. A bênção então é um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos da classe social da qual fazem parte. E na maioria das vezes, eles produzem bênções através da religião a que pertencem (OLIVEIRA, 1985, p. 09)

Os outros sentidos para bênção destacada por Oliveira (1985) são: ii) “tornar próspero; coroar com bom resultado” alguém ou alguma coisa; iii) fazer benzeduras; iv) admirar-se, espantar-se; v) passar bons fluídos; vi) produzir benzimentos (OLIVEIRA, 1985, p. 09-10).

Quando criança, era comum caminhar pelo bairro e ver placas na casa de algumas famílias indicando que ali “benze-se crianças”, ou mesmo quando não havia placas as pessoas conheciam as benzedeadas e as procuravam por proximidade ou indicação. Normalmente os benzimentos eram gratuitos, pois “o ofício da benzeção constitui um sistema próprio da cura, relativamente autônomo. É um ofício artesanal dentro de um modo de produção capitalista. (OLIVEIRA, 1985, p.69).

A segunda esposa do meu avô, a Dona Zefa, sabia tratar o chamado “bicho virado” de crianças, causador de má disposição no intestino, vômito e falta de apetite. Ela fazia a medição das pernas e da planta dos pés da criança para confirmar se uma perna estava maior que a outra, depois fazia o benzimento no local com uma sucessão de movimentos em cruz e proferindo algumas rezas, e por fim confirmava se o tamanho das pernas voltava ao normal. Eu a vi fazendo essa prática muitas vezes.

Com ela memorizei a função de algumas ervas, como o boldo “que é bom pra tratar dores no fígado e estômago”; o hortelã “que é bom pra a respiração”; a camomila “que é um ótimo calmante”; a babosa “pra cicatrizar feridas”; a cavalinha “pra tratar infecção urinária”; a quebra-pedra “pra tratar pedra nos rins”, assim como o mastruz, que era oferecido com leite pelo meu pai para curar sintomas de gripe, entre outras.

Dona Josefa me explicou que alguns remédios que compramos aos montes na farmácia, na verdade levam o nome das plantas que têm a mesma propriedade curativa como é o caso da novalgina e da dipirona, usadas para tratar dores de cabeça e febre, e a insulina, utilizada no tratamento da diabetes. Todas essas ervas são ingeridas em forma de chá.

Também aprendi com Dona Josefa alguns sentidos energéticos das plantas, sabedoria que depois reencontrei na prática de terreiro: um galho de arruda na orelha “ajuda a afastar o mal olhado”; folhas de louro além de dar bom gosto na comida, ao colocar um galho atrás da porta de casa “ajuda a atrair prosperidade”; o manjerição além de ser ótimo para cozinhar e fazer chá “pra curar gripe” é bom para fazer banhos energéticos; plantas como espada de São Jorge, comigo-ninguém-pode e samambaia são indicadas para colocar na porta de casa para filtrar as energias negativas.

Muitos alimentos que hoje são catalogados como Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC's)⁵⁴, que são encontradas no meio do mato e nas beiras de rio e córregos e são descartadas da alimentação por falta conhecimento ou costume, por serem confundidas como pragas ou ervas daninhas (SANTOS, 2023), eram utilizadas por dona Josefa na alimentação. Me lembro das saladas que ela preparava com as folhas de serralha, os picadinhos feitos com coração de bananeira e o refogado da planta ora-pro-nóbis. Ela também reutilizava as cascas de banana para fazer como alternativa à batata frita.

Na época eu não dava muita importância para essa sabedoria, mas fui tratado e alimentado muitas vezes com esse repertório e isso me fortaleceu uma memória afetiva que atualmente revisito para auxiliar no cuidado da minha saúde e da saúde das minhas filhas e parentes. Neste percurso, me considero um aprendiz, já que havia um processo de educação sobre a vida, a partir de uma tradição do saber-fazer (OLIVEIRA, 2018) envolvida no meu contato com Dona Josefa.

O exemplo de dona Josefa era mais próximo do meu cotidiano, mas como já mencionei, há trinta, quarenta anos atrás as casas tinham mais espaços e as pessoas cultivavam e tinham uma maior aproximação com as plantas, as ervas, as árvores e a natureza em geral, por isso haviam várias “Donas Josefás” no bairro com sabedorias semelhantes.

A partir do final do século XX, essas sabedorias foram caindo em desuso, e as gerações seguintes se afastaram dessas formas alternativas de tratamento e hábitos alimentares. Assim, os remédios sintéticos e os alimentos ultraprocessados da indústria passaram a ser consumidos em grande escala no contexto urbano, contribuindo para esse distanciamento entre as práticas alternativas de saúde e autocuidado feitas no passado e os hábitos da vida moderna. Para Débora Priscila de Oliveira (2018) a questão religiosa também influenciou neste processo:

Hoje podemos dizer que certos aspectos da religiosidade que se prendem às regras dogmáticas da institucionalização da fé, tem propagado um certo descrédito e muitos preconceitos ao valor dos benzimentos, das simpatias e os conhecimentos

⁵⁴ Termo criado em 2008 pelo biólogo Valdely Ferreira Kinuup.

proporcionados pelos cuidados provenientes do uso que as ervas medicinais carregam (OLIVEIRA, 2018, p.17).

No sentido político, a saúde passou a ser um tema relevante nas periferias paulistanas principalmente a partir dos anos 1970, quando organizações comunitárias, lideradas principalmente por mulheres em parceria com a Pastorais de Saúde e médicos sanitaristas, passaram a se reunir nas igrejas católicas, e depois em sedes próprias, para socializar, conversar e refletir sobre o cotidiano de seus lares e bairros, sobre seus direitos como cidadãs, para resolver problemas comunitários, como a falta de creches, escolas, ônibus e postos de saúde (SADER, 1998).

Dois casos foram fontes estudo do Grupo de Educação Popular do Instituto de Planejamento Regional e Urbano (URPLAN-PUC/SP) e da tese de doutorado do sociólogo Eder Sader, na década de 1980, trata-se dos Clubes de Mães da Zona Sul e do Movimento de Saúde da Zona Leste.

Naquele momento, as reivindicações surgiram a partir da percepção da ausência dos serviços públicos e da desigualdade social como uma negação de direitos, que levou esses grupos a uma luta constante para pressionar as autoridades em busca de estrutura e condições dignas.

No caso específico da saúde, foi assim que esses movimentos conseguiram postos, hospitais e participação na fiscalização e na gestão desses serviços, por meio de conselhos e comissões populares, em seus territórios (SADER, 1988). Essa dinâmica fica explícita no depoimento que Virgínia, moradora do bairro de São Mateus e atuante no movimento de saúde em 1975, concedeu ao pesquisador Eder Sader:

[...] começou justamente pela área da saúde. Então a gente via ali que era um bairro enorme e não tinha nenhum centro de saúde, não tinha hospital, não tinha nada. Então o que nós ia fazer? Visitar o pessoal pra levar comprimido? Nós tava vendo que não era por ali. Que era de direito do povo que tivesse um mínimo de assistência médica. Aí eu já sabia que tinha que ter mesmo. Então a gente partiu para uma pesquisa no bairro e vimos que as mães pegavam até dois ônibus pra vacinar uma criança. E a gente percebia que as mães deixavam até de levar o filho pra vacinar, que era o básico, porque não dava, indo muito cedo pra outros bairros, como por exemplo pra Penha, Vila Formosa, Carrão, que elas iam. Então a gente, através dessa pesquisa, começou a organizar o povo e já vir direto no Distrito, ia na Regional, depois da Regional partimos pra Secretaria (**de saúde**)... (SADER, 1988, p.263, grifo meu).

Porém, ao longo dos anos, mesmo com a conquista dos espaços públicos de saúde, muitas contradições e precariedades foram surgindo nos atendimentos de saúde pública, seja na estrutura, na relação com os profissionais e também na perspectiva médica utilizada, gerando grande descontentamento entre usuários e funcionários (JÚNIOR, 2021).

Somado a isso, a violência e o racismo antinegro praticados nas instituições,

principalmente pela polícia e pelas igrejas neopentecostais, as relações abusivas praticadas por nós homens em relação às mulheres no âmbito privado e comunitário, e o alto índice de drogadição e alcoolismo em nossos territórios, expuseram o quanto era urgente para nossa geração, de artistas e produtores/as culturais, refletir e tematizar a saúde de maneira holística, ou seja, física, mental e espiritual, como parte do nosso repertório, na busca de alternativas.

4.1 Postinho Holístico: A meditação possível da ciência médica

Eu não tinha conhecimento se no sistema de saúde público havia alguma perspectiva de tratamento fora do padrão convencional, das especialidades, marcação de consultas, diagnósticos e medicalização. Creio que o histórico de grandes filas de atendimento e da falta de diálogo com os profissionais de saúde deixaram alguns traumas e por isso não cogitei essa busca.

Me recordo que desde que voltei de Curitiba, em 2006, era comum ver as visitas das agentes de saúde⁵⁵ da Unidade Básica de Saúde (UBS) nas casas do bairro. Minha mãe sempre teve um bom diálogo com essas profissionais, que ajudam ela a mediar o pedido e recebimento de consultas, exames e outras demandas.

Porém, somente em 2018 que eu soube que em algumas UBS do município de São Paulo havia tratamento disponível a partir das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), que desde 2001 oferece Acupuntura, Tai Chi Pai Lin, Lian Gong e Meditação, ligadas a Medicina Tradicional Chinesa (MTC), entre outras atividades, no sistema público (JUNIOR, 2021).

Eu soube dessa informação porque a companheira com quem eu vivo atualmente, a Amanda, chegou a utilizar parte desses serviços no Hospital do Servidor Municipal, por indicação de uma prima, sendo que nessas consultas ela soube que essas práticas estavam presentes em várias unidades do SUS, inclusive na UBS.

Emili Telesi Júnior (2021), médico sanitário e acupunturista que atuou na coordenação da Área Técnica das PICS, relata que após a constatação de uma crise no sistema de saúde municipal foi necessário ampliar a visão de atendimento no município:

A situação de saúde de grande parte da população continuava precária e vinha se

⁵⁵ Em 2002 foi sancionada, pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso, a Lei 10.507/02 que oficializou a profissão de Agente Comunitário de Saúde no Sistema Único de Saúde (SUS). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110507.htm#:~:text=LEI%20No%2010.507%2C%20DE%2010%20DE%20JULHO%20DE%202002.&text=Cria%20a%20Profiss%C3%A3o%20de%20Agente,Sa%C3%BAde%2C%20nos%20termos%20desta%20Lei. Acesso em 15/01/23.

agravando com o aumento da prevalência de doenças crônicas e não transmissíveis. Eram cada vez mais presentes as manifestações de insatisfação por parte dos usuários do SUS e também estavam insatisfeitos os gestores públicos e os servidores da saúde. Diante dessa situação de insatisfação geral, chegamos à conclusão que realmente seria necessária a abertura de novos caminhos e a introdução de outros conceitos e modelos de atenção à saúde (JÚNIOR, 2021, p.01).

Atualmente existem dezenas de práticas presentes entre as modalidades de PICS nas Unidades de Saúde (US), como as MTC e outras práticas como Reiki, Capoeira, Constelação Familiar, Alongamento, Dança Circular, Yoga, Arteterapia, Musicoterapia, Homeopatia, Fitoterapia, Caminhada, entre outras (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2020). Em 2015, me recorde de ter levado minha filha Yakini em uma consulta de homeopatia em uma US, a partir dessa modalidade, mas não tinha ideia dessa relação.

Na relação entre as PICS, e a ciência médica “tanto a medicina ocidental quanto a oriental compartilham o mesmo objeto, o ser humano doente, além de visarem ao mesmo objetivo de cura do indivíduo, restabelecendo-lhe a saúde, ou, até mesmo, buscando expandi-la” (JÚNIOR, 2016, p. 103), mas os parâmetros de atuação entre uma coisa e outra é bem diferente já que na medicina científica, que representa o sistema hegemônico, o foco é a doença e as PICS “não tem a intenção de tratar as doenças, mas **promover** um aprendizado de como viver a vida” (JÚNIOR, 2016, p.105, grifo meu). Além disso:

Esse avanço pode ser entendido como expressão de um movimento que se identifica com novos modos de aprender e praticar a saúde, já que essas práticas caracterizam-se pela interdisciplinaridade e por linguagens singulares, próprias, que em geral se contrapõem à visão altamente tecnológica de saúde que impera na sociedade de mercado, dominada por convênios de saúde cujo objetivo precípua é gerar lucro e fragmentar o tratamento do paciente em especialidades que não dão conta da totalidade do ser humano em busca de remédio para seus males (JÚNIOR, 2016, p. 99).

As PICS estão presentes em 83% das UBS (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2020), mas sofrem pressão constante de parte dos profissionais de saúde e do Conselho Federal de Medicina, que questionam os gastos públicos feitos com essas terapias e a eficácia desses tratamentos nos pacientes, como foi divulgado em matérias recentes no Jornal da USP em 2019⁵⁶ e na coluna Viva Bem (UOL) em 2022⁵⁷.

Na UBS Pirituba, que fica próxima ao Jardim Monte Alegre, segundo dados oficiais, existem as seguintes PICS disponíveis para o público: Terapia do Movimento, Radio Taissô, Grupo Expressões da Identidade (arteterapia), Auriculoterapia, Aromaterapia, Fitoterapia e Zumba, porém em várias visitas recentes que fiz a essa unidade, para acompanhar meu pai, e

⁵⁶ Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/brasil-desperdica-recursos-com-terapias-alternativas/> . Acesso em 15/01/23.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/reportagens-especiais/entre-o-mantra-e-o-remedio/> . Acesso em 15/01/23

para levar minha filha Yakini para vacinar, não vi nenhuma divulgação a respeito das PICS. Minha mãe, que também frequenta essa UBS, me disse que nunca soube dessas atividades e que não foi comunicada pela agente de saúde a respeito, o que talvez indique a necessidade de uma maior divulgação desses serviços.

Também fiz um resgate histórico da minha trajetória como artista-educador e constatei que mesmo atuando há mais de 15 anos com este trabalho, somente uma vez, em 2018, realizei ações em uma UBS. Foi na unidade da Vila Constância, na Zona Sul, onde fui contratado pela Organização Social Santa Catarina, instituição responsável pela gestão desta UBS. Porém, as oficinas de literatura que realizei nesta oportunidade foram uma demanda da psicóloga do local e não estava relacionada à prática das PICS.

4.2 O que a arte da periferia tem a ver com a saúde?

Por volta de 2014, meu rim esquerdo doía constantemente, somado a uma crise anterior causada por excesso de trabalho, e depois de me entupir de remédios, sem bons resultados, um amigo me convidou pra ir na sua casa sagrada - um terreiro de Umbanda onde ele trabalhava como médium e que atuava no tratamento de saúde de diversas pessoas. Fui até o terreiro, uma casa chamada Ogum Vence Demanda, que era organizada por uma senhora conhecida como Tia Valda e por seu companheiro, chamado de tio Raimundo.

Nesta casa fui atendido por um médico espiritual chamado Dr. José Amâncio, que atendia as pessoas por ordem de chegada, com o auxílio de uma corrente de Pretos-Velhos. Dr. José Amâncio conversou comigo, me examinou e identificou que para além das dores do rim, eu estava com meu sistema auditivo inflamado e me receitou algumas preces e um tratamento à base de chá de losna, uma planta medicinal utilizada para ação anti-inflamatória.

Segui as indicações do tratamento e isso fez eu me recuperar bem. Quando terminei o tratamento, resolvi voltar lá sozinho, no atendimento do Dr. José Amâncio e nas noites de atendimento dos guias e orixás. Entendi que essa dor era um efeito emocional. Depois das consultas eu ficava com uma sensação leve, mas voltava na semana seguinte com o ânimo abalado.

Essas crises me trouxeram a seguinte pergunta: Quanto tempo eu dedico para me cuidar, fisicamente, emocionalmente e espiritualmente desde que comecei a atuar com a arte?

Essa baixa emocional se acentuou em 2016, quando a presidenta Dilma Rousseff

sofreu um golpe, que resultou em seu impeachment, e a maré cheia de trabalhos, oportunidades de desenvolvimento educacional e de consumo passou. As contas e a alimentação ficaram cada vez mais caras, os convites para trabalhos remunerados cada vez mais distantes. Com poucas oportunidades e menos dinheiro disponível, me bateu um certo desespero.

Eu imaginava que como éramos sobreviventes dos anos sangrentos das décadas de 1980 e 1990 seria tranquilo passar por outra crise, mas isso não se confirmou. A estiagem prometia ser intensa dali para a frente. Então, como era possível continuar trabalhando, estudando e escrevendo com tranquilidade se o peito teimava em ficar com uma dor constante de ansiedade?

Decidi refazer meu currículo de atendente de teleatendimento e ajudante geral, que não utilizava há quase dez anos, para uma possível saída de emergência, mesmo com a perspectiva de trabalho precário e salário miserável.

Era como um pesadelo rejuvenescido, que me remeteu há vinte anos, quando meu sonho era ser jogador de futebol, como quase ninguém foi, que depois me fez pensar em ingressar no crime, como muitos foram, ou ser entregador de pizza, como quase todos são, ou atingir o ápice com o kit crachá-mesa-cadeira. Repetindo a todo instante: “Bom dia senhor, com quem eu falo?”.

Durante esse período consegui um emprego em uma escola particular de ensino fundamental. Mesmo não tendo completado a graduação em pedagogia que eu estava cursando naquele momento, fui contratado na vaga de professor/educador.

Nessa experiência, por duas vezes entre uma aula e outra, eu tive que ir até a sala da psicóloga da escola, ora pra responder se eu era do Partido dos Trabalhadores (PT), porque segundo a psicóloga, um estudante teria afirmado que eu era desse partido, ora para responder a mesma pergunta por conta de um óculos com armação vermelha que eu usava na época.

Ao lado dessas situações, a direção da escola me relatou o questionamento constante dos demais profissionais da escola sobre a falta do meu diploma e de um suposto favorecimento que eu tive no processo de seleção, por conta da coordenadora pedagógica ser uma mulher negra que tinha conhecimento do meu trabalho como artista-educador. Esses absurdos deixaram-me com um sentimento de arrependimento em ter aceitado esse trabalho.

O limite do meu cansaço emocional e físico, neste trabalho, foi quando ao tentar conter uma situação de indisciplina de um estudante, acabei segurando o braço dele, sem nem perceber o que eu havia feito. Este episódio evidenciou um limite, um alerta para mudar de rota.

A partir daí busquei um estilo de vida que pudesse associar meu trabalho e minha atuação nos movimentos culturais com estudos e hábitos mais saudáveis, a partir de terapias e práticas que pudessem me auxiliar a manter a saúde física e mental estável. Aproximei-me de narrativas e ações que estavam refletindo sobre esses temas, pois esse era um discurso menos presente entre os coletivos.

Até aquele momento, as produções da Cia Capulanas, principalmente com o espetáculo *Sangoma* (2013), que encenava temas relacionados à saúde da mulher negra e seus laços ancestrais; algumas dicas que o poeta Binho falava nos saraus; e as hortas de algumas escolas públicas e espaços comunitários que eu visitava para palestrar eram as únicas referências.

Outras práticas que passaram a me chamar a atenção foram a divulgação da prática de alimentação vegana de artistas do Rap nacional como Rincón Sapiência e o DJ Kl Jay. Nos Estados Unidos os artistas do Rap também estavam com questões parecidas. Como é demonstrado no documentário *Feel Rich: Health Is the New Wealth* (2017) (*Sinta-se rico: a saúde é a nova riqueza*), produzido por QDIII (Quincy Jones III).

Neste filme, artistas consagrados como Quincy Jones, Fat Joe, Common, conversam sobre a importância de uma vida mais saudável, e sugerem trocar o discurso de ostentação e consumo por vídeos de caminhadas, meditação e fotos de pratos vegetarianos nas redes sociais, porém sem propagar o discurso de “quem é magro está saudável e quem é gordo, está doente” ou reforçar a pressão social pelo consumo de uma “vida saudável” presente na sociedade contemporânea.

O ponto central que motiva as discussões do filme são as mortes precoces por problemas de saúde de alguns artistas do Hip Hop como Big Pun, que morreu de insuficiência respiratória aos 28 anos em 2000, Guru que faleceu aos 48 anos por complicações de um câncer, e J Dilla que morreu aos 32 anos de ataque cardíaco.

Além disso, o documentário questiona a referência do hip-hop nas comunidades, “onde muitas crianças crescem sem uma figura paterna presente, muitos Rappers acabam assumindo esse papel de exemplo e de referência masculina e sendo assim, porque não usar essas referências como exemplos de melhores hábitos de vida?” (*Feel Rich*, 2017, s/p).

Esse filme é uma fonte importante de análise, pois faz um paralelo entre hip-hop e comunidade, presente nos Estados Unidos, mas que é uma base estrutural do Hip Hop no Brasil. Alguns dados apresentados em “*Feel Rich*”, sobre as populações negras e latinas terem maior incidência de doenças cardíacas, diabetes e pressão arterial, se aproximam de situações encontradas nas periferias de São Paulo.

Em entrevista sobre a saúde da população negra, o professor da Faculdade de Ciências Médicas em Campinas - SP, Wilson Nadruz Júnior, afirma: “Nós sabemos, a partir de vários estudos publicados, que aqui no Brasil os negros têm mais prevalência de pressão alta, têm mais dificuldade para controlar a pressão, têm mais incidências de AVC”⁵⁸. No caso da pressão arterial, Pires (2007) destaca a importância de considerar os fatores sociais no desenvolvimento dessa doença.

[...] era inegável que o controle da pressão arterial não se limitava apenas a abordagem do corpo doente, sendo necessário considerar a experiência de vida e a subjetividade da pessoa como aspectos imprescindíveis ao processo de adoecer e cuidar de si. Entendi que o controle da pressão arterial envolve questões sociais culturais, percepções e experiências individuais acerca do fenômeno (PIRES, 2007, p.15).

Por tudo isso, diante de um histórico de assassinatos, violências, mortes precoces, depressão, pensamentos suicidas, da relação entre o consumo de alimentos ultraprocessados com o adoecimento, além da relação direta entre os índices de morbimortalidade⁵⁹ e as condições precárias de saúde com as desigualdades étnico-raciais e o racismo institucional (BATISTA; BARROS, 2017), alguns grupos e artistas das periferias, passaram a pensar em saúde, autocuidado, bem viver e no cuidado de si como referência para seus trabalhos.

Os conhecimentos tradicionais de sabedoria popular como a medicina das plantas, a difusão e consumo de alimentos e cosméticos naturais, a busca por estudos e práticas de autoconhecimento, as terapias holísticas e a articulação desses temas com a arte e o ativismo passaram a fazer parte do repertório de alguns artistas, produtores culturais e ativistas da periferia, a partir da primeira década do século XXI.

Diversas iniciativas das periferias de São Paulo estabeleceram esse tipo de tipo de articulação nesses últimos anos, alguns exemplos são:

i) *Agência Solano Trindade*⁶⁰, criada em 2011 na Zona Sul, tendo como principais articuladores Rafael Mesquita e Thiago Vinícius (BERGAMIN, 2015), que por meio dos projetos *Cozinha Criativa* e *Armazém Organicamente*, atua para transformar a realidade dos

⁵⁸

Disponível

em

<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/negros-com-hipertensao-tem-mais-dificuldade-em-tratar-a-doenca-do-que-brancos-aponta-unicamp.ghtml> Acesso em 05/09/22.

⁵⁹ Consiste na relação entre a morbidade e a mortalidade, sendo que a primeira é referente ao número de indivíduos portadores de determinada doença em relação ao total da população analisada. Já a mortalidade é a estatística sobre as pessoas mortas num grupo específico, ou seja, a morbimortalidade se refere ao índice de pessoas mortas em decorrência de uma doença específica dentro de determinado grupo populacional. Disponível em:

<https://www.gov.br/pt-br/servicos-estaduais/divulgacao-do-perfil-de-morbimortalidade-da-unidade-hospitalar-1#:~:text=O%20que%20%C3%A9%3F.de%20doen%C3%A7a%20em%20uma%20popula%C3%A7%C3%A3o.>

Acesso em 16/01/2023.

⁶⁰ <https://www.facebook.com/agsolanotrindade>

chamados “desertos alimentares” – territórios urbanos com baixa oferta de frutas, hortaliças ou outros alimentos saudáveis;

ii) *Bioafetiva*⁶¹, marca criada em 2017, pela poeta, terapeuta e psicanalista Jesuana Sampaio, cearense que também vive na Zona Sul e produz cosméticos naturais e perfumes botânicos como alternativa ao uso de cosméticos convencionais;

iii) *Curso de Design Permacultural*⁶² (2018), realizado gratuitamente pelos grupos Sambaqui, Comunidade Cultural Quilombaque e Espaço Cultural Damasceno, para lideranças e moradores da Zona Norte, atividade baseada na ciência da permacultura, pautada por três princípios éticos: cuidar da terra, cuidar das pessoas e partilha justa de excedentes.

No meu caso, sinto que essa aproximação com o autocuidado, seja nos hábitos cotidianos, seja no meu fazer artístico, aconteceu de forma mais intensa a partir de 2015, quando passei a me orientar nas práticas de terreiro sob os cuidados da zeladora de santo⁶³, Tia⁶⁴ Valda, na casa de umbanda Ogum Vence Demanda, de Pirituba, a mesma onde meu amigo me levou para tratar os rins, anos atrás.

Neste período passei a fazer parte da corrente de médiuns desta casa, e essa vivência me levou a uma série de estudos e práticas que me reaproximaram do contato com as ervas, e plantas medicinais, e com as cosmologias e práticas comunitárias que ampliaram meu campo de conhecimentos para além da *monocultura da ciência moderna* (SANTOS, 2007). Além disso, essa prática me reaproximou das tradições umbandistas que minha família praticava até a chegada massificante das igrejas neopentecostais nas periferias.

Em 2017, durante o período de férias da escola que eu trabalhava, fiz uma vivência no Instituto Aldeia da Luz⁶⁵, organizada pela poeta e pesquisadora Fanka Santos e pela nutricionista Rejane Ferreira, na cidade do Crato-CE. Por lá aprendi algumas técnicas da Alimentação Viva, que consiste em uma alimentação vegana e crua (*in natura*) que utiliza frutas, ervas, hortaliças, legumes, sementes germinadas, hidratadas e em forma de broto como base.

⁶¹ <https://www.facebook.com/bioafetiva>

⁶² <https://www.ecycle.com.br/zona-norte-de-sp-recebe-curso-de-design-permacultural-gratuito/>

⁶³ Nome dado a algumas sacerdotas da Umbanda, também conhecidas como “mães de santo”.

⁶⁴ Muitas sacerdotas de terreiro eram chamadas de tias em seus terreiros. A mais conhecida no Brasil é a Tia Ciata, que ficou conhecida por ceder o espaço no fundo do seu terreiro de candomblé para a prática do samba que era proibida no Brasil no Século XIX.

⁶⁵ A Aldeia da Luz nasceu como um espaço físico de vivências integrativas em permacultura, arte, saúde e espiritualidade, a partir de sua bioconstrução em superadobe, em 2010, na cidade de Barbalha-CE. Atualmente se constitui como um Instituto sem fins lucrativos (herdando o cnpj da confraria das artes desde 2002) com projetos, pesquisa e programas em educação ambiental, veganismo e abolição animal, constituindo-se com ações bioempreendedoras a fim de movimentar o desenvolvimento sustentável do território. Disponível em <https://www.facebook.com/aldeiada.luz.3>. Acesso em 31/12/22.

Quando voltei de viagem, a escola anunciou que estava encerrando suas atividades e por isso todos os funcionários, incluindo eu, teriam seus contratos rescindidos no final do ano letivo, o que de fato aconteceu.

Ao encerrar o vínculo com a escola, fiz um curso de *Chef Educador em Alimentação Viva*, com Juliana Malhades, ligada ao Terrapia/Projeto Biochip- Puc/RJ, ampliando os estudos e as práticas desse método, e posteriormente realizando oficinas e cursos de Alimentação Viva em centros culturais, saraus, escolas e na casa das famílias nas periferias, juntamente com a produtora Amanda Prado.

Aos poucos também fui retomando meu trabalho como escritor, fazendo palestras, oficinas, formações, publicando livros, além das atividades do sarau que continuaram no bar do Santista. Nesse período, durante as noites de poesia eu passei a levar uma garrafa de água aromatizada com ervas, como alternativa de bebida para as pessoas que estavam no bar.

FIGURA 24 - OFICINA DE SUCO VERDE NA EMEF JOÃO DOMINGUES SAMPAIO (2018)



Fonte: Facebook Michel Yakini-Iman⁶⁶

Essa busca por um equilíbrio saudável, por meio dos conhecimentos de terreiros, das hortas, dos vegetais, dos cosméticos naturais e da permacultura, além do anúncio e resistência das populações negras e periféricas, são alternativas que visam restaurar a sabedoria tradicional das populações que compõem o “sul”, as marginalidades, “o lado de cá das linhas abissais”, em diálogo com saberes considerados científicos para confrontar a monocultura da ciência moderna e combater e superar os efeitos destrutivos do fascismo social (SANTOS, 2007) e da necropolítica (MBEMBE, 2016) que estamos submetidos

⁶⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2100946356828236&set=a.2100944990161706>. Acesso em 12/10/22.

pelas estruturas hegemônicas.

São formas de interconhecimento que Boaventura Sousa Santos (2007) denomina como ecologia de saberes.

A ecologia de saberes é, basicamente, uma contra-epistemologia. O impulso básico que a faz emergir resulta de dois factores. O primeiro é o novo surgimento político de povos e visões do mundo do outro lado da linha como parceiros da resistência ao capitalismo global, isto é, a globalização contra-hegemônica. Em termos geopolíticos, trata-se de sociedades periféricas do sistema mundial moderno onde a crença na ciência moderna é mais tênue, onde é mais visível a vinculação da ciência moderna aos designios da dominação colonial e imperial, e onde outros conhecimentos não científicos e não-ocidentais prevalecem nas práticas quotidianas das populações. O segundo factor é uma proliferação sem precedentes de alternativas que, contudo, não podem ser agrupadas sob a alçada de uma única alternativa global. A globalização contra-hegemônica destaca-se pela ausência de uma tal alternativa no singular. A ecologia de saberes procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo. (SANTOS, 2007, p. 86-87).

Porém, para aprofundar esse raciocínio e destacar algumas possibilidades desse pensamento pluralista e propositivo nas periferias de São Paulo, apresento três obras/ações que tenho relações próximas e de parceria: Cia Capulanas (teatro), União Akasha (terapia e multiarte), Escritor Sacolinha (literatura) - e que estão criando e propondo alternativas contra-hegemônicas para discutir saúde, autoconhecimento e o cuidado de si.

4.3 Sangoma e o Espaço potencial de vida: Capulanas Cia de Arte Negra

*Ê Casa Sã, recebe nói
Acalmar a dor
Desata os nós
Ouve o calor
De nossa voz
Goma Sã, Goma Sã
Goma Sangoma.*

(Música de Naruna Costa - Sangoma, 2013).

FIGURA 25 - CAPULANAS ENCENANDO O ESPETÁCULO SANGOMA - SAÚDE ÀS MULHERES NEGRAS



Fonte: Blog Verbena. Disponível em:
<http://verbenacomunicacao.blogspot.com/2015/11/sesc-campo-limpo-apresenta-programacao.html> . Acesso em 12/10/2022.

Capulanas Cia de Arte Negra⁶⁷ é um grupo teatral da zona Sul de São Paulo que se denomina como “artistas negras periféricas que fomentam e buscam transmitir em seus trabalhos toda a grandeza da herança cultural dos povos africanos na diáspora” (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014).

Conheci a companhia em 2007, quando fui a um curso de elaboração de projetos culturais e entre as participantes estavam as artistas Priscila Obaci, Débora Marçal, Flávia Rosa e Adriana Paixão, idealizadoras das Capulanas (como são conhecidas), que se conheceram durante o curso de Comunicação das Artes do Corpo, na PUC/SP.

Em entrevista para a revista O Menelick 2º ato (2010) a integrante Adriana Paixão relata que a formação do grupo na faculdade se deu por conta da união entre os poucos alunos negros da universidade, que criou uma articulação política comum nesta instituição. A atriz Priscila Obaci, nesta mesma entrevista, explicou a inspiração para escolha do nome do grupo:

Vimos o desenho na capa do livro Punga, e tinha uma questão muito forte de uma mulher com uma arma na mão e um filho nas costas. Essa questão da maternidade e da independência. Como ser mãe e ao mesmo tempo ser independente? Observamos que as Capulanas têm um significado muito importante na vida das mulheres. Uma mulher na sua fase anciã, por exemplo, tem um baú de capulanas e a história da família é contada por meio destes tecidos⁶⁸.

Quando nos conhecemos, elas estavam preparando um projeto para concorrer ao edital do Programa VAI, que teve como processo de criação a dramaturgia *Solano Trindade e Suas Negras Poesias*, baseada na obra do poeta e multiartista Solano Trindade (1908-1973). Em 2010, esse espetáculo circulou em diversos quintais das periferias de São Paulo, com o projeto “Pé no Quintal”.

As questões ligadas à memória coletiva de uma cultura periférica demonstram que os equipamentos culturais legítimos e naturais dessa população são seus espaços-quintais-terreiros. Dentro dessa perspectiva, decidimos que as apresentações, a partir de 2010, se dariam através da itinerância do espetáculo “Solano Trindade e Suas Negras Poesias”, em espaços-quintais-terreiros da cidade de São Paulo.

[...] Desse modo, “Pé no quintal” veio em forma singela de desmistificar o nosso “pé na cozinha” e colocá-lo onde toda nossa cultura foi desenvolvida, nos terreiros de saberes, espaço comum a todos, lugares de sambas e versos, cantos e

⁶⁷ Capulanas é um pano usado pelas mulheres africanas ao redor do corpo, como uma saia, ou para cobrir o tronco ou a cabeça, a origem é do povo tsonga (Moçambique), mas seu uso está presente em todo continente africano (O MENELICK 2º ATO, 2010).

⁶⁸ Disponível em:
<http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/teatro/a-arte-hibrida-das-capulanas-cia-de-arte-negra> . Acesso em 31/12/2022.

passos e das grandes rodas de jongo que cantavam nossa liberdade. A elitização da arte nos arrancou essa espontaneidade, colocando-a em espaços para poucos: voltemos à ancestralidade e estejamos onde quem quiser possa nos ver (CAPULANAS, 2011, p.14).

Desde então, o Sarau Elo da Corrente e as Capulanas tornaram-se grupos parceiros, e durante muitos anos era comum receber a presença das integrantes das Capulanas nos saraus em Pirituba, assim como encontrá-las no Sarau da Brasa, da Cooperifa e em outras atividades pelas periferias da cidade. O espetáculo **Solano Trindade e Suas Negras Poesias** foi apresentado no quintal do Sarau Elo da Corrente, que fica ao lado do bar do Santista, onde criamos um espaço que por vários anos funcionou como sede do nosso grupo.

As Capulanas fazem parte de uma cena paulista contemporânea de teatro, dramaturgia negra e racismo antinegro que promove através dos grupos: Os Crespos, Coletivo Negro, Cia Capulanas, Cia dos Inventivos e Cia Quizumba, o enegrecimento da cultura urbana paulista (SALOMÃO; CARLOS, 2018), simbolizando a continuidade histórica do Teatro Negro Brasileiro, que tem raízes plantadas desde o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado na década de 1940 (NARANJO, 2011).

Nesse contexto, entende-se por Teatro Negro um conjunto de produções culturais que usam a linguagem da escrita e oralidade, dramática e teatral, combinando corporeidade, gestualidade, visualidade, musicalidade e representação para compor quadros ficcionais da vida social, enredados com personagens predominantemente negros - cujos traços étnicos e culturais podem ser remetidos às Áfricas tanto ancestral, quanto histórica - e ou os africanos e seus descendentes na Américas. (PAIXÃO, 2018, p. 58).

O espetáculo seguinte, realizado pelas Capulanas, foi *Sangoma - Saúde às Mulheres Negras* (2013), financiado pela Lei de Fomento ao Teatro da Cidade de São Paulo, e encenado na própria sede do grupo, batizada de *Goma*⁶⁹ *Capulanas*, no Jd. São Luís. A temporada de estreia teve os ingressos esgotados, recebeu destaque nas mídias e um registro audiovisual. Segundo as palavras do diretor Kleber Lourenço:

Fazemos um teatro de ‘preto(a) pra preto(a)’. Sim, partimos desse lugar, pois queremos afirmar os “nossos” e a nossa história. Mas não somente. O discurso psicológico preferido em nossas obras, no qual os “nossos” facilmente se identificam, não se trata de uma questão meramente terapêutica, como alguns podem considerar. Faz parte de um contexto de escolhas, em que a oralidade tem função fundamental nessa comunicação identitária que quer reconstruir a história. E neste caso trata-se de construir uma poética cênica que parte do sujeito que fala na primeira pessoa (LOURENÇO, 2014, p.51).

⁶⁹ “Nome em referência à gíria periférica paulista para a palavra ‘casa’ (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014, p.14)

FIGURA 26- CAPULANAS NO QUINTAL DO ELO DA CORRENTE (2010)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente⁷⁰

A dramaturgia de *Sangoma* foi escrita por Cidinha da Silva e pelas Capulanas, com direção musical de Naruna Costa. O processo de criação do espetáculo (pesquisas, formações e oficinas, denominadas ONNIM) resultou no livro **Mulheres Líquido - Os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra** (2014), organizado por Carmen Faustino em parceria com as Capulanas. Nesta obra, o grupo explica como surgiram as primeiras reflexões sobre a necessidade de falar sobre a saúde, mais especificamente da saúde das mulheres negras.

Com o Prof. Dr. Marcos Ferreira, tivemos o primeiro contato com os estudos sobre o espírito Sangoma, o que nos despertou o interesse em nos aprofundar sobre a temática da saúde. Sangomas, nas tribos Zulus da África do Sul, são as pessoas escolhidas espiritualmente pelos ancestrais para dar continuidade aos trabalhos de cura e bem-estar em sua comunidade. São consideradas guardiãs espirituais, uma vez que a saúde e o espírito estão diretamente ligados e precisam estar em equilíbrio. No Brasil, temos as famosas benzedeiros e curandeiras, presentes em muitas comunidades periféricas das cidades brasileiras. Normalmente são mulheres e com imensa sabedoria e respeito e desenvolvem papel das Sangomas africanas, que é o de cuidar e proteger as pessoas do bairro (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014, p.17).

Esse espetáculo, que tive a oportunidade de assistir ao vivo por duas vezes, foi realizado após as Capulanas retornarem de um intercâmbio cultural em Moçambique, no

⁷⁰ Disponível em: <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/10/no-dia-da-mulecada-gente-foi-presentead.html> . Acesso em 10/12/2022

continente africano. Segundo relatos do próprio grupo, tanto o projeto “Pé no quintal”, quanto este intercâmbio, direcionou a escolha do tema central, proporcionando pesquisas sobre a relação desse mote com a dor, a longevidade e as práticas disponíveis para tratar da saúde, a partir das dimensões de cuidado, cura, prazer e Bem Viver e dos cinco líquidos sagrados do corpo: saliva, suor, lágrima, sangue e sêmen, sendo que este último foi subvertido durante o processo, excluindo sêmen e acrescentando o gozo (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014).

Seguimos nas discussões e pesquisas, desejando encontrar caminhos alternativos para a cura e o bem-estar, indo para além de um tratamento médico convencional, uma vez que nosso sistema de saúde não nos contempla enquanto etnia/raça e ainda reforça e naturaliza discriminações raciais (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014, p.20).

Para a atriz Flávia Rosa (2018) em Sangoma, as Capulanas buscaram aprofundar a reflexão sobre os motivos que levam ao adoecimento das mulheres negras.

Um deles é o atendimento realizado pelo SUS (Sistema Único de Saúde), que trata as mulheres negras com descaso. Importante lembrar que a maioria das mulheres negras, por questões socioeconômicas óbvias, só resta recorrer ao sistema público de saúde. Outro grave fator que provoca o adoecimento é o abandono institucional do governo desde a infância, o racismo estrutural de nossa cultura higienista de supremacia branca, que nos coloca como base estrutural da pirâmide social, obrigadas a carregar tudo e todos (ROSA, 2018, p.68).

Essa discussão, sobre como o sistema de saúde ignora, e por isso discrimina as subjetividades e especificidades do paciente, é um debate presente entre algumas professoras/es das ciências médicas que estão produzindo trabalhos a partir da autoetnografia performática, como é o caso de Brilhante e Moreira (2016), que questionam o tecnicismo predominante na medicina.

Como formar médicos mais ‘humanos’ partindo de uma ciência que se propõe neutra? Que ignora, exatamente, a imprevisibilidade do humano? Como valorizar o holístico partindo de uma ciência médica que nega a subjetividade?

Quem define ‘humano’?

A subjetividade vista como

Viés, bias, erro.

No entanto, o que acontece quando eu - médica, pesquisadora, mãe e mulher - sou o erro?

A objetividade como referência de rigor metodológico sublima o subjetivo.

A técnica, é fato, não admite erros. A técnica não é subjetiva. A técnica faz parte da medicina. Roteiros funcionam bem como forma inicial de fixação de procedimentos. Isso é inquestionável.

Mas seriam os médicos

MERAMENTE

Técnicos?

Um médico é - ou deveria ser- bem mais que um técnico.

Críticos, feministas, pós-estruturalistas, representantes de estudos da performance e da teoria queer nos mostram que a própria ciência não é meramente técnica. Esses pesquisadores trouxeram à tona limitações ontológicas, epistemológicas e axiológicas das investigações tradicionais, permitindo questionamentos que os levaram, posteriormente, a repensar os objetivos e as formas

de investigação e a perceber os ‘achados’ e ‘fatos’ científicos como intrinsecamente ligados ao paradigma utilizado para representá-los.

Afinal, algum paradigma poderia se arvorar como representante único da ciência?

Posso encaixotar a ciência, em fôrmas padronizadas?

Devo formar médicos.

Devo enformar médicos?

(BRILHANTE; MOREIRA, 2016, p. 1101).

Vale ressaltar que desde a década de 1990 o movimento negro vem pautando a relação entre racismo e saúde e demandando a inclusão do quesito cor/raça nos sistemas de informação de saúde pública, que culminou em 2006 na aprovação da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN).

O PNSIPN tem como objetivo a promoção da saúde integral da população negra, reduzindo as desigualdades étnico-raciais, o racismo e discriminação nos serviços do SUS, porém os dados mostram que menos de 1% dos municípios existentes no país implementaram essa política, principalmente por conta dos ideais conservadores que pautaram a política nacional nos últimos anos (BATISTA; BARROS, 2017).

Há um desconhecimento da população e dos profissionais de saúde de como o racismo impacta a vida, o acesso aos serviços e a qualidade da atenção. Os poucos gestores/gerentes que conhecem e assumem o compromisso em implementar a PNSIPN não sabem como fazê-lo, mas compreendem o impacto, a diferença que se pode fazer no perfil de morbimortalidade da população negra o combate ao racismo e à discriminação nas instituições e serviços de saúde. Ainda há um longo caminho a percorrer, mas a descontinuidade ou interrupção da PNSIPN significará que os diferenciais de mortalidade e morbidade relacionados à raça/cor, já existentes, se agravarão (BATISTA; BARROS, 2017, p.4).

No caso das Capulanas, o processo criativo de *Sangoma*, contou com a formação e de um texto publicado no livro *Mulheres Líquido*, da Dra. Regina Nogueira, conhecida como Kota Mulangi⁷¹, médica que atua na segurança alimentar dos povos tradicionais de matriz africana. Mulangi apresentou ao grupo o conceito "Espaço potencial de vida", elaborado a partir da teoria “Espaço potencial” do psicanalista infantil Donald Winnicott.

Nesta proposta o acolhimento das pessoas considera seus aspectos subjetivos, e a partir desse contato as Capulanas se aproximaram dos tratamentos alternativos, com ervas e

⁷¹ “Mulangi, uma palavra da língua kimbundu, que é falada até hoje, principalmente no norte da Angola, que quer dizer combatente e Kota quer dizer mãe, mas uma mãe com uma responsabilidade social e política junto ao sagrado, aquela que cuida da divindade, que cuida da sua unidade territorial, em conjunto, porque somos várias Kotas, que é o cargo feminino, junto com os Katas, que são os cargos masculinos, e outros cargos que constituem a organização social e política do povo bantu.” - Trecho de entrevista concedida ao Jornal Brasil de Fato. Disponível em <https://www.brasildefatores.com.br/2021/03/01/ter-soberania-e-ter-terra-territorio-e-territorialidade-e-manter-a-no-ssa-tradicao> . Acesso em setembro de 2022

plantas, medicina ancestral muito difundida nas periferias pelas/os sacerdotas de matrizes africanas e dos povos originários (FAUSTINO; CAPULANAS, 2014).

Segundo Kota Mulangi (2014), o *Espaço potencial de vida* são as escolas de samba, os terreiros, a capoeira, o clubes negros, a *Goma Capulanas*, ou seja, são os espaços culturais da luta antirracista, “espaços que recriam um ambiente maternante que contribuem para metabolizar os conflitos entre o desejo e o real” (MULANJI, 2014, p. 27).

Neste tópico, mais uma vez, o conceito de saúde como estado de equilíbrio entre o biológico, o social, cultural e o ancestral torna os espaços potenciais de vida como potencializadores do equilíbrio, em que, mesmo se as pessoas já estiverem adoecidas, conseguem ter saúde (MULANJI, 2014, p.26).

Em paralelo, os encontros promovidos pelos coletivos e artistas do movimento cultural das periferias, como os saraus, slams, espetáculos de teatro, as rodas de samba de comunidade, as batalhas de rima, as rodas de break dance, os bailes, mostras, feiras, shows, bibliotecas comunitárias e as sedes de grupo que privilegiam as expressões criativas dos seus próprios territórios, tem as características de um *Espaço potencial de vida*.

[...] nesse sentido, o espaço potencial pode ser considerado sagrado na medida em que nele se oficia a experiência da vida criativa, aprimorando-se, então, ali, o uso de símbolos que valem tanto para os fenômenos do mundo exterior quanto para os da vida interior (MULANJI, 2014, p. 27).

Como disse Ana Kotaban, ao analisar o espetáculo *Sangoma*, cada espaço de arte na periferia “é belo do ponto de vista estético; importante do ponto de vista político; terapêutico do ponto de vista afetivo” (KOTEBAN, 2014, p.73), ou seja, são espaços com múltiplos significados e sentidos para quem frequenta. Por isso, considero o espetáculo *Sangoma - Saúde às Mulheres Negras* de Capulanas como um marco em termos de obra artística com foco na saúde e no autocuidado nas periferias.

Ao olhar a trajetória das Capulanas, é possível perceber que desde o projeto “Pé no Quintal”, elas demonstravam que o cuidado com o outro (invertendo a lógica do teatro convencional e indo até os quintais do seu público potencial), a saúde, o autocuidado e as relações raciais, já estavam presente nas primeiras pesquisas e encenações feitas pelo grupo. Muitas dessas criações também foram alimentadas com memórias de infância das integrantes. Para a atriz Débora Marçal, as memórias relacionadas aos cuidados oferecidos pela sua mãe foram marcantes no processo.

Quando adoeci de tuberculose, vi minha mãe cuidando de mim como mãe. Seu zelo tinha gosto de sopa rala de fubá e uns matinhos, tudo isso sem xingos. Talvez tenha sido a primeira vez que eu senti seu amor verdadeiramente, porque no mais das vezes se manifestava com agressões. Quando nervosa qualquer coisa que encontrasse à sua frente ela atirava, mas aí de quem mexesse comigo, ela

literalmente rodava a baiana, e rodava mesmo, sem o menor constrangimento (MARÇAL, 2011, p. 19).

O texto encenado por Débora Marçal, no espetáculo **Solano Trindade e Suas Negras Poesias**, é baseado em um acontecimento de infância vivido pela atriz que reforça essa relação de cuidado entre mãe e filha em uma situação de adoecimento, relacionado ao racismo, onde uma criança busca embranquecer a pele negra tomando banho com água sanitária. O texto que compõe o espetáculo é *Banho de Cândida*.

Banho de Cândida dói, machuca.
 A gente esfrega, esfrega, mas não sai
 Faz machucado... A mãe leva pro hospital.
 Se a gente nasce com essa cor assim, vai ficar assim... pra sempre
 Machuca, mas a gente aprende.,.
 Sabão em pó, não deixa o olho azul! Dói!
 Machuca, mas passa...
 E quando passa a gente fica forte...
 Ganha boneca preta, doce, pirulito...
 A gente aprende que é lindo demais ter essa cor assim...
 Ganha boneca preta...
 E aprende a ser bonita! (MARÇAL, 2011, p. 23)

No livro **(Em) Goma: Dos pés a cabeça do quintal que sou** (2011), produzido a partir do projeto “Pé no Quintal”, há um relato da atriz Priscila Obaci descrevendo uma apresentação do grupo em uma laje na Zona Leste de São Paulo, onde uma mulher negra, chamada Ana Paula, que estava alcoolizada, ao assistir a cena baseada na infância de Débora Marçal, disse: “Levanta daí Ana Paula, para de chorar” e logo depois, quando a atriz se levanta com o vestido colorido que resalta sua pele preta, exclama: “Olha a Ana Paula, ficou bonita” (CAPULANAS, 2011, p. 91). No relato da socióloga e dançarina Ana de Souza, do Ballet Afro Koteban, ela resalta que esse trabalho de Capulanas “tem um valor pedagógico inestimável, é a maneira respeitosa com que elas apresentam uma figura que representa uma dimensão humana” (SOUZA, 2011, p.115).

Nesta mesma obra, Obaci (que na época utilizava o nome Priscila Preta), explica que desde a pré-escola era conhecida como Priscila Preta, porque haviam várias “Priscilas” na escola particular, mas “este era o adjetivo que restava àquela com quem ninguém brincava” (PRETA, 2011, p. 33). Porém, a casa de sua avó era um lugar de acolhimento e de memórias restauradoras ligadas ao benzimento e às ervas medicinais.

Ia da escola para casa da minha avó paterna. Vovó Maria Benzedeira. Era costureira e cuidava de crianças de mães trabalhadoras. A casa sempre tava cheia. Eu ficava ali, naquele quintal com outras crianças, muitas plantas e uma roseira branca, onde ela enterrou nossos umbigos (dos meus primos, das minhas tias, do meu pai e o meu). Lá, era onde encontrava meu abraço.

Amo cheiro de arruda. O aroma da arruda ficou em mim. O ramo da planta com o qual ela benzia as pessoas. Quase todo dia pedia para ela me benzer também. Ficava ali no

seu afago, segura e protegida. Uma vez ela que tava com dor de cabeça e eu a benzi. A dor passou. Na minha memória vem sempre aquela casa da roseira branca. Na primeira sexta-feira de lua minguante ela fazia uma simpatia para quem tinha bronquite e o chá era tão gostoso. Eu dava pra criança e tomava um , ficava assim o dia todo (PRETA, 2011, p. 34).

Para Salloma Salomão Jovino da Silva (2011), há uma premissa que nas culturas de matriz africanas os corpos se relacionam com simbologias, signos e usos que conflituam a visão hegemônica europeizante, mas o pesquisador questiona até que ponto isso significa uma herança cultural. Para o autor, essas vivências, conhecimentos e experiências, relacionadas a arte, saúde, doença, identidade e religiosidade podem ser pistas desse caminho. Adriana Paixão descreve que a relação entre ancestralidade e superação das dores, adoecimentos e silêncios são fundamentais na estética negra proposta pelas Capulanas.

A localização das situações em que houve efetiva quebra dos processos sociais de dominação e adoecimento encontra respostas na ancestralidade. A emergência de uma leitura sobre a origem africana atemporal e mítica, contraposta às memórias de luta e resistência, por algum momento pareceu ser capaz de nos ajudar a refazer nossos caminhos de liberdade, autonomia e protagonismo. Trilhas de emancipação e superação de dor, antes transformadas apenas em silêncio (PAIXÃO, 2018, p.59)

É possível considerar que as Capulanas produziram uma tríade teatral criada nessa base, porque depois do projeto “Pé no Quintal” e do espetáculo **Sangoma**, a saúde e o prazer foram tematizadas no espetáculo seguinte: **Ialodês: Um manifesto da cura ao gozo** (2018). Para a atriz Flávia Rosa (2018) a jornada de **Ialodês** representa um envolvimento profundo com o autocuidado, pois as integrantes das Capulanas acreditam que o autoconhecimento permite a construção do empoderamento das mulheres negras. Flávia facilitou uma oficina na preparação para **Ialodês**, onde ela conduziu com práticas e elementos que refletiam a forma e tipo de autocuidado promovido pelo grupo.

Conduzi a oficina com exercícios de várias vertentes de pesquisas corporais: teatro, dança, meditação, yoga, pilates, tantra, dança do ventre, canto e outras. Levei vídeos, textos, nos quais estivessem em evidência diversidades e singularidades de corpos. Abordei os temas do prazer, erótico, sensual, sexual, vulva, menstruação, sexo, gozo, orgasmo, ejaculação, tendo sempre como foco a discussão do que habita nossos imaginários. No último dia de encontro fizemos um banquete. Acreditamos na sacralização de nossos corpos deusas; e o alimento é parte fundamental para cura e cultivo de amor próprio e comunhão. O alimento do corpo e da alma simbolizados em banquete das Deusas (ROSA, 2018, p. 74).

Para Flávia Rosa (2018) o caminho para busca de autonomia corporal, autocuidado e prazer desenvolvido em **Ialodês**, partiu de uma autoafirmação com a própria negritude do grupo, baseado em determinação, força e coragem presentes no projeto “Pé no Quintal”, mas depois as Capulanas entenderam que isso era apenas um recorte do que queriam expressar sobre as mulheres negras, por isso foi preciso ter um olhar para dentro, se perceberem

adoecidas e silenciadas pelo machismo, racismo, xenofobia, misoginia, o descaso no sistema público de saúde, e investigar como isso se processa no campo físico, mental, espiritual e emocional que foram base para o processo de construção de **Sangoma**.

Contudo, por mais que o foco das Capulanas seja um diálogo intenso com as mulheres negras, ao assistir os espetáculos do grupo, ler os livros produzidos por elas neste processo e encontrar as integrantes de Capulanas em saraus e outros eventos pela cidade, me movimentou um olhar mais cuidadoso sobre os temas trabalhados por elas e qualificou minha busca sobre estudos e práticas relacionadas às relações raciais, as questões de gênero e isso me auxiliou na promoção de um melhor equilíbrio na saúde física, mental, espiritual e emocional. Compreendi que, de várias formas, pelo fato de eu ser um homem negro, que tem origem familiar ligada as religiões de matriz africana, sendo praticante da Umbanda e morador da periferia de São Paulo, os textos e encenações das Capulanas também dizem algo para e sobre mim.

4.4 A sustentável leveza do ser e o cuidar de si: Escritor Sacolinha

Ultimamente venho descobrindo práticas para resguardar a alma. E tudo isso para quê? Para ser feliz todos os dias. Não quero que minha vida seja uma eterna espera pela sexta-feira. Tem gente que prefere passar a vida reclamando da sensação de domingo à noite a começar a viver de verdade. Eu optei pela mudança. Escolhi viver com qualidade. (SACOLINHA, 2019, p.22)

Ademiro Alves, nasceu em 1983, cresceu em Itaquera, na região leste de São Paulo e se mudou para o município de Suzano, em 2000, mas foi apelidado de Sacolinha na infância e resolver adotar como pseudônimo artístico a partir de 2000 (NASCIMENTO, 2006).

Sacolinha é um dos principais autores das periferias, sua atuação passa pela sua participação no movimento Hip Hop, em rádios comunitárias, no movimento negro em Suzano, e na criação do projeto Literatura no Brasil que teve uma forte atuação na cidade com ações de incentivo à leitura e a promoção de novos escritores/as. Essas atividades credenciaram Sacolinha a ser coordenador de literatura na Secretaria de Cultura de Suzano, durante a gestão do prefeito Marcelo Cândido, negro e ativista das questões raciais (NASCIMENTO, 2006), entre 2005 e 2012.

O autor escreveu vários livros, ganhou prêmios e destaque por seu trabalho, viajou por diversos lugares palestrando e realizando oficinas em feiras literárias, escolas, penitenciárias e

periferias pelo Brasil. Depois de seu primeiro livro, *Graduado em Marginalidade* (2005), Sacolinha escreveu obras de contos, romances, infanto juvenil e uma autobiografia, utilizando o universo da periferia e sua vivência como homem negro como temas principais de seus livros.

Nos últimos anos, Sacolinha tem criado alguns hábitos de preservação e revitalização ambiental, principalmente através do projeto *Literatura e Paisagismo - Revitalizando a Quebrada*. Também tem cultivado horta, feito caminhadas diárias e alimentação saudável, e isso tem pautado suas obras recentes: **Dente de Leão - a sustentável leveza do ser** (2019) e **Onde Estavam Meu Olhos - ainda sobre a leveza** (2021). Sacolinha explica que essa mudança de perspectiva em seu trabalho foi semeada muito antes, em 2006, quando começou a fazer caminhadas diárias e passou a refletir sobre sua saúde.

E nas caminhadas mesmo eu ficava pensando: Que mais eu posso fazer pra dar um salto na minha saúde? Porque eu tô caminhando e parece que eu não vou evoluir, ou só vou manter o que eu conquisei até agora, com relação ao físico, com relação à saúde. Aí eu ficava pensando em fazer academia, mas falei: Não mano, não curto muito academia. Eu gosto de ar livre, eu gosto de ver pessoas, de modificar, né mano, meu olhar e tal. Aí eu comecei a fazer natação, né cara? Gostei pra caramba. Gostei do resultado. Da questão física, da própria questão mental, mesmo né cara? Comecei a confiar mais em mim também. E a gente nunca tá satisfeito, né cara? Aí novamente veio aquele meu pensamento: Meu... e o que mais eu posso fazer, né? Aí junto com a Landy, né? Aqui em casa, aqui a gente divide bastante as tarefas, né? E eu comecei a gostar bastante de ir pro fogão. Aquela coisa de você pegar os ingredientes. Se pega sei lá... quatro ou cinco ingredientes e faz uma comidinha caseira, da hora, super saudável e gostosa, né? E aí eu comecei, né cara? Gostei, comecei a fazer umas misturas, misturar isso com aquilo... orra ficou da hora... Daqui a pouco eu ia no Google pegar umas receitas e fui curtindo e comecei a estudar, né meu? Sobre os alimentos, sobre os ingredientes. E aí eu percebi que ir para o fogão não era só uma coisa de gostar, não era só uma questão de autocuidado. Era uma política também, né cara? Você lutar contra os preços absurdos das comidas que estão por aí, né? Então você pegar os ingredientes, ser criativo e criar uma comida nutritiva, saudável e barata, né cara? Então, essa questão de ser um ato político também, por eu ser de várias causas aí, também somou.⁷²

Sacolinha conta que seu objetivo era se "aposentar" aos 35 anos, ou seja, tirar o pé do acelerador e realizar menos projetos, para ter mais tempo para se cuidar, estar com a família, descansar e cultivar o amor próprio. Ao completar 35 anos, Sacolinha decidiu comemorar sua nova fase com um novo livro.

⁷² Entrevista realizada em janeiro de 2023.

Eu tinha publicado romance, eu tinha publicado infanto-juvenil, tinha conto, tinha até uma autobiografia, mas não tinha crônica. Falei: Vou criar um livro de crônicas que vai falar desses meus 35 anos de vida, desse meu olhar agora com 35 anos, como é que eu vejo a vida, né? Então não era uma ficção, né? Eu ia escrever agora sobre meu olhar sobre a vida. Então surgiu meu primeiro livro, que você faz o prefácio, né? Que é o “Dente de leão - A sustentável leveza do ser”, que ele tem um outro olhar, um olhar mais leve sobre as coisas e que há alguns anos atrás eu via com um olhar muito mais pesado, um olhar de muito mais injúria, de injustiça, né? Enfim... Então, acredito que juntou tudo isso daí e hoje é o que eu tô vivendo, o que eu tô respirando. (Sacolinha em entrevista realizada em janeiro de 2023)

E é justamente sobre a obra **Dente de Leão**, que quero tratar com mais detalhes. Um livro que apresenta questões como masculinidade, suicídio, depressão, saúde, uso excessivo das tecnologias digitais e um subtítulo que faz um contraponto ao clássico **A insustentável leveza do ser**, de Milan Kundera. Ao total, são 15 crônicas, distribuídas em 128 páginas.

FIGURA 27 - SACOLINHA E MICHEL YAKINI-IMAN (2008)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em; <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2008/03/seminario-cadernos-negros-2-suburbano.html> . Acesso em 12/10/2022.

Conheci a obra de Sacolinha, em 2007, quando li “Graduado em Marginalidade” e alguns textos que ela havia publicado na antologia **Cadernos Negros**. Também acompanhava suas atividades e outros escritos em seu blog, que era atualizado com frequência.

Depois publicamos juntos no volume 30 dos **Cadernos Negros** (2007), mas só nos conhecemos pessoalmente em 2008, durante o Seminário Cadernos Negros 3 décadas,

organizado pelo Quilombhoje Literatura. Desde então, construímos uma amizade que resultou em diversas visitas e lançamentos de livros na cidade de Suzano e em Pirituba.

Em 2018, Sacolinha me convidou para prefaciar o seu nono livro autoral intitulado **Dente de Leão - a insustentável leveza do ser**, publicado no ano seguinte. Ele disse que pensou em meu nome por entender que as discussões e temas propostos no seu livro estavam alinhados com meu trabalho com alimentação viva, com as crônicas que eu estava publicando e pela divulgação de alguns estudos e práticas que eu vinha divulgando.

Esses temas também eram o mote das nossas conversas quando nos encontrávamos em eventos pela cidade, passagem que deixei registrado no prefácio de **Dente de Leão**:

Sempre que encontro Sacolinha em algum evento literário, nós compartilhamos a alegria de ver nossas pequenas filhotas brincando entre mesas de livro e prosas sobre o sarau, escolas e de tantas passagens de nossa amizade. Outro assunto que não falta são as dicas de alimentação, exercícios físicos, feitura de horta, de uma nova visão de mundo que o Sacola coloca em prática com muito foco e poesia.

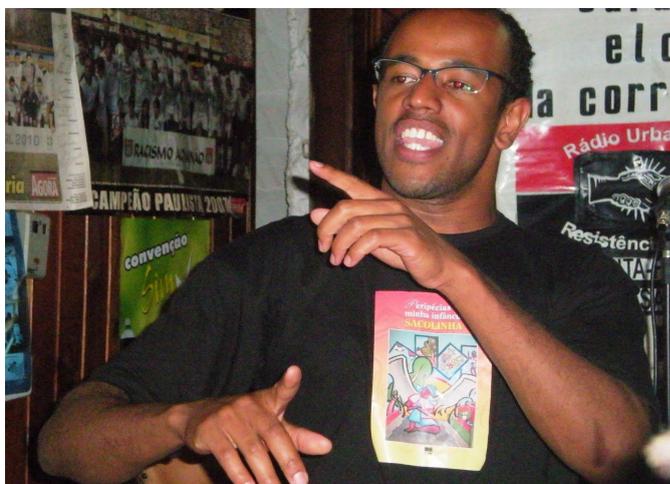
(...)

Por isso afirmo: este é um livro de intuições, que não cabem numa página ou no enredo de uma crônica, mas abrem fissuras pra novas criações. Imagine só, se nossa forma de agir e ser no mundo levasse em conta somente aquilo que é permitido a olho nu ou pelo sensorial das memórias? Não haveria espaço pra sentir ou inventar o inédito, não haveria criação, nem uma nova realidade possível (YAKINI, 2018, P.11).

No livro, Sacolinha escreve por diversas vezes que caminhar é algo que faz bem para seu corpo e para suas ideias, e que muitos textos e projetos que ele realiza surgem nas suas caminhadas matinais. Ele afirma que adotou e incentiva as caminhadas como prática fundamental para transformar os costumes contraditórios da vida moderna que nos afasta do movimento físico, tornando essa prática simples em algo difícil de ser realizado.

Falo isso porque vejo indivíduos de quarenta a cinquenta anos com uma sacola de remédios a tiracolo. Essas mesmas pessoas vão de carro ao açougue para comprar um quilo de carne. Um carro pesa em média uma tonelada (um mil quilos). Alguma coisa aí está errada não está? Movimentar uma tonelada de ferro, borracha e plástico para buscar um quilo de carne? Não tem lógica. Chega uma hora que a natureza cobra. Aí fazer exercícios se torna algo, além de obrigatório, um ato sacrificante. E aqui não estou me referindo a obesidade, porque isso nem sempre é um problema. Falo da hipertensão, atrofia, má-circulação do sangue, diabetes, falta de energia e outras doenças. Foi para evitar esses males que comecei a caminhar. (SACOLINHA, 2019, p.104)

FIGURA 28- SACOLINHA NO SARAU ELO DA CORRENTE (2010)



Fonte: Blog Sarau Elo da Corrente. Disponível em <https://elo-da-corrente.blogspot.com/2010/09/sarau-elo-da-corrente-121-ontem.html>. Acesso em 12/10/2022

No lançamento do livro *Dente de Leão*, Sacolinha me convidou para falar da alimentação viva e fazer um suco verde para degustação. Ao lado de Erica Santos, professora da sua filha Alanda, que realizou uma vivência de meditação, e de sua esposa Landy Freitas, professora e artista, que criou uma obra com a técnica de *String-Art* (artesanato com pregos e linhas), eu preparei um suco verde durante o evento.

Nos bastidores, Sacolinha comentou que tinha a intenção de realizar palestras nas escolas seguindo este formato e perguntou se eu topava sair por aí para falar de literatura e suco verde. Topei a proposta e combinamos falar sobre isso nos meses seguintes. No entanto, em 2020, começou a pandemia de covid-19, e um pouco antes eu mudei de cidade, por isso o máximo que conseguimos fazer neste período foi um bate-papo online para comemorar um ano de lançamento do livro *Dente de Leão*.

Em março de 2022, recebi um recado de agradecimento de Sacolinha pela inspiração, pois mesmo sem a possibilidade do nosso encontro presencial ele iniciou algumas palestras em escolas, lendo as crônicas do livro **Dente de Leão** e do seu último livro **Onde estavam meus olhos**, que foi anunciado como a segunda parte de uma trilogia. Fiquei muito feliz com a notícia e com a reverberação, mesmo à distância, dessa parceria.

FIGURA 29 - MICHEL YAKINI-IMAN NO LANÇAMENTO DO LIVRO DENTE DE LEÃO (2019)



Fonte: Facebook Sacolinha Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo?fbid=2382109702013771&set=a.1421128984778519>. Acesso em 12/10/2022

FIGURA 30 - SACOLINHA NA EMEF TEREZA HATORI (2022)



Fonte: Facebook Sacolinha
<https://www.facebook.com/sacolinha.ademiro/posts/pfbid023wcgUznbTaMn2Fkk3WVsuc3J2rMqPxAwosHUeiKHG5HkfTrqZ3m1ja69XRyZ4sNRl>. Acesso em 12/10/2022.

Nossas obras recentes também dialogam nessa perspectiva, já que a crônica “Chamem os escritores”, publicado em Dente de Leão, e a crônica “Os 7 chacras da poesia”, que

publiquei no livro *Na Medula do Verbo* (2021), são prosas que expressam possíveis relações e diferenças entre a poesia e a medicina convencional.

Em “Chamem os escritores”, Sacolinha escreve:

Qual a diferença entre um médico e um poeta?

O primeiro cura, o segundo previne. Sem contar que o médico somente cura as doenças físicas. Já o poeta previne as doenças da alma, do espírito e da mente. Uma vez recebi uma mensagem via rede social, de uma mulher que estava indo para faculdade totalmente desanimada. Ele tem depressão e estava bem pra baixo. Do ônibus, ela avistou uma das minhas intervenções do projeto "Literatura e Paisagismo - Revitalizando a Quebrada" e leu a frase “O sol sempre foi sol, a gente é que anoitece”. E simplesmente teve um instante de alegria que a deixou pra cima. Ou seja, algo que nenhum médico ou nenhum remédio poderia fazer por ela naquele momento. (SACOLINHA, 2019, p. 119).

Já em “Os 7 chacras da poesia”, reflito o seguinte:

O hábito de falar poesia devia ser receitado pela medicina. Por exemplo: se a pessoa estiver sentindo dores no peito, crises de ansiedade, sistema nervoso abalado, confusão na cachola ou dores na coluna, o médico poderia ajudar no que for preciso e receitar poesia em voz alta como tratamento complementar. Sugerir pra falar em casa, no chuveiro, no quarto, depois ir no bar, na praça, na rua ou nas lives, até encontrar outras pessoas que fazem o mesmo pra se sentir melhor. Já vi gente se tornar escritor de tanto confiar nesse tratamento. Além de muitas outras, que nunca lançaram um livro ou sequer escreveram um poema, mas ao se permitiram liberar as tensões na palavra, se alinharam pela poesia e deixaram o crânio mais leve (YAKINI-IMAN, 2021, p. 38).

Essa troca de referências e parcerias, baseada na literatura e no autocuidado, é algo consolidado na atuação do escritor Sacolinha, e está diretamente ligado ao que Sueli Carneiro (2016) apresenta como o cuidado de si.

Nesta proposta, a autora amplia a compreensão do conceito foucaultiano, que consiste em uma ética formada por um conjunto de normas de existência que uma pessoa estabelece a si próprio, baseado em suas vontades e desejos, criando uma *estética da existência*, em que o movimento é retornar para si mesmo para depois atuar no mundo, com a subjetividade transformada, mas com a intenção principal de cuidar da própria vida (FOUCAULT, 2004).

No domínio da resistência, entendemos existir uma ética renovada que se insurge aos modos de subjetivação e à moral social que lhes corresponderiam. No cerne desta ética renovada encontra-se o cuidado de si aqui apreendido de maneira ampliada em relação à formulação foucaultiana, na direção proposta por Cláudio Pedrosa (na epígrafe acima), por tratar-se não apenas da construção de uma subjetividade centrada na adesão livre a um estilo que quer dar à sua própria existência, mas, sobretudo, por voltar-se à construção de sujeitos coletivos libertos dos processos de subjugação e subalternização. O cuidado de si se realiza para esses sujeitos no cuidado do outro, cuja libertação é a estética de suas existências. (CARNEIRO, 2005, p.303).

Conforme a epígrafe citada pela autora, a ética da existência é renovada,

Quando, no exercício do cuidado de si, faz-se apelo a um outro, o qual adivinha-se que possui aptidões para dirigir e para aconselhar, faz-se uso de um direito; é um dever que se realiza quando se proporciona ajuda a um outro ou quando se recebe com gratidão as lições que ele puder dar. (PEDROSA apud CARNEIRO, 2005, p. 302).

Essa relação direta com o outro ampliou o número de leitores da obra de Sacolinha, já que seu público ficou menos centrado nas periferias e nas pessoas negras, que até então eram seus principais leitores. Sacolinha explica que houve um movimento de expansão por um lado e de certa desconfiança por outro.

Eu recebi feedbacks, todos eles positivos, mas assim desde de uma professora, que me mandou mensagem, uma professora de Mossoró no Rio Grande do Norte, que me mandou mensagem dizendo que ela ia se suicidar, mas que depois que ela teve acesso ao meu livro Dente de Leão, ela passou a olhar aquele contexto que ela estava vivendo de uma outra maneira, né? E tirou essa ideia de suicídio, né? Até o retorno financeiro que ele me deu, se eu vendi bastante livro é porque as pessoas estão gostando, as pessoas estão curtindo. Nunca que um livro, pro meu... por exemplo “Graduado em Marginalidade”, né? Que foi meu primeiro livro, que tá na terceira edição, demorou, tá demorando quase vinte anos pra ele alcançar o que o “Dente de Leão” alcançou em três anos, com relação a vendas, né? Foi meu primeiro livro adotado pela Prefeitura de São Paulo, pela Secretaria de Educação, né? O Dente de Leão. Então eu tenho recebido muitos retornos positivos, de pessoas inclusive que estão dizendo assim: “Você falou o que tinha que falar, o óbvio, né? Mas eu não me atentava a esse óbvio, então muito obrigado pelo que você escreveu, eu tô mudando minha alimentação, tô começando a plantar, né? Tô começando a viver a vida com mais leveza, com mais calma, sem medo da chuva, sem medo do sol, né?” São esses feedbacks que eu tenho recebido e eu acredito que eu preciso continuar investindo nessa proposta, por isso virou uma trilogia. Esse público aí nosso, que a gente já tinha. Eu senti que uma galera ficou com um pé atrás, sabe? Tipo: Mano, mas e aí? Cadê os bagueio que nos afetam e tal? Porque demorou pra ser lido por essas pessoas, inclusive gente que comprou o livro mesmo, que foi no lançamento e demorou mais de um ano pra ler e só foi ler devido as postagens, devido os prints que eu fazia das mensagens que eu recebia do povo feliz que tava lendo, que tava curtindo que eu postava.⁷³

Para Sacolinha seu texto passou a ser confundido, em alguma medida, com a chamada literatura de auto-ajuda, mas para ele isso não é um problema, pelo contrário.

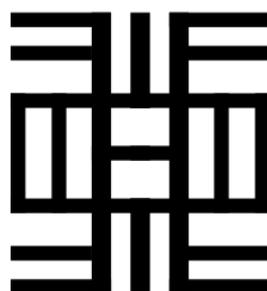
Uma galerinha aí que começou a ler. Inclusive véio é um nicho da auto-ajuda também, né cara? Eu vi que era uma galera que lia outros escritores, um pessoal da

⁷³ Entrevista realizada em janeiro de 2023.

alta performance, um pessoal da auto-ajuda e que começou a me ler também, né? E por um lado isso é bom. Eu não fico ofendido, não, em ser confundido como autor de auto-ajuda, também não, porque nosso povo também precisa de auto-ajuda, mas é uma auto-ajuda, pelo olhar de quem vive na periferia. Porque é muito fácil um cara que não vive a periferia querer falar de educação financeira, querer falar do povo preto que pega o trem lotado fazer meditação e tal, mas não vive.⁷⁴

Portanto, o cuidado de si no contexto de arte da periferia, como é o caso do escritor Sacolinha, transforma aquilo que pode parecer uma mudança subjetiva e de interesse pessoal, em algo que cria outros sentidos e significados no ato de cuidar de alguém ou ser cuidado pelo outro, ou seja, em um movimento de cuidado coletivo.

FIGURA 31 - ADINKRA (SÍMBOLO AFRICANO DO POVO AKAN) - “NEA ONNIM NO SUA A, OHU”, OU, “QUEM NÃO SABE PODE SABER APRENDENDO”



Fonte: <https://perola.medium.com/>

Essa dinâmica acontece no trabalho de Sacolinha, seja publicizando ideias e práticas em livros, indo ao encontro das pessoas em escolas, nos eventos, nas ruas, ou onde mais for possível, para compartilhar e aprender sobre como cada pessoa tem feito para cuidar de si, formando uma rede de trocas de saberes e criando um movimento contínuo, resgatando a lógica do provérbio/símbolo africano ONNIM, do povo akan, que diz: “quem não sabe pode saber aprendendo” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p.180).

Essa relação se reflete em alguns retornos de leitura que Sacolinha recebe e compartilha em suas redes. Segue a abaixo a transcrição de uma mensagem recebida, via aplicativo, de uma pessoa do Mato Grosso do Sul (MS) sobre o livro **Dente de Leão**:

⁷⁴ Entrevista realizada em janeiro de 2023.

— Oi. Esse número é do Sacolinha? Peguei na internet.

— *Bom dia! É sim.*

— Sou professora e moro em Campo Grande (MS), estou escrevendo para agradecer por tudo que escreveu no livro *Dente de Leão*. Conversando com um amigo aqui na cidade que também leu seu livro, eu comentei do quando *Dente de Leão* fala da vida de uma forma interessante. Esse meu amigo disse que você escreveu apenas o óbvio. E eu respondi para ele que esse foi o óbvio que salvou minha vida. Gratidão Sacolinha por ter escrito o óbvio mas que ninguém nunca tomou a atitude pra escrever. Foi por causa do seu livro que eu desisti do suicídio. Eu realmente te devo a minha vida. Aqui em MS você tem uma pessoa que pode contar. *[sic]*

— *Nem sei o que te responder. Preciso digerir.*⁷⁵

Essa conversa me remeteu a um texto que Sacolinha publicou em 2007, intitulado *Crônica de um jovem salvo pela literatura!*, em que ele afirma: “sou quem sou, graças aos livros, se não fossem eles eu estaria a sete palmos abaixo da terra. E hoje procuro mostrar a muitas pessoas o que um livro pode fazer na vida de alguém, eles salvaram a minha e continuam salvando” (SACOLINHA, 2007, s/p)⁷⁶. Em uma entrevista concedida para o canal Livre Opinião em 2014, Sacolinha contextualiza essa frase dizendo “A literatura não te salva de uma morte física, te salva de uma morte alienada”⁷⁷.

4.5 Arte para libertar as pineais: Raíssa Padial Corso e a União Akasha

*O Zin Fí, mata Gaya, não,
Em cada gaio tá contido
Sua falange ancestral
Em cada seiva sangue verde
De aura pura maternal
Mãe Gaya tem raiz, fíncada lá no centro
Numa bola de fogo intenso
Pó do céu do seu sustento.
o Zin Fí, mata pachamama, não
Com as mulé vó lua caminha
Pelas casas dos seus dias
Renovando a vida
Dentro da vida, dentro da vida (...)
(CORSO, 2017, p.80)*

Em 2017, durante as minhas andanças pelos saraus da Zona Sul, comecei a perceber uma coletividade que estava surgindo por iniciativa de pessoas que frequentavam o Sarau do

⁷⁵ Publicado no Instagram do Escritor Sacolinha em 06/01/2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CnE6u0HOWeG/> Acesso em 16/01/2023.

⁷⁶ Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/334661> . Acesso em 16/01/2023.

⁷⁷ Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Mwdf511_aOA&t=284s Acesso em 16/01/2023.

Binho. Trata-se de Raíssa Padiál Corso (escritor, multiartista e terapeuta integrativa), Marlon Cruz (cientista musical e produtor cultural) e Luan Luando (poeta e produtor cultural), que se juntaram para inaugurar a União Akasha - Centro de Desenvolvimento Humano, no bairro do Campo Limpo. Uma coletiva inserida nos movimentos culturais da periferia que mantém uma sede e organiza uma série de práticas que promovem autocuidado, saúde, autoconhecimento, por meio das terapias integrativas e ações artísticas.

O nome Akasha⁷⁸ surgiu a partir de estudos teosóficos da Eubiose⁷⁹, baseado no conceito "da unidade da diversidade e da diversidade na unidade", e a partir da relação que tiveram com Nilton Schutz, palestrante e radialista, que ministra cursos de tarô, astrologia, numerologia, cabala, radiestesia e quiromancia.

Segundo Raíssa Padiál Corso⁸⁰, a União Akasha começou a se constituir pelas ruas da Zona Sul, no início dos anos 2000, em meio aos cursos livres, vendas de artesanato, a agitação dos eventos artísticos e a declamação de poesias, onde conheceu seus parceiros: Luan Luando, a quem considera um irmão, e Marlon Luz, que é seu companheiro e pai de Shantal Sananda, filha de 6 anos, e assim inauguraram a União Akasha⁸¹, em 2017.

11 de Junho, 3 anos atrás, esse espaço abria suas portas para acolher nossos sonhos! Iniciamos nosso processo de descobertas através da Ayahuasca em 2010 no antigo Céu da Nova Aliança ao qual somos muito gratos! Um grande desbravar veio desde então. A medicina nos guia, abre tantos portais, amplia nossa visão por uma saúde integral, o universo ayahuasqueiro tem tanta gente linda, e também como em todos os circuitos muita coisa deturpada, a tal espiritualidade fast food. A medicina amplia essa nossa intuição, e quando escolhemos realmente ver, muita coisa desmorona, gera uma ânsia de sermos autores e principalmente impactadores de nossa realidade enquanto sociedade. Raíssa, Marlon e Luan, que passaram por esse processo da iniciação juntos, amigos há muitos anos, compartilham o universo cultural da região com muita participação, sempre conversaram sobre o quanto terapias, medicinas, vivências naturais e até mesmo a arte não chegavam para seu bairro. Raíssa é campo limpense de alma, Luan do Taboão (do ladinho do Campo

⁷⁸ Akasha: (em sânscrito) luz astral; princípio original isento de espaço e de tempo; energia e fluido cósmico universal; o não criado, base de toda a criação; substrato espiritual primordial; força dos deuses; espaço sutil onde estão armazenados todos os conhecimentos, feitos e memória da humanidade, inconsciente coletivo; contém e mantém tudo o que foi criado em equilíbrio; espaço onde se originam todos os pensamentos, ideias e matéria; mais elevado, poderoso e inimaginável dos cinco elementos, quinto elemento, quintessência, quinta ponta do pentágono, éter; incompreensível, indefinível, o que as religiões chamam de Deus (FROES;PERES, 2020).

⁷⁹ A Sociedade Brasileira de Eubiose foi fundada por Henrique José de Souza (1883-1963), apoiado por sua esposa Helena Jefferson de Souza (1906-2000), em São Lourenço, MG, no ano de 1921. Com um trabalho muito próximo ao do budismo esotérico, se tornou a Sociedade Teosófica Brasileira, nome assumido em 1928, e que de certa forma homenageia a Sociedade Teosófica fundada por Helena Petrovna Blavatsky, que buscava desenvolver uma doutrina espiritualista na América. Fonte: <https://www.eubiose.org.br/a-sociedade/>. Acesso em 26/07/2021

⁸⁰ Em entrevista concedida por videoconferência em 2021.

⁸¹ As informações que serviram de base para apresentar a União Akasha tem como fonte vídeos e postagens que compõem a página de facebook da coletiva e também uma entrevista realizada com Raissa Padiál Corso em julho de 2021 e outra via whatsapp no segundo semestre do mesmo ano., nas muitas conversas e trocas de informações que mantivemos on line durante a pandemia de Covid-19, além de uma conversa com Luan Luando e Marlon Luz, durante o Seminário do PPGed Sorocaba, em 2021.

Limpo) e Marlon Paraibano criado no Capão Redondo. Através de conversas e muita peia, rsrs resolveram buscar por um espaço no Campo Limpo para oportunizar tais vivências. A busca se inicia por um lugar que tenha pelo menos um gramadinho. Muitas visitas com corretores e nada. Tudo tinha muito cimento, muitas antenas, muita cidade! Um dia passando pela rua Pedro Alves, rua essa que Raissa e sua família passavam cotidianamente, onde anos atrás havia uma fábrica de vasos e loja de plantas, Raissa fala para Marlon:

-Meu sonho mesmo é ver uma placa de aluga-se nesse lugar!

- Marlon dá uma ré: Sonho realizado!

Lá estava a tão sonhada placa. Um lugar de encruza (laroyê), eles descem do carro e com um pedaço de tijolo baiano na mão escrevem na calçada de entrada “União Akasha! Esse é o nosso lugar.” No dia seguinte já estavam olhando com o corretor de imóvel, um matagal abandonado a mais de 5 anos. Muita sujeira e bagunça. Trabalho não faltava, e com as bênçãos de todas as divindades escolheram alugar. Nem o corretor de imóveis acreditava que queriam aquele lugar. Tinham as bagunças... mas tinha o coqueiro! O grande mandacaru, terra, muita terra, e a encruza que os guias já haviam avisado que teria ali. (Depoimento postado em 11 de junho de 2020 na página da União Akasha, no facebook).

A União Akasha é uma coletiva que apresenta outras dimensões da luta por saúde, recuperando saberes ancestrais, anunciando ações mobilizadas para popularização de saberes tradicionais, como o uso das plantas medicinais, a promoção e acesso às terapias integrativas; imprimindo outras dinâmicas de construção e compartilhamento de conhecimento, propondo novas possibilidades de análise e compreensão desse tipo de coletividade nas periferias.

Interessei-me em conhecer mais sobre a União Akasha, após ter contato com o livro *Do Tamanho do Coração da Formiga*, lançado em 2017, por Raíssa Padiál Corso, e percebi que sua poesia se fundamenta com elementos que evoca a espiritualidade, a natureza, a transcendência e a metafísica como princípios, unificando diversas referências em uma mesma obra.

OLHOS FECHADOS

Em nosso escuro
Existem desenhos de luz
Sua geometria surpreende
A arquitetura da nossa mente,
Desarma nossos conceitos
E todos os caminhos são achados lá
Na escuridão
Escuridão fascinante
De um novo mundo a desbravar
Que só o poder do cosmo é capaz de nos dar
As cores que não existem aqui
Habitam o mundo de lá
E é neste mundo que o Criador,
Somos capazes de encontrar
Um ponto brado, equivale a muitas vidas,
Até nos chegar
No aparentemente preto
No aparentemente escuro
Lá está a grande luz,

O mistério.
O segredo que sempre esteve
Em nossos olhos fechados.
(CORSO, 2017, p.85).

Assim, passei a acompanhar mais de perto as ações do grupo e visitei a sede da União Akasha em 2019, durante uma atividade da Feira Literária da Zona Sul. Em 2021, fiz parte da programação da IV Feira Afetiva realizada pela União Akasha, desenvolvendo a oficina de “Escrita Quântica” e desde então mantemos contatos de amizade e parcerias em torno da arte e do interesse por temas em comum.

A coletiva União Akasha é formada simbólica e fisicamente com base na crença da encruzilhada, já que Raíssa, Marlon e Luan são devotos de Exu⁸², divindade africana do panteão iorubá. Por essa razão, as práticas e os fundamentos dessa coletiva refletem as *mandingas* e *campos de batalhas* da Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2019), onde as bases políticas, poéticas e éticas, se direcionam para práticas descolonizadoras, dialogando e cruzando uma diversidade de pessoas e saberes subalternizados e contribuindo na transformação e transgressões dos seres humanos (RUFINO, 2019).

FIGURA 32 - DIVULGAÇÃO 3ª FEIRA AFETIVA 2020.



Fonte: Instagram União Akasha

⁸² orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião das porteiras; o primeiro a ser homenageado nos rituais sagrados do Candomblé e da Umbanda; faz mediação entre o mundo dos orixás (Orum) e os seres humanos regendo tudo que existe e pode vir a ser (PRANDI, 2001; RUFINO, 2019)

Portanto, a União Akasha reúne Raíssa, Luan e Marlon, em torno de um sonho que se iniciou em rituais da Ayahuasca⁸³, para unificar seus anseios de arte, a busca pelo autoconhecimento, criando alternativas fora dos padrões elitizados e de alto custo que dominam os espaços terapêuticos em São Paulo e prezando por valores ligados ao engajamento social dos grupos/coletivos das periferias, principalmente nas questões ligadas aos conceitos de gênero, raça e classe.

Na abertura da III Feira Afetiva - Diálogos de um Novo Mundo (2020), aconteceu uma live em que Raíssa, Marlon e Luan contaram algumas das motivações que culminaram na existência da União Akasha. Relatam que frequentavam espaços e cerimônias voltados para arte, cultura e cura fora da periferia, em que havia pouca presença de negros e pessoas LGBTQIA+.

Para a coletiva esses locais eram distantes e de consumo caro. A partir disso, refletiram sobre a dificuldade de um terapeuta formado não ter condições de alugar uma sala para trabalhar e sobre como oportunizar acesso às pessoas que querem se tratar com as terapias na periferia e por isso resolveram abrir uma sede própria no espaço afetivo do Campo Limpo.

Raíssa afirma que a União Akasha está orientada pelo princípio dos ciclos e da impermanência e pela devoção a Exu e que se fosse escolher uma síntese para explicar este trabalho seria: "libertar as pineais, e o restante é consequência".

Na live citada acima, Raíssa, Marlon e Luan, afirmaram várias vezes que apesar de considerar os conhecimentos da Eubiose, a coletiva rompeu com essa prática por conta das ideologias políticas, pois a União Akasha se posiciona contra ideais conservadores, principalmente os que promovem preconceitos e discriminações.

A partir disso, analisei os princípios e práticas da União Akasha com o conceito da *Pedagogia das Encruzilhadas* de Luiz Rufino (2019), que está organizada em três caminhos: ético, político e ético.

Político, pois assume como problemática ética/estética e ato de responsabilidade a luta contra o racismo anti-negro e a transgressão dos parâmetros coloniais. Essa dimensão está implicada diretamente com a preservação da vida em sua diversidade.

Poético, pois emerge a partir e em um diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas. Ou seja, produzidas como não possibilidades uma vez que são sistematicamente

⁸³ Ayahuasca é um termo quíchua, cuja etimologia é dada por Luís Eduardo Luna como: Aya – persona, alma, espírito muerto; Wasca – cuerda, enradadera, parra, liana. A denominação, segundo este antropólogo, é uma das mais usadas para designar tanto a bebida quanto uma das plantas que a compõem: o cipó *Banisteriopsis caapi*. (Luna, 1986, pp. 73-4). Pode-se traduzir literalmente ayahuasca para o português, portanto, como “corda dos espíritos” ou “corda dos mortos” e ainda como “cipó (liana) dos espíritos ou dos mortos”. Alguns dicionários on-line colocam, também, que ayahuasca é um neologismo quíchua, surgido na segunda metade do século XIX. (...) O cipó e as folhas, juntos, são cozidos e fervidos, seguindo-se um processo ritual complexo. O resultado final é um chá considerado sagrado, o qual será consumido nas cerimônias (...) (GOULART, 2004).

descredibilizadas. A dimensão poética, que aqui deve ser lida no *cruso* com a problemática epistemológica, revela a impossibilidade de separação entre ser, saber e suas formas de produção de linguagem. Assim, a emergência de outras gramáticas perpassa também pela dimensão política de defesa da vida em sua diversidade.

Ético, implica com uma das principais demandas a ser vencida na colonialidade, a invenção de novos seres. A dimensão ética perspectivada pela educação revela não um método a ser aplicado para resolução dos problemas escolares, mas emerge como um ato responsável comprometido com a transformação dos seres. A educação é aqui lida como fenômeno existencial na articulação entre vida, arte e conhecimento. Assim, a perspectiva das encruzilhadas emerge como potência educativa, uma vez que abre caminho para outras invenções que transgridem o desvio existencial e o desmantelo cognitivo incluído pela ordem colonial. (RUFINO, 2019, p.20).

FIGURA 33 - DIVULGAÇÃO DA IV FEIRA AFETIVA (2021)



Fonte: Instagram União Akasha

Esses princípios ficam evidentes em diversas ações clínicas, culturais e sagradas que foram recorrentes na União Akasha nos últimos anos, tais como: ozonioterapia e cosméticos ozonizados, que foram realizados durante 2019/2020; Círculo Ananke Online que empodera mulheres em busca do autoconhecimento; Horta Sensorial Fibonacci; doação e distribuição de alimentos orgânicos; campanha de arrecadação de absorventes para pessoas em situação de vulnerabilidade; produções artísticas individuais e coletivas; lançamento de uma editora; Feira Afetiva, com oficinas, palestras, produtos artesanais e alternativos.

Para Raíssa, a União Akasha é uma empresa social, pois essa é a definição que mais acolhe seu fazer neste momento. Na descrição da página do Instagram⁸⁴ da União Akasha é possível ler a seguinte descrição: Produto/serviço: Psicoterapia Junguiana, Terapias

⁸⁴ <https://www.instagram.com/uniaoakasha/>

Integrativas, Tarot e oráculo, Agroecologia, Soberania alimentar, Produção Cultural, Editora.

Raíssa também contou que passaram muitos "perrengues" como a falta de recursos para pagar o aluguel e fazer a manutenção do espaço, e que essa condição melhorou quando a coletiva foi contemplada com o projeto "União Akasha, Diálogos De Um Novo Mundo" na 4ª edição do Fomento à Cultura da Periferia, em 2019.

A União Akasha contempla alguns pré-requisitos deste edital, porque para além de estar produzindo artisticamente, abrange ações que representam a cultura em seu aspecto mais amplo, como está descrito abaixo em parte da Lei nº 16.496/2016 que institui o Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo (2016):

- e) reconhecer e valorizar a pluralidade e a singularidade vinculadas às produções culturais e artísticas nos distritos ou bolsões com altos índices de vulnerabilidade social, especialmente nas áreas periféricas do Município;
- f) apoiar a continuidade da ação dos coletivos culturais em suas localidades e o intercâmbio de ações com melhoria de qualidade de vida das comunidades do entorno⁸⁵.

Além disso, a União Akasha, tem participação direta na construção da Lei de Fomento a Periferia, já que seu fundador Luan Luando foi um dos articuladores dessa reivindicação. Luan relata que ao ir para as reuniões que discutiam essa lei chegou a passar por baixo no ônibus por falta de dinheiro, mas na certeza de que essa lei traria condições melhores aos artistas e coletivos das periferias, e por isso ele afirma que essa lei é uma luta do povo.

Essa maneira atuante da União Akasha invoca saberes ancestrais, para compartilhar práticas e manter-se resistente em relação às desigualdades e às poucas oportunidades de ser/estar no mundo, seja assumindo Exu, um orixá encarado de forma pejorativa pela hegemonia cristã, seja firmando base no ritual xamânico da Ayahuasca, ou trazendo a espiritualidade como princípio.

Além disso, a coletiva participa ativamente no ativismo das coletivas e coletivos de arte das periferias e se posicionando contra o conservadorismo político, em ações que confirmam a força das encruzilhadas como elemento base da articulação e estratégia da coletiva, como sugere Rufino:

Torna-se necessário, dessa forma, invocarmos as sabedorias ancestrais, porque, ao emergirem, ao serem manifestadas como práticas de saber, elas trazem as presenças daqueles que compõem junto conosco os giros dessa canjira espiralada que é a vida. A invocação da ancestralidade como um princípio da presença, saber e comunicações é, logo, uma prática em encruzilhadas. Afinal, a própria noção de encruzilhada é um saber praticado ancestralmente que aqui é lançado como disponibilidade para novos horizontes que reivindicam a sofisticação de um mundo plural, pujante e vigoroso, contrário e combativo ao desencanto do mundo. (RUFINO, 2019, p.16).

⁸⁵ Disponível em: <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16496-de-20-de-julho-de-2016> . Acesso em 01/01/2023.

Em *live* realizada no Facebook em julho de 2021, organizada pela Casa de Cultura do Campo Limpo, sobre os espaços culturais independentes do território, Raíssa afirmou que a União Akasha também tem uma perspectiva ligada ao Bem Viver, conceito baseado nas visões ameríndias, andinas e amazônicas e que contrapõe o conceito eurocêntrico de bem-estar ou de viver melhor, firmado no consumo e na individualidade do mundo capitalista.

O Bem Viver é uma filosofia em construção, mas propõe o equilíbrio na convivência entre todos os seres vivos, na forma individual, comunitária e planetária (ACOSTA, 2016). Por isso, as ações da União Akasha, que se direcionam em busca de uma ética espiritualista, ecológica, de consumo consciente e de ativismo cultural se aproximam do Bem Viver, já que “relaciona a qualidade de vida e remete a questões como espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política, ética” (ALCANTARA; SAMPAIO, 2017, p.233).

No livro **O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos**, o autor equatoriano Alberto Costa (2016) explica que apesar de ter como base as matrizes ameríndias, essas “não são a única fonte inspiradora do Bem Viver”. Segundo o autor, “há muito tempo, têm se levantado diversas vozes que poderiam estar de alguma maneira em sintonia com essa visão, como os ecologistas, as feministas, os cooperativistas, os marxistas e os humanistas” (COSTA, 2016, p. 34). Ele completa que o Bem Viver é uma proposta da periferia, justamente por ser oriunda do vocabulário dos povos marginalizados e inferiorizados socialmente e linguisticamente.

Acosta (2016) reconhece que o Bem Viver é um conceito plural, que surge dos povos originários sem excluir as contribuições de outras culturas. O autor encontra correspondências entre o Bem Viver e a ética da filosofia africana Ubuntu (eu sou porque nós somos) e destaca o Bem Viver como parte integrante das epistemologias do sul, de Boaventura Sousa Santos. No Brasil, este conceito também é uma pauta das mulheres negras, tanto que em 2015 o lema da Marcha das Mulheres Negras foi “Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver”, pois essa proposta também abarca o enfrentamento das sociedades patriarcais e racistas.

Além disso, o Bem Viver permite duas bases fundamentais: reconhecer direitos à Natureza (Pacha Mama) e estabelecer um Estado plurinacional que, baseado em direitos coletivos, contrapõe-se ao Estado monocultural, moderno e neoliberal, de base racista e excludente. Segundo Alberto Costa, o Estado plurinacional “não nega a nação, mas propõe outra concepção de nação”, pois assume nacionalidades convivendo em estado de enfrentamento (ACOSTA, 2016, p.145).

Quando li essa definição me lembrei do poeta Sérgio Vaz, criador da Cooperifa, em

uma live Instagram⁸⁶, durante a pandemia de Covid-19, com o deputado Marcelo Freixo, onde ele afirmou que sente a periferia como um país, com formas específicas de viver, com pessoas, artistas, lideranças e intelectuais que representam uma linguagem própria, que tensionam as hegemonias.

FIGURA 34 - DIVULGAÇÃO DA IV FEIRA AFETIVA (2021)



Fonte: Instagram União Akasha

O Bem Viver e a Pedagogia das Encruzilhadas são alternativas conceituais em uma sociedade que agoniza diante de problemas sociais e ecológicos. Há um massacre da vida planetária em curso, e o reconhecimento da natureza como o ser mais importante que existe e nossa reunificação com a consciência pluralista da encruzilhada é um ato subversivo para encontrar uma saída em meio às ruínas do desenvolvimento.

Portanto, coletividades como a União Akasha, que problematizam e tencionam as estruturas hegemônicas, por meio da arte, do ativismo e de ações ligadas ao autoconhecimento e a saúde natural, fazem com que o Bem Viver não fique restrito somente aos espaços de floresta e dos povos indígenas, e a Pedagogia das Encruzilhadas não fique apenas no campo da discussão filosófica e acadêmica, mas sejam incorporadas no contexto urbano das grandes cidades, a partir de ações que se orientem no protagonismo das periferias.

⁸⁶ Essa live não ficou gravada na página dos participantes.

PEÇO LICENÇA PRA SAIR

Esse trabalho foi construído a partir de uma autoetnografia, mas também por meio de pesquisas documentais, entrevistas e conversas informais, para realizar uma reflexão sobre a periferia de São Paulo e sua relação com o Rap, Hip Hop, principalmente a partir dos anos 1990, em meio às violências e desigualdades sociais, e mais recentemente, evidenciar a presença de temas como saúde, autocuidado, bem viver e o cuidado de si no movimento cultural das periferias e como isso se desenvolvia antes, no contexto histórico desses territórios.

Escrever esse trabalho me permitiu mergulhar, durante dois anos, em um processo consciente de autoconhecimento, pois assumir minha autobiografia como base desse trabalho, me fez reviver algumas memórias que estavam adormecidas, e que me fizeram sorrir e lagrimar na mesma medida. Esse mestrado não é só um percurso acadêmico que rasura as estatísticas desfavoráveis da nossa relação, como pesquisadores negros e periféricos, com esse espaço de saber, mas é também um percurso emocional.

São vivências, que legitimam a educação em diferentes contextos, valorizando saberes tradicionais, comunitários, ativistas e os processos de subjetivação como formas de aprendizagem. São premissas que confirmam a educação como um processo sócio-histórico que acontece em diferentes contextos (SCHÖRNADIE, 2014), e que acontece de forma pluralista e dialógica, em reconhecimento às diversidades e no comprometimento com o outro para atuar contra as violências e as injustiças (RUFINO, 2019).

A discussão sobre saúde proposta neste trabalho, se baseou no conceito de saúde coletiva alinhada a emancipação de grupos oprimidos pelas desigualdades sociais, econômicas e políticas (ALMEIDA-FILHO, 2011), que difere das definições hegemônicas de “saúde como ausência de doença” ou de saúde implicada em “função social”.

Em relação ao autocuidado, esse trabalho foi desenvolvido a partir das premissas de mulheres negras estadunidenses como Audre Lorde (1988), Angela Davis (2017) e bell hooks (2020) que defendem o autocuidado da mulher negra como um ato político e coletivo, de autopreservação e resistência às estruturas hegemônicas, e também alinhado à proposta do cuidado de si que é reelaborado por Sueli Carneiro (2016), focado no cuidado com o outro no contexto das populações negras.

Como um homem negro que se propõe a refletir a própria biografia espelhada com as questões coletivas e comunitárias, compreendo que as produções dessas mulheres negras são fontes de estudos e estratégias válidas para construção de conhecimento e práticas

restauradoras da saúde emocional, física, mental e espiritual.

Além disso, este trabalho demonstra como as tradições de matriz africana, como os terreiros de Umbanda e Candomblé, a presença de benzedeadas e práticas de simpatia, rezas e o uso de ervas e plantas medicinais fazem parte de um histórico anterior para pensar o autocuidado e a saúde nas comunidades periféricas. São fatos espelhados na história de Dona Maria, Dona Josefa, Miltão, Seu Montanha, Dona Rita, Nego Ju, Dona Terezinha e outros moradores do Jardim Monte Alegre em Pirituba, o lugar-entidade que reverencio neste trabalho.

Nas décadas de 1970 e 1980, houve um grande movimento comunitário nas periferias paulistanas, liderado principalmente por mulheres, em parceria com as pastorais e médicos sanitários politizados, para reivindicar a construção de hospitais, postos de saúde, as creches, as habitações populares e linhas de ônibus, que foi fundamental para alterar parte da estrutura precária desses territórios (SADER, 1988).

Desde o início dos anos 2000, esses postos de saúde e outras unidades de saúde, tem promovido ações denominadas Práticas Integrativas e Complementares, sob autorização do SUS, que oferece medicinas tradicionais do oriente, terapias bioenergéticas, ações esportivas e práticas de hortas e cultivo de ervas e plantas como método complementar de tratamento à população (JÚNIOR, 2016; 2021), mas ainda com muita pressão e questionamento da ciência médica hegemônica e baixa divulgação nos territórios.

A minha autobiografia, bem como meu percurso acadêmico, também serviu como base deste diálogo, entre a narrativa subjetiva e as vozes coletivas. Este trabalho demonstra que mesmo com o crescimento do movimento cultural das periferias e uma transição política que “ a partir de 2002 começou um novo ciclo econômico no país, com aumento da taxa de emprego, da renda entre os mais pobres e do consumo popular” (D'ANDREA, 2013, p.269), os problemas sociais persistiram e se agravaram.

Em meio a um estado de *fascismo social* (SANTOS, 2007) e da necropolítica (MBEMBE, 2016) e de uma saúde pública tecnicista, que ignora nossas subjetividades (BRILHANTE; MOREIRA, 2016) e está estruturada em práticas racistas (BATISTA; BARROS, 2017), uma alternativa viável para estabelecer uma realidade mais saudável nas periferias foi articular as obras artísticas com as temáticas de saúde, autoconhecimento e autocuidado, como fizeram as obras/ações das Capulanas, do escritor Sacolinha e da União Akasha.

Premissas como *espaço potencial de vida* (MULANGI, 2014), o cuidado de si, reelaborado a partir da teoria foucaultiana por Sueli Carneiro (2005), a pedagogia das encruzilhadas (RUFINO, 2019) e o bem viver (ACOSTA, 2016), foram os conceitos

utilizados que permitiram uma melhor descrição e análise dos coletivos e artistas aqui mobilizados.

Vale destacar que as autoetnografias não pressupõem conclusões, já que estão ligadas às experiências de um percurso, que sugerem processos mutáveis. Porém é esta é uma teoria adequada para este trabalho, pois é uma alternativa teórico-metodológica que prioriza vozes subalternas, marginalizadas e contra-hegemônicas, como é o caso das experiências e diálogos propostos pelo movimento cultural das periferias de São Paulo.

Seguindo essa perspectiva, esse trabalho tem como base uma construção teórica contra-hegemônica, pois apresenta uma autonarrativa como possibilidade científica; discute a educação para além do espaço escolar; destaca a importância das terapias integrativas e holísticas no debate sobre saúde; coloca o território periférico como ponto central da pesquisa; e constrói boa parte dessa análise com fundamentos teóricos escritos e elaborados por pessoas negras.

Durante a pesquisa e a escrita deste trabalho, ficou evidente que a relação das populações periféricas com o Estado apresenta muitas complexidades, pautadas por acessos, como é caso da escola, da universidade e o direito à saúde, que representam a luta por direitos das gerações anteriores, mas ainda operando sob uma lógica hegemônica racista e excludente. Na relação com a PM, que tem um histórico marcado por muita violência, silenciamento, insegurança e mortes. Além, da nossa relação com as igrejas neopentecostais, como instituições privadas, que tem em sua base o racismo religioso como frente de atuação (NOGUEIRA, 2020).

Por isso, esse é um trabalho sobrevivente que desviou, com uma ginga de jogo de bola, das balas de fogo assassinas disparadas desde o século passado. Que escalou a montanha da vida, tendo como primeiros degraus os caixões frios da desilusão, que tropeçou, por diversas vezes, em valas de soterrar histórias pretas. Sobrevivente porque encontrou as terras que jorram leite e mel apodrecidas e cavou na unha o olho d'água possível para sanar a sede e plantar sementes. Um trabalho que, sem saber ao certo como, respirou o necessário para trocar uma ideia profunda com as ceifas da pandemia, conseguindo um fôlego útil para produzir essa oferenda de linguagem em favor da vida.

Esse percurso foi um processo de encontros com dimensões que eu ainda não havia experimentado, como é o caso da pós-graduação, incorporando uma estratégia metodológica fora dos padrões convencionais, e fortalecendo o meu reencontro com histórias que estavam adormecidas ou silenciadas. Através da palavra, recontando e analisando essas passagens, tive a oportunidade de conhecer melhor o meu contexto de vida, de arte e de pesquisa, mas sobretudo reconhecer as complexidades e encruzilhadas presentes no meu território de origem

e nas comunidades às quais fiz e faço parte. Isso é um ato político e contra-hegemônico, como exemplifica bell hooks.

Uma vez que a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro (hooks, 2019, p.32-33).

Essa é uma construção ética que confronta a desumanização e o estado de violência e morte presente na história dos territórios periféricos e das populações negras que são condicionados a viverem à margem da sociedade e excluídos de condições sociais dignas. Esse processo me fez reconhecer que a atuação, feita há décadas, por benzedeiros, mães de santo, comunidades de base, movimentos políticos e comunitários, foram fundamentais na promoção da vida e na garantia, ainda que precarizada, de escolas, creches, hospitais, prontos-socorros, postos de saúde e transporte público em nossos territórios.

Esse trabalho me deu oportunidade de compreender, ainda mais, a importância das práticas que marcaram a minha juventude, como é o caso do hip-hop e da música rap, e confirmar esse legado na construção do movimento cultural das periferias de São Paulo, do qual faço parte há cerca de 20 anos. Essa autoetnografia me transformou em um “sujeito de si” e por isso pude mergulhar em minha própria história em diálogo com outras pessoas e coletividades que vivem e atuam em contextos semelhantes.

Me despeço dessa narrativa na certeza de que as ações da arte periférica em torno de temas como saúde, autocuidado, bem viver e o cuidado de si, não se esgotam neste trabalho, mas abrem caminho para outras percepções e possibilidades de anúncio e resistência das populações periféricas. Pois, tenho percebido um movimento recente de diversas pessoas que compõem o movimento cultural das periferias, na busca de práticas restauradoras e holísticas, seja frequentando os terreiros de matriz africana, seja consagrando a Ayahuasca, ou estabelecendo hábitos alimentares mais equilibrados ou até mesmo a diminuição do fumo e ingestão de bebidas alcoólicas, que sussurram mudanças dignas e outras realidades possíveis nessa roda de arte, ativismo e vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. Tradução de Tadeu Breda. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

ALCANTARA, Liliane Cristine Schlemer e SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?** Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 40, p. 231-251, 2017.

ALMEIDA-FILHO, Naomar de. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011

ALMEIDA, Raquel. In: **HAPKE**, Ingrid; **MEDEIROS**, Mário; **NASCIMENTO**, Érica Peçanha do; **TENNINA**, Lúcia. **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2015.

ALMEIDA, Renato Souza de. **Juventude e participação: novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. PUC. São Paulo, 2009.

ALVES, Douglas. in COLETIVO LITERÁRIO SARAU ELO DA CORRENTE (Org.). **Sarau Elo da Corrente 13 anos: tambor, território e oralidades**. Avangi Cultural. São Paulo, 2021.

ANDRADE, Elaine Nunes. **Rap e educação, Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

_____. **Hip Hop: Movimento Negro Juvenil**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org). **Rap e educação, Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

ANGILELI, Cecilia Maria de Moraes Machado. **Paisagem revelada no cotidiano da periferia: Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo**. Mestrado FAU-USP, São Paulo, 2007.

ARRETCHE, Marta. **Democracia e redução da desigualdade econômica no Brasil - A inclusão dos outsiders**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.33. nº96. ANPOCS, 2018.

ASSIS, Mariana Santos de. **A poesia das ruas nas ruas e estantes: Eventos de letramento e multiletramentos nos saraus literários da periferia de São Paulo**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2014.

ASSUMPTÃO, Carlos de. **Tambores da Noite**. Coletivo Cultural Poesia na Brasa: São Paulo, 2009.

ÁVILA, Marcos Eduardo de. **Transmissores apreendidos em estações de radiodifusão clandestinas (rádio piratas) - aspectos periciais e forenses**. Dissertação (Mestrado). Escola Politécnica da USP. Depto. de Engenharia e Sistemas Eletrônicos. São Paulo, 2012.

BATISTA, Luis Eduardo; BARROS, Sônia. **Enfrentando o racismo nos serviços de saúde**. Cadernos de Saúde Pública, nº 33. Suplemento 1. Rio de Janeiro, 2017.

BONTEMPO, Vera Lima. **Achille Mbembe: a noção de necropolítica**. Sapere aude, v. 11. n. 22, p. 558-572, Jul./Dez. Belo Horizonte, 2020.

BOSSLE, F.; NETO, V. M. **No olho do furacão: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 31, n. 1, p.131-146, 2009.

BOTELHO, Guilherme Machado. **Quanto vale o show?: O fino Rap de Athalyba-Man.** São Paulo: Ed. do Autor, 2022.

BRILHANTE, Aline V. M.; MOREIRA, Claudio. **Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de conhecimento acadêmico.** Interface (Botucatu), v. 20, p. 1099-1113, 2016.

CAPULANAS Cia de Arte negra (org.). **(Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou.** Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

CAPULANAS Cia de Arte Negra, SILVA, Salloma Salomão Jovino da. **Negras Insurgências - Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: Perspectivas históricas, teóricas e práticas.** São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLETIVO LITERÁRIO SARAU ELO DA CORRENTE. **Sarau Elo da Corrente 13 anos - Tambor, Território e Oralidades.** Elo da Corrente Edições: São Paulo, 2021.

CORROCHANO, MC. **O trabalho e a sua ausência: narrativa de jovens na metrópole,** Fapesp, Annablume, 2012.

CORSO, Raíssa Padial. **Do Tamanho do Coração da Formiga.** Sarau da Minas: São Paulo, 2017.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. **Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38 n°3, 450-464. Jul/Set. 2018.

DAVIS, Angela. **O feminismo negro e as lutas por igualdade global.** In: Griôs da Diáspora Negra. Brasília. Griô Produções, 2017

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Revista Educação e Sociedade. Vol 28, n. 100, p. 1105-1128. Campinas, 2007.

D`ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: Cultura e política na periferia de São Paulo.** Tese de Doutorado em Sociologia. USP. São Paulo, 2013.

DE TOMMASI, L & SILVA, G. M da. **EMPREENDEDOR E PRECÁRIO: a carreira “correria” dos trabalhadores da cultura entre sonhos, precariedades e resistências.** REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, n° 52, Janeiro/Junho de 2020, p.196-211.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da Afro-brasilidade: História e Memória.** In: Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n° 23, novembro, 2008.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Carmen. **Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

FERRARO, Alceu Ravello. **A trajetória das taxas de alfabetização no Brasil nas décadas de 1990 e 2000**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 989-1013, out.-dez. 2011.

FERREIRA, Rafael de Paula Lima. **Trajetórias de adolescentes negros e periféricos da cidade do Recife e o cuidado em saúde mental**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2020.

FONSECA, Mariana Bracks. **Ginga de Angola: Memórias e representações da rainha guerreira na Diáspora**. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em História Social - USP. São Paulo, 2018.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, Ano 14, Brasil, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ética do cuidado de si como prática da liberdade**. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FROES, M.; PERES, M. **Akasha em Movimento: desenvolvimento neuropsicomotor infantil e sentidos corporais, curso do Paratodos/UFRJ**. Revista Metamorfose, Salvador, BA, vol. 4, nº 4, p.9-29, junho, 2020.

GAMA, Fabiane. **A autoetnografia como método criativo - experimentações com a esclerose múltipla**. Anuário Antropológico. v. 45. n. 2. UNB, 2020.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. **Políticas de prevenção ao suicídio no Brasil e seu impacto sobre as escolas**. Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista –Bahia, v. 15, n. 36, p. 43-60, Edição Especial, 2019.

GOMES, AMT. **O terreiro de umbanda como espaço de cuidado: algumas reflexões**. Revista Baiana de Enfermagem. Edição 35, e45202, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos na luta por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOULART, Sandra Lucia. **Contrastes e continuidade de uma tradição Amazônica: as religiões de Ayahuasca**. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas: SP, 2004.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. **Rap: transpondo fronteiras da periferia**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org). Rap e educação, Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

HAPKE, Ingrid; MEDEIROS, Mário; NASCIMENTO, Érica Peçanha do; TENNINA, Lúcia. **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2015.

HANASHIRO, Walker Umeki. **A Igreja Universal do Reino de Deus e a teatralização da sua batalha espiritual: Uma construção etnográfica da “Sessão Espiritual de Descarrego”**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, 2013.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

_____. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

_____. **A gente é da hora - Homens negros e masculinidade**. Tradução de Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

HUTTA, Jan Simon. **Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder**. Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente, n. 42, v. 2, Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”, p. 63-89, junho de 2020.

INFOPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias**. Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN). Brasil. Junho, 2019.

JÚNIOR. Emílio Telesi. **Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS**. Estudos Avançados, 30 (86), 2016.

_____. **Breve história das PICS na Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo - de 2001 a 2021**. Secretaria Municipal de Saúde - SP, 2021.

KOTEBAN, Ana. **Sangoma - Uma experiência sensorial necessária**. In: Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOURENÇO, Kleber. In: FAUSTINO, Carmen. **Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra**. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

LORDE, Audre. **A Burst of Light**. Ithaca, Nova York: Firebrand Books, 1988.

LUGARINHO, Mário César. **A apoteose da Rainha Ginga: Gênero e Nação em Angola**. Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n. 41, p.88-96, 2016.

MÃES DE MAIO (Org). **Do luto à luta: Mães de Maio**. São Paulo: [s.n], 2011.

MARÇAL, Débora. In: In: CAPULANAS Cia de Arte negra (org.). **(Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou**. Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Revista Artes & Ensaios. n.32. Dezembro. Rio de Janeiro, 2016.

MILLER, Daniel. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento**. Vídeo. 20min13seg. Publicado online na plataforma Youtube no canal do LISA em 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98>. Acesso em 10/01/2023..

MULANGI, Kota. **Espaço Potencial de Vida** In: FAUSTINO, Carmen. Mulheres líquido: os encontros fluentes do sagrado com as memórias do corpo terra. São Paulo: Capulanas Cia de Arte Negra, 2014.

NARANJO, Julio Moracen. In: CAPULANAS Cia de Arte negra (org.). **(Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou**. Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura Marginal”: Os escritores da periferia entram em cena**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. FFLCH/USP. São Paulo, 2006.

_____. **Literatura e periferia: considerações a partir do contexto paulistano**. In: Dalcastagnè, R. e Tennina, L. Literatura e periferias. Porto Alegre: Zouk, 2019.

_____. **Quando poesia rima com trabalho: Perspectivas profissionais a partir de um sarau literário**. Travessias. Cascavel. v.15, n.01, p. 18-33, jan/abr 2021. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/25527/17247>. Acesso em 19/07/2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luis Carlos (organizadores). **Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Magia e religião na umbanda**. Revista USP. São Paulo (31) 76-89 setembro/ novembro, 1996

NOGUEIRA, Oracy. **Vozes de Campos de Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar no estado de São Paulo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020

NÚCLEO ESPECIALIZADO DE SITUAÇÃO CARCERÁRIA. **Inspeção em presídios durante a pandemia da Covid-19 - Relatório da Defensoria de Segurança Pública**. São Paulo. Abril, 2022.

OLIVEIRA, Débora Priscila de Oliveira. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba-SP, 2018.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Fátima. **Saúde da população negra: Brasil ano 2001**. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2003

O MENELICK 2º ATO. **A arte híbrida das Capulanas Cia de Arte Negra**, 2010. Disponível em:

<http://www.omenelick2ato.com/artes-da-cena/teatro/a-arte-hibrida-das-capulanas-cia-de-arte-negra>. Acesso em 31/12/2022.

PAIXÃO, Adriana. **Por uma sociologia do teatro negro feminino das Capulanas: indícios e percursos**. In: CAPULANAS Cia de Arte Negra, SILVA, Salloma Salomão Jovino da. *Negras Insurgências - Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: Perspectivas históricas, teóricas e práticas*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

PERCILIANO, Michele. **No ritmo da poesia: o Rap e o Hip Hop como estratégia didática para ensino da história da África e da cultura afro-brasileira**. VIII Congresso Internacional de História. UNESPAR, 2017.

PIRES, Cláudia Geovana da Silva. **Crenças em saúde de pessoas negras hipertensas: barreiras e benefícios relacionados à medidas de prevenção e controle da doença**. Dissertação de Mestrado. Salvador: Escola de Enfermagem da UFBA, 2007.

PLÁCIDO, Ricardo do Ó. **Territórios Negros: Cartografias e Etnicidades na Experiência do Rap Paulistano (1970-1990)**. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades), Universidade de São Paulo, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**; ilustrações Pedro Rafael. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRETA, Priscila. **Me deram o não lugar... Eu criei meu lugar**. In: CAPULANAS Cia de Arte negra (org.). (Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou. Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. **Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistências e Cidade Desejada**. Tese de Doutorado em Geografia. FFLCH/USP. São Paulo, 2017.

REED-DANAHAY, Deborah. **Introduction**. In: REED-DANAHAY, Deborah. *Auto/ethnography: Rewriting the self and the Social*. New York: Berg, 1997

ROSA, Allan da. **Águas de homens pretos: imaginário, cisma e cotidiano ancestral (São Paulo, Séculos 19 ao 21)**. São Paulo: Veneta, 2021.

ROSA, Flávia. **Vozes e palavras bordadas de mulheres: A construção poético-dramatúrgica capulânica**. In: CAPULANAS Cia de Arte Negra, SILVA, Salloma Salomão Jovino da. *Negras Insurgências - Teatros e dramaturgias negras em São Paulo: Perspectivas históricas, teóricas e práticas*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SACOLINHA. **Dente de Leão- a insustentável leveza do ser**. Suzano: Vasto Mundo, 2019.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: Experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTANA, Bianca. **Contínuo Preta - A vida de Sueli Carneiro**. São Paulo: Cia. das Letras,

2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 79, nov. 2007.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos. **Das margens, escritos negros: Relações entre literatura periférica e identidade negra**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de São Carlos, 2015.

SANTOS, Sandra. Alunos, estes desconhecidos. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org). Rap e educação, Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999

SANTOS, Silvio Matheus Alves. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Revista Plural. São Paulo, v. 24.1, p. 214-241, 2017.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs)**. Portal Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/saude/plantas-alimenticias-nao-convencionais-pancs.htm>. Acesso em: 15/01/2023.

SCHÖRNADIE, Paulo Alfredo. **O Processo Educativo na Perspectiva Histórico-Cultural**. Revista Contexto e Educação, ano 29, num. 93, p.4-21, 2014.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE. **Primeiro Censo PICS**. Coordenadoria da Atenção Básica em Saúde - Área Técnica de PICS, 2020.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ª edição. Salvador: EDUFBA, 2004.

SILVA, Cidinha da. **Projeto Rappers: Uma iniciativa pioneira e vitoriosa de interlocução entre uma organização de mulheres negras e a juventude no Brasil**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org). Rap e educação, Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, Dione Mendes Machado da. **A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo, 2013.

SILVA, José Carlos Gomes da. **Arte e educação: experiência do movimento Hip Hop paulistano**. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (org). Rap e educação, Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

SILVA, LMF; Scorsolini-Comin F. **Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento**. Saúde soc. 2020; 29(1):e190378.

SILVA, Salloma Salomão Jovina da. **Cultura musical negra, entretenimento e mercado global**. In: BOTELHO, Guilherme Machado. Quanto vale o show?: O fino Rap de Athalyba-Man. São Paulo: Ed. do Autor, 2022.

_____. **Capulanas Cia de Arte Negra: Sob o signo da reinvenção**. In: (Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou. Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

SOUZA, Ana de. **Relato de uma Experiência**. In: (Em) Goma dos pés a cabeça, os quintais que sou. Capulanas Cia de Arte negra. São Paulo, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade**. Tempo Social; Rev. Sociologia USP, São Paulo, 161-178, 1993.

_____; ALMEIDA, Elmir de; CORROCHANO, Maria Carla. **Jovens em movimento: Mapas plurais, conexões e tendências na configuração das práticas**. Revista Educação e Sociedade. v. 41. Campinas, 2020.

TAKAHASHI, Henrique Yagui. **O Evangelho segundo Racionais Mc's: ressignificações religiosas, políticas e estético-musicais nas narrativas de Rap**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Sociologia - UFSCar. São Carlos, 2014.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.

VAZ, Sérgio. In: **HAPKE**, Ingrid; MEDEIROS, Mário; NASCIMENTO, Érica Peçanha do; TENNINA, Lúcia. **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2015.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

X, Malcolm; Haley, Alex. Autobiografia de Malcolm X. Record: São Paulo, 1992

YAKINI, Michel. **Acorde um verso**. Elo da Corrente Edições. São Paulo, 2012.

_____. **Crônicas de um Peladeiro**. Elo da Corrente Edições. São Paulo, 2014.

_____. In: **HAPKE**, Ingrid; MEDEIROS, Mário; NASCIMENTO, Érica Peçanha do; TENNINA, Lúcia. **Polifonias Marginais**. Rio de Janeiro. Aeroplano, 2015.

_____. In: SACOLINHA. **Dente de Leão- a insustentável leveza do ser**. Suzano: Vasto Mundo, 2019

YAKINI-IMAN, Michel. **Na Medula do Verbo**. Elo da Corrente Edições. São Paulo, 2021.

Discografia

509- E. **2002 Depois de Cristo**. São Paulo: Atração Fonográfica, 2002.

Biz Markie. **The Biz Never Sleeps**. EUA, 1989.

MAYFIELD, CURTIS. **Superfly**. EUA, 1972.

VÁRIOS ARTISTAS. O som das ruas. São Paulo Chic Show, 1988.

Pepeu. **The Culture of Rap**. São Paulo. Kaskata's Records, 1989.

GOG. **Dia a dia da periferia**. Distrito Federal: Independente, 1994.

RACIONAIS MC'S. **Escolha seu caminho**. São Paulo: Zimbabwe, 1992.

_____. **Raio X Brasil**. São Paulo: Zimbabwe, 1993.

_____. **Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Cosa Nostra, 1997.

_____. **Ao vivo**. São Paulo: Cosa Nostra, 2001.

_____. **Nada Como Um Dia Após o Outro Dia**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

RZO. **Todos são manos**. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.

Sistema Negro. **Bem vindo ao Inferno**. São Paulo: RDS Zimbabwe, 1994.

Sistema Racional. **Assim que tem que ser**. Santo André: Independente, 2004.

TADDEO, Eduardo. **Necrotério dos Vivos**. São Paulo: Prod. Independente, 2020

Filmografia

A negação do Brasil - O Negro nas Telenovelas Brasileiras. Dir. Joelzito Araújo. Brasil, 2002. Youtube, 90 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EvNPhyS863o>. Acesso em 18/11/2022.

Feel Rich: Health Is the New Wealth. Dir. Peter Spider. Estados Unidos, 2017. Netflix, 70 min.

Malcolm X. Dir. Spike Lee. Estados Unidos, 1992, 202 min.

Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo. Dir. Julia Vicente. Brasil, 2022. Netflix, 116 min.

Sangoma - Saúde às mulheres negras. Capulanas Cia de Arte Negra. Dir. Kleber Lourenço, São Paulo, 2013, Youtube. 109 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fi8SfiLAe98>. Acesso em 12/10/2022.